

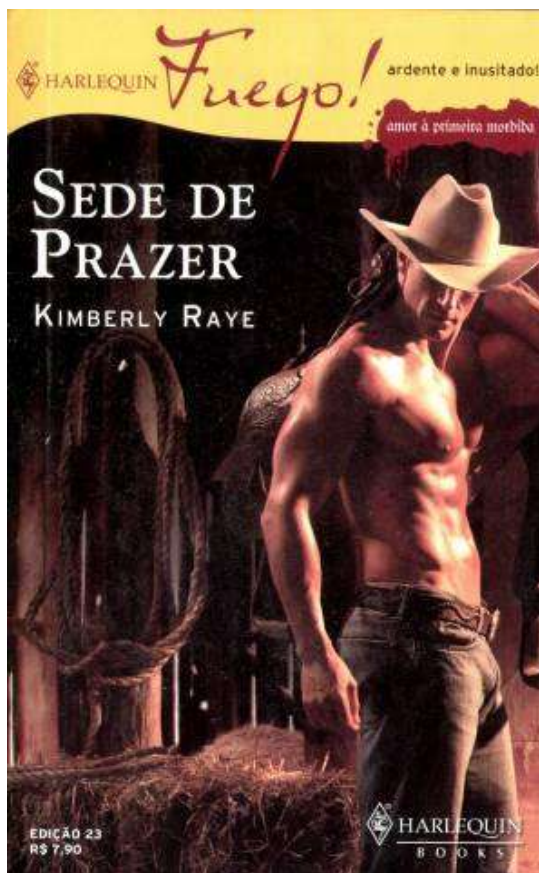


SEDE DE PRAZER

(A BODY TO DIE FOR)

Kimberly Raye

Amor à Primeira Mordida 3



A vampira Viviana Darland tem uma missão: reviver o melhor momento de prazer que teve em sua vida quase eterna antes que seu passado a alcance e as criaturas das trevas que ela mesma criou a destruam. Com certeza Viviana tem direito a um último prazer terreno. E, com Garret Sawyer, o prazer é sempre garantido.

Garret tem mais de cem anos de experiência, mas jamais esqueceu seu primeiro amor... ou sua amarga traição. Será que ele está feliz em rever Viviana? Não. Será ele capaz de resistir à necessidade de dar a ela a noite inesquecível que ela tanto deseja? Também não!

Mas Garret tem sua própria missão. Com a volta de Viviana, conseguirá ele destruir aquele que o tornou um vampiro e recuperar sua humanidade?

Digitalização: Simone Ribeiro

Revisão: Cássia



Querida leitora,

Eu sempre fui uma romântica incurável. Do tipo que chora com comerciais de cartão de crédito e cartões de dia dos namorados. Brega, eu sei. Mas o que dizer? Eu acredito firmemente em almas gêmeas e todas essas coisas melosas. Do fundo do meu coração, eu acredito que todos têm alguém especial, com quem foram feitos para ficar para sempre.

... Suspiros...

Eu sei que a realidade às vezes não é assim, mas e se fosse? Essa foi a pergunta que me deu a idéia para a história de Garret, a terceira em minha série Amor à primeira mordida. Garret Sawyer, caubói supersexy e o vampiro mais gostoso de Skull Creek, Texas, encontrou sua alma gêmea há anos (uns bons 200...), apenas para vê-la traí-lo.

Ele finalmente conseguiu superar o passado. Sua loja de motos vai bem. E melhor ainda: ele está perto de encontrar e matar o antigo vampiro que o transformou. Se destruir seu criador, ele quebrará a maldição e libertará não apenas a si mesmo, mas seus dois melhores amigos. Garret é um vampiro que sabe o que quer, e o que ele quer certamente não é Viviana Darland. Isto é... até ela aparecer em Skull Creek...

Muito obrigada por se juntar a Garret e Viv enquanto eles vivem suas fantasias mais ousadas e fazem as pazes um com o outro e com o passado em Sede de prazer. Espero que você se divirta tanto lendo quanto eu me diverti escrevendo.

Eu adoro receber mensagens de leitoras. Você pode me visitar online em www.kimberlyraye.com ou escrever para mim: Kimberly Raye — c/o Harlequin Books, 225 Duncan Mill Road, Don Mills, Ontario M3B 3K9, Canada.

Com amor, de uma romântica incurável para outra,

Kimberly Raye

Sobre a autora:

A premiada escritora Kimberly Raye sempre foi uma romântica incurável. Mesmo apreciando qualquer tipo de ficção, seus favoritos são os romances. Dos sensuais aos de ação, dos doces aos engraçados, ela gosta de tudo. Mas o que ela realmente adora fazer é escrever histórias, e quanto mais quentes melhor. Ela começou a escrever seu primeiro romance ainda no colégio. Kimberly vive no coração do Texas com seu próprio caubói, Curt, e seus filhos. Ela é uma leitora ávida, e adora chocolate, Toby Keith, chocolate, homens viris e chocolate. E também adora receber mensagens das leitoras. Visite-a em www.kimberlyraye.com!

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: A BODY TO DIE FOR

Copyright © 2008 by Kimberly Raye Groft

Originalmente publicado em 2008 por Harlequin Blaze

Projeto gráfico de capa: núcleo i designers associados

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186/2195-3185/2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

Ele cheirava a sexo.

Rico. Potente. Impressionante. Tal como um mousse de trufa cremosa e escura, salpicada de chocolate branco importado, um monte de chantili de framboesa e uma pitada de nozes com canela.

Aquele pensamento doido lhe bateu quando ela estava em pleno The Iron Horseshoe, um bar meio barra-pesada além da fronteira, e encarou o homem que estava sentado a uma mesa próxima.

Era um pensamento doido porque Viviana Darland não costumava pensar em comida.

Ela não consumia chocolate, nem chantili ou nozes.

Não era chegada a nada comestível, ponto. Ela era uma vampira, que se alimentava de sexo e de sangue, assim os pensamentos dificilmente se assemelhavam a um programa de culinária. Mas o desespero puro, consequência dos últimos dois dias que Viviana passou enfiada no Skull Creek Inn assistindo ao canal de culinária e tentando ganhar coragem para abordar o senhor Delicioso, era novidade, de modo que fazia sentido agir de um modo fora do normal. Afinal, ela estava com os dias contados.

Um rock sulista selvagem e rebelde saiu das caixas de som e vibrou ao redor. O coração dela bateu mais rápido, acompanhando o ritmo firme da bateria que fazia *tum tumtum*. Uma motocicleta Harley Davidson de neon brilhava no alto do bar e vários objetos relacionados a motocicletas, de pernas de couro preto a um pôster do filme *Easy Rider* — *Sem Destino*, decoravam as paredes.

Vários motoristas de caminhão, cujas máquinas enormes estavam estacionadas mais atrás, viravam cervejas em uma mesa ao lado. Alguns motoqueiros com roupas de couro se agrupavam ao redor de um alvo com dardos em outro canto. Um monte de homens de cabelos longos, barbas e jaquetas com o logotipo do Golden Chopper Motorcycle Club pareciam competir para ver quem bebia mais cervejas Corona no amplo bar que abarcava o comprimento de uma parede inteira.

O forte barulho de bolas de sinuca ecoava por sobre a música. A fumaça dos cigarros engrossava o ar. O cheiro penetrante de Jack Daniels pairava ao redor de Viviana.

Bem diferente do último bar da moda em West Hollywood. Ela engoliu em seco, sentindo um súbito nó na garganta. E daí?

Você é uma vampira. Você se adapta a qualquer lugar, a qualquer época, a qualquer situação. Pare de inventar desculpas, vá em frente e simplesmente diga a ele o que você quer.

A ordem lhe ecoou no coração, fazendo-a agir. Infelizmente, o corpo não a obedeceu, assim como não obedecera na primeira vez em que o vira.

Aquela memória lhe atropelou quando Viviana se virou para a esquerda e foi em direção ao bar. Ela se instalou entre dois brutamontes e pediu uma cerveja da casa.

Estava a caminho da minúscula cidadezinha no Texas onde vira aquele bonitão com o carro estacionado do outro lado da estrada que separava uma cidade da outra.

Reflexo do próprio desejo desesperado, pelo menos foi o que ela achou.

Mas Garret Sawyer era mais do que fruto da imaginação dela.

Ele era de carne e osso, e bem real.

Tão real quanto no dia em que ela o conheceu. Tocou-o. Beijou-o. Amou-o.

Isso sim era oportunidade. Podia esquecer a idéia de seguir os passos dele e provocar um encontro "casual". Podia deixar as formalidades de lado e ir direto ao assunto.

Pelo menos foi o que ela pensou ao sair do carro e se aproximar dele.

Mas ao ver a surpresa, a raiva e a mágoa nos olhos dele, Viv fraquejou na própria determinação. Ela mal conseguira dizer um "Há quanto tempo!" e saiu correndo de volta ao carro.

Não o vira desde então.

Mas perguntara por ele.

Como Skull Creek era a típica cidadezinha de interior, todo mundo tinha algo a dizer, desde o balconista do Piggly Wiggly ao desastrado que trabalhava no Dairy Freeze. Ela ficara sabendo que Garret era o especialista detrás da Skull Creek Motos, a única loja de motocicletas da cidade. Ele abrira a loja poucos meses antes e comprara um pequeno rancho um pouco além da divisa entre as cidades. Ele possuía dois sócios: Jake McCann cuidava do design e Dillon Cash monitorava os *softwares* e computadores.

Garret assinava a Gazeta de Skull Creek e comprava café no restaurante local todos os dias, ao entardecer. Ele também patrocinava uma pequena liga esportiva da cidade, doava dinheiro para um asilo e fazia parte do conselho da Câmara de comércio de Skull Creek.

Exatamente o que ela teria esperado de um homem de negócios de trinta e poucos anos que tentava se estabelecer em um lugar novo.

Exatamente o que ela não teria esperado de um vampiro de duzentos anos que sempre evitava ficar tempo demais no mesmo lugar.

— É por minha conta — disse o brutamontes da direita quando Viv pôs uma nota de cinco no balcão para pagar pela bebida.

Ela levantou a cabeça e se deparou com um par de olhos castanhos cheios de interesse.

O homem tinha cabelos longos, compridos e oleosos, e uma barba grossa. Fedia a cerveja, cigarro e frustração sexual. Sentia saudades da esposa. Mas não por ela ser uma mulher boa e honesta que levava os votos dele a sério. Não, ela era o oposto. Uma sem vergonha que o traía sempre que ele saía da cidade. Ele sentia falta de um corpo para abraçar na calada da noite. Jamais fora dado a muita bagunça, portanto saíra com muitas mulheres antes de conhecer a esposa. Não era do tipo de homem que se oferecia para pagar a bebida de uma mulher.

Até esta noite.

Viv percebeu a verdade nos olhos dele e sentiu o desespero.

E de repente não importava mais se ele não era o homem mais atraente que ela já conhecera. A única coisa que importava era a energia sexual que borbulhava dentro dele.

O desejo.

A necessidade.

Ela sentiu o próprio desejo se acender, fazendo-a se lembrar de que não se alimentava há muito tempo. Sentiu uma tensão no peito e um vazio no estômago. As mãos começaram a tremer e ela precisou de muita força de vontade para não aceitar a oferta primitiva daquele homem.

Mas a questão não era conseguir dar um jeitinho de realizar algumas fantasias estranhas.

A questão era apenas se satisfazer.

— Obrigada, mas não. *Você devia tentar aquela loura lá no canto*, ela acrescentou em silêncio. *Acho que ela gosta de você.*

Ele fixou os olhos em Viv por mais alguns instantes, até que enfim pareceu entender a mensagem. Finalmente, os olhos dele brilharam e a esperança se acendeu dentro de si. Ele se voltou para a mulher que estava sentada ao lado, bebendo uma margarita e olhando para ele.

Viv pegou a cerveja e voltou a prestar atenção na verdadeira razão que a levava ao Iron Horseshoe.

Ele se sentou de frente para ela, de costas para a parede, com os pés apoiados na mesa em frente. Usava calças jeans desbotadas que contornavam a cintura elegante e as coxas musculosas. Uma camiseta preta batida, com as palavras "Easy Rider" adornadas em azul-neon e letras prateadas, lhe envolvia o peito amplo e aqueles bíceps pecaminosos. As mãos grandes eram acentuadas pelas luvas pretas de dedos cortados. Uma pequena caveira de prata balançava em uma das orelhas. As únicas coisas nele que não entregavam tratar-se de um motoqueiro da pesada eram o chapéu preto Stetson na mesa, ao lado do copo de cerveja, e as botas pretas de caubói.

Ela observou as pontas gastas das botas e levantou os olhos, passando pelas longas pernas, as linhas duras e magras do torso, a coluna bronzeada do pescoço. A atenção se deteve no leve batimento do pulso dele, e então Viv ficou com a boca seca. Apesar de a guitarra plangente e da bateria estrondosa, ela conseguia ouvir a batida firme do coração dele. O som a chamava, a convidava a se aproximar, mas o medo a detinha.

Ela flexionou os dedos ao redor da garrafa de cerveja gelada.

Encarou-o e lambeu de súbito os lábios secos.

Ele possuía cabelos castanhos cortados bem rentes e os traços ásperos de um homem que já havia passado bastante tempo montado em uma sela. A barba de um dia lhe escurecia o maxilar e ressaltava os lábios sensuais. Os olhos azul-claros colidiram com os dela.

Não houve brilho de surpresa nem vislumbre de dor. Apenas a luxúria mais pura e inconfundível.

Como se ele estivesse esperando por ela, querendo-a tanto quanto ela o estava querendo.

Viv foi cravada por um desejo agudo e, pela primeira vez em muito tempo, exatamente cento e oitenta anos, sentiu as pernas tremerem.

Tal reação lhe fortificou a coragem. E também apagou qualquer dúvida que ainda pudesse ter quanto à decisão de ir embora de Los Angeles e trocar a carreira de fotógrafa de tabloide por uma cidadezinha no Texas e um posto em uma revista local de turismo.

Ela jogou tudo fora por sexo.

Por ele.

Porque Garret Sawyer fora o primeiro homem a lhe proporcionar um orgasmo alucinante.

O único homem.

E Viviana Darland queria mais uma dose antes que o passado voltasse para lhe assombrar e derrotar de vez.

Ele só podia estar sonhando.

Outra fantasia daquelas de deixá-lo com o membro latejando e o coração preso.

Porque ela não podia estar mesmo lá, não mesmo.

Ali.

Agora.

Ela desceu do banco do bar e caminhou em direção a ele, e assim a realidade se impôs.

Droga.

O xingamento era o que a mente expressava. Mas o corpo maldito e traidor não estava nada irritado.

Sentiu a tensão nos músculos. A espinha enrijeceu. Sentiu um calor lhe atravessar, bombardeando o membro até ele se manifestar plenamente. Os olhos absorveram a imagem dela, percorrendo-a dos pés de unhas vermelhas à cabeça, subindo novamente assim que ela chegou à própria mesa.

Ela parecia diferente. Tão diferente.

Em vez de estarem puxados para trás, os longos cabelos negros estavam soltos em mechas que lhe emolduravam o rosto, acentuando os olhos azul-claros e os fartos lábios rosados. Uma jaqueta justa azul-marinho moldava-lhe os seios exuberantes e a cintura fininha. A saia combinada ressaltava-lhe as coxas curvilíneas. Sandálias de salto alto deixavam as pernas ainda mais longas do que as saias compridas e anáguas que ela usara em outra época.

Diferente, mas continuava com o mesmo brilho no olhar. A mesma postura confiante.

As narinas dele se inflaram e ele absorveu o mesmo aroma cálido de maçã e canela do qual se lembrava tão bem.

— Este lugar está ocupado? — A voz suave e familiar lhe adentrou os ouvidos e lhe fez disparar o coração. Antes que ele pudesse responder, ela puxou a cadeira em frente a ele e sentou-se.

A música agitada do ZZ Top acompanhava a pulsação cada vez mais acelerada de Garret.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, enfim, após um longo momento.

Ela levantou uma garrafa de cerveja Lonestar e lhe deu um sorriso discreto.

— Fiquei com vontade de experimentar do produto local.

— Não aqui no Horseshoe. — Ele apertou os olhos, encarando-a. — Aqui. Nesta

cidade.

Ela deu de ombros.

— Vim a trabalho.

Isso foi o que ela disse. Mas os olhos, aqueles olhos mais azuis do que o próprio azul, estavam dizendo algo bem diferente. Ele não deixou de perceber o brilho de desespero. Nem a centelha de desejo.

— Faz tempo que não temos nenhuma abdução por ET's nem ninguém dizendo ter visto Elvis — disse ele, sarcástico.

— Não estou mais trabalhando para aquele tablóide de fofocas. Agora sou *freelancer*. Estou fazendo uma reportagem sobre turismo em cidades pequenas. — Os olhares de ambos colidiram. — Cidadezinhas sexys.

As palavras dela ataçaram uma onda de memórias que ele havia enterrado há muito, muito tempo. Memórias dos dois em momentos de loucura...

Garret pisou no freio e deu meia-volta antes que perdesse mais um segundo percorrendo o caminho errado. Caminho este que ele já havia tomado, e que o fizera se arrepiar do pior jeito. Claro que ele não podia evitar as poluições noturnas que tinha de vez em quando. Mas aquilo era pura fantasia. Uma fuga da monotonia de viver anos e anos e anos.

Mas ele não seria idiota de buscar realizar aquelas fantasias.

De novo, não.

Ele se recostou à cadeira e cruzou os braços.

— Este lugar é empoeirado. E quente. E tem cheiro de estrume quando bate o vento do sul. Estamos no meio de uma fazenda. Não tem nada de sexy.

— Para você, que mora aqui, não. Mas se estivesse enfiado em Nova York, Chicago ou Detroit, seria outra história. Tem bastante gente que adoraria dar uma escapada da dureza diária da civilização e voltar ao contato com a natureza. Em uma cidade pequena dá para fazer isso. Não há congestionamento. O ar não é carregado de poluição. Não há selva de concreto. Só um monte de pássaros, árvores e léguas de campos. — Ela sorriu. — Vamos lá, você tem de admitir que a paisagem daqui é incrível.

Maldição dos infernos.

Ela parou para lambear os lábios e ele não teve como deixar de acompanhar o movimento com o olhar.

O estômago dele deu voltas e as palavras escapuliram antes que pudesse conter-se.

— Imagino que seja bem legal. Mas sexy?

— Pode ser. Se você estiver com alguém especial. Há casais do mundo inteiro ansiosos para descobrir alguma cidadezinha antiga e peculiar, com um povo agradável e muitas cores típicas para uma pequena viagem romântica.

— Você acaba de descrever todas as cidades daqui até Rio Grande. E isso ainda não responde à minha pergunta: por que justamente essa cidade? —A minha cidade! O olhar de Viv colidiu com o dele, que se pegou desejando poder ler os pensamentos dela do jeito que conseguia ler os pensamentos dos humanos.

Mas ela era uma vampira. Sempre fora.

Sentiu uma garfada nas vísceras e retesou os músculos.

— Por que Skull Creek? — ele insistiu.

Por um longo instante, ela nada disse. Em vez disso, lambeu os lábios outra vez. Uma vez. Duas. Se ele já não a conhecesse bem, poderia jurar que ela estava tentando ganhar coragem.

Mas ele já sabia.

Viv jamais carecera de coragem. Era uma sanguessuga que conseguia o que queria. E descartava o que não queria mais.

Ele sabia por experiência própria.

— E por que não Skull Creek? — ela rebateu. — Ademais, não é a única cidade que estou pesquisando. É apenas uma dentre as cinco que estou visitando para este artigo em particular. — A música se aproximou mais deles quando a caixa de som soltou a voz de Bob Seger cantando "Night Moves".

— Matéria turística, hein? — ele disse enfim. — Parece enfadonho em comparação às coisas que você costumava fazer.

Ela deu de ombros e tomou um bom gole de cerveja.

— Eu estava querendo mesmo mudar de ritmo.

— E eu aqui pensando que você veio de longe só para me ver.

— Na verdade... — A voz dela desapareceu enquanto parecia procurar pelas próximas palavras. — Vim mesmo. — Ela o fitou nos olhos e Garret viu outra vez aquele brilho de desespero associado à centelha de medo. — Eu... — Ela engoliu em seco. — Quero dizer, eu sei que você abriu uma loja de motocicletas recentemente e pensei que talvez pudesse posar para umas fotos para minha matéria. Sabe, a idéia é mostrar tudo que Skull Creek tem a oferecer. Já tirei fotos dos campos de jasmins do sr. McClury e do coreto da praça. Sei que uma loja de motocicletas não parece lá muito sexy, mas o que ela sugere pode ser, sim. Dois apaixonados seguindo em uma moto ao pôr do sol. — Ao ver que ele não disse nada, ela acrescentou — São só umas fotos. Você não vai precisar fazer nada. Só estar lá para me deixar entrar e sair e responder a umas perguntinhas.

— E o que eu ganho com isso?

— Divulgação grátis. Em troca das fotos, a revista vai publicar seus contatos e lhe dar meia página de anúncio de graça. — Ela sorriu e ele teve vontade de sair correndo enquanto ainda estava no controle da situação.

A última coisa de que precisava era ter Viviana de volta na vida dele. Já lhe fora difícil demais deixar o passado. Era melhor manter distância e preservar a própria sanidade.

Ao mesmo tempo, ele não tinha como calar a voz que lhe dizia que havia algo além da manifestação de seu membro traiçoeiro.

O que ela queria dele não se limitava a algumas fotos, e ele não conseguia conter o ímpeto de descobrir o que mais poderia ser.

Não queria nem pensar em passar algum tempo com Viviana, pois ainda sentia algo por ela. Qualquer coisa que ele um dia sentira por ela morrera muito tempo atrás, junto à condição humana. A única coisa que sobrava agora era a luxúria que vivia dentro dele. E luxúria era uma coisa que ele sentia por todas as mulheres.

Uma luxúria que ele vinha negando desde que chegara a Skull Creek. Estava cansado de ficar com uma mulher diferente toda noite. Pior ainda, estava cansado de ser vampiro.

Queria sair daquela situação. Queria voltar a ser humano.

— No momento estou ocupado com o projeto de uma motocicleta encomendada por um poderoso de Dallas. Você não poderá atrapalhar.

Ela assentiu.

— Sem problema. Você nem vai perceber minha presença.

Ele sorveu o resto da bebida.

— Amanhã à noite, então. Às sete.

A excitação transpareceu no rosto dela ao se levantar.

— Encontro marcado. Antes fosse um encontro.

Ele afastou o pensamento, deu um gole na cerveja e observou os movimentos dentro da saia de brim enquanto ela se afastava.

Observou era o termo. Uma palavra que implicava distância, perspectiva e ausência de toque.

Bem, não havia nada de errado em olhar.

CAPÍTULO DOIS

Cada centímetro do corpo de Viv parecia gritar quando ela saiu sob o olhar fixo de Garret.

As mãos tremiam. O estômago formigava. Os mamilos tiritavam. Um calor subiu-lhe ao rosto e ela sentiu algo zunindo no corpo, das raízes dos cabelos aos calcanhares. A química entre eles estava ainda mais forte do que ela se lembrava.

O que explicava a razão pela qual ela acabou não propondo o que tinha em mente, na verdade.

Ela queria muitas coisas de Garret Sawyer: as mãos dele na pele, os lábios devorando os dela e o corpo cheio e grosso lhe adentrando. E nenhuma dessas coisas tinha a ver com foto alguma.

A não ser que a tal foto incluísse tudo isso.

Mas fotos de uma loja de motocicletas?

Aquilo nem era mais desespero. Os 180 anos sem um orgasmo sequer agora cobravam um preço. O desespero já se transformara em descontrole.

— Ei, gracinha.

Ela levantou os olhos e viu um homem parado logo à frente, bloqueando a passagem. Era um dos motoqueiros que estavam jogando dardos quando ela entrara no bar.

Ele lhe envolveu os ombros com um dos braços.

— Que tal você e eu nos sentarmos e nos conhecermos melhor?

Isso era o que ele estava dizendo, mas ela sabia a verdade. Ele não queria conhecê-la. Ou seja, não queria conhecer a mente dela. Quanto a sentar... O que ele pretendia de mais próximo a isso era vê-la sentada no colo dele fazendo a melhor imitação de rainha do rodeio.

— Não, obrigada.

— Ah, não faça assim. — Ele roçou os dedos grossos no braço dela. — Só quero fazer amizade.

— Duvido. — A voz profunda de Garret veio por sobre o ombro dela, arrepiando-lhe os cabelos da nuca.

O homem virou-se, de olhos arregalados.

— De onde você saiu?

— Você quer mesmo saber? — O homem piscou, confuso.

— Você não estava sentado agora mesmo do outro lado do salão?

— Tenho reflexos rápidos. — Vendo que o homem não pareceu convencido, Garret disse: — Não era para você estar em casa com Liza?

O homem transpareceu perplexidade na expressão e apertou os olhos.

— O que você sabe sobre minha mulher?

— Sei que ela lhe abandonou porque você não sabe se controlar quando se trata de sexo. Também sei que vocês continuam casados, apesar de ela estar morando na casa da mãe. — A expressão de Garret estava dura como granito. — Você não devia estar aqui dando em cima de mulheres. Devia estar implorando para Liza perdoá-lo.

O sujeito pareceu confuso por um longo tempo até uma idéia lhe vir à cabeça.

— Você é algum daqueles super-heróis, não é?

— Longe disso — respondeu Garret.

— Então é médium? Minha tia Bertie era médium. Ela tinha quarenta gatos e jurava conseguir falar com todos eles. Sempre sabia quando um deles estava ficando doente.

— Também não sou médium. Sou um cara que está furioso. Portanto tire as mãos da moça. Agora.

— Nem morto... — Ele começou a dizer, mas a voz foi sumindo quando Garret cravou os olhos nos dele.

— Vá para casa — disse Garret.

E implore à sua mulher para aceitá-lo novamente, Viv acrescentou em pensamento quando o homem tirou os olhos de Garret e fitou os dela. Ele assentiu e lhe soltou o braço.

— Obrigada — disse ela a Garret quando o homem finalmente se afastou. — Mas você não precisava fazer isso. Sei me cuidar.

— Eu sei. — Ele a fitou com olhos penetrantes e, por uma fração de segundo, o tempo retrocedeu e o muro entre eles pareceu cair.

Os olhos dela brilharam de preocupação.

— Quanto às fotos — ela se ouviu dizer —, eu... Eu estava mentindo. Eu não quero tirar sua foto, quero você. Selvagem, nu e dentro de mim. Ela abriu a boca, mas apesar de tomada pelo momento de *déjà vu*, parecia faltar-lhe forças para pronunciar as palavras.

— Eu... Mal posso esperar para começar—ela se ouviu dizer. —Até amanhã. — E então virou-se e saiu.

A abafada noite texana absorveu-a. Ela saiu pisando no chão de cascalhos em direção ao Jaguar prateado estacionado ao fim de uma longa fileira de motocicletas. Os ouvidos se concentraram em busca de algum som que indicasse que Garret a seguia.

Nada.

Sentiu uma onda de desapontamento, seguida por alívio.

Alívio? O que diabos estava acontecendo com ela?

Ela devia tê-lo carregado para fora junto de si, empurrado-o contra o primeiro muro e beijado-o na boca para deixar bem claro o que tinha em mente.

Era isso que teria feito com qualquer outro.

O que sempre fizera para manter a força e alimentar a fome que se agitava no fundo dela.

Mas se por um lado Viv extraía bastante energia sexual dos orgasmos dos parceiros, por outro lado jamais fechara os olhos e se perdera na sensação convulsiva do próprio corpo, desfazendo-se em mil pedacinhos.

Não desde a última noite com Garret.

Ela já era vampira na ocasião, e ele, um mero mortal. Aquele encontro mexeu com ela como nenhum outro. Sexo fenomenal, e ela ficou caída por ele.

E ele por ela.

O biruta chegou a pedi-la em casamento.

Ela tocou o dedo anular. Ainda dava para senti-lo descendo pelo dedo. Visualizou na mente a aliança de ouro e o rubi quadrado vermelho-sangue. Era pequeno. Bem pequeno, mas lindo. Pertencera à avó dele, Garret dissera.

Ela deu um sorriso indulgente e encenou durante um tempo. Como sempre fazia com os homens. Ela era uma vampira. Carismática. Impressionante. Podia vestir um suéter largo e estar no pior dia do ano, e ainda assim os homens a achavam irresistível. Não era de surpreender que Garret tivesse se apaixonado perdidamente por ela tão rápido.

Não, o que realmente a assustou foi o que ela sentiu por ele.

Ela realmente gostava dele.

Ele havia sido um patriota do Texas. Forte. Nobre. Corajoso. E desde o momento em que entrara naquela pequena taberna onde Viviana trabalhava, ou melhor, se alimentava, ela sentiu-se atraída.

Assim, ela fez o impensável: dormiu com ele não apenas uma vez, mas várias. Era mais do que sexo, eles passaram algum tempo juntos na verdade.

Saíram em passeios ao luar, deram-se as mãos sob as estrelas e trocaram confidências e sonhos. Sonhos loucos de amor, casamento, filhos e um lar de verdade.

Na época ela havia acabado de ser transformada em vampira e tentava desesperadamente ignorar tal fato.

Por sua vez, ele também era um homem ansioso para escapar da morte e da destruição que proliferavam ao redor.

E assim ela fingira, e ele fingira também.

Ela vira o amor nos olhos dele, e se deixou acreditar que era de verdade.

Mas não era.

Não fora naquela época e com certeza não seria agora.

Ele não era mais um ser humano fraco e impressionado pelo charme da vampira, e ela não estava mais negando sua verdadeira natureza.

Ambos eram vampiros, totalmente enraizados no presente.

Quando fossem para a cama de novo, não haveria mais palavras suaves entre eles, nem conversas bobas de viverem felizes para sempre.

Nada de falsas promessas.

Apenas luxúria.

Crua.

Primitiva.

Selvagem.

Isso se eles ficassem juntos.

A dúvida abriu caminho na mente de Viv enquanto ela sentava-se ao volante do carro e ligava o motor.

Não haveria "se".

Sexo tinha de ser uma coisa certa, e a péssima desculpa que ela dera a ele naquela noite não a favorecia em nada. Ela não ia tirar apenas uma foto. Isso significava que eles não passariam apenas cinco minutos conversando fiado. Levaria horas, talvez dias, para acertar o equipamento, a câmera, a luz, o fundo, e conseguir tirar as fotos certas. Viv não tinha dúvidas de que, quanto mais tempo passassem juntos, mais explosiva a química ficaria.

Afinal ele a queria tanto quanto ela o queria. Viviana não conseguia mais olhar nos olhos dele e ver todos os pensamentos, vampiros não conseguem ler pensamentos de outros vampiros como fazem com os humanos, mas, mesmo assim, vira um brilho nos olhos dele que entregava tudo.

Ela sentira o ciúme dele ao vir acudi-la.

Algo estava para acontecer entre eles.

Acabaria acontecendo.

Antes de Cruz e Molly alcançarem-na de novo?

Quando a questão lhe ocorreu, os instintos de sobrevivência entraram em ação. Ela deu uma olhada ao redor e absorveu o ambiente do estacionamento semilotado. O olhar

rompeu a escuridão, afastando as sombras, procurando. Os ouvidos se aguçaram e as narinas inflaram, mas ela só sentiu o cheiro de restos de cerveja e cigarro.

Estava a salvo. Sabia que estava. Sentia.

Por enquanto.

No último ano, fora preciso ao menos uma ou duas semanas para os outros vampiros rastrearem-na, uma vez que ela havia vacilado.

Exceto pelo último encontro. Quando eles a abandonaram para morrer.

Ela dera um caráter sensacionalista ao último de uma série de assassinatos no estado, graças ao Açougueiro.

O Açougueiro enganara a polícia em mais de vinte e nove mortes, e ainda estava à solta. Os crimes de verdade não costumavam ser assunto dos tablóides, mas o Açougueiro era exceção, pois diziam que ele era uma celebridade de Hollywood que enlouquecera. Ao menos foi isso que ele disse ao mundo ao escrever uma mensagem com sangue na parede do apartamento da primeira vítima. Todos os tablóides agora competiam para descobrir a identidade dele primeiro.

Viv estava cobrindo as atividades dele desde o primeiro assassinato em West Hollywood, passando por um casal de idosos de Portland até a pilha de corpos abandonados em uma cabana nas cercanias de Tacoma. Ela estava localizando o verdadeiro cenário do crime quando foi descoberta pelas autoridades locais, mais especificamente o empedernido xerife Matt Keller. O sujeito quase a grelhou com perguntas: para quem ela trabalhava, como ficou sabendo dos assassinatos, por que estava lá, quando fora chamado de volta à delegacia. Ele a ameaçara de prisão e a tirou do local. As palavras de despedida foram "fique longe daqui".

Ela deveria ter-lhe dado ouvidos.

Mas acabou voltando. Estava tirando fotos ao ser atacada pelos dois vampiros que estavam atrás dela por mais de três anos. Eles lhe enfiaram uma estaca no peito e a deixaram na varanda da frente da cabana, para que fritasse ao sol.

Mas Molly errara na pontaria. A faca não lhe acertara o coração, mas sim o pulmão. Apesar de não ser mortal, o ferimento era grave. Ela sangrou muito e o sangue se misturou ao das outras vítimas do Açougueiro. Ela teria torrado aos primeiros raios do amanhecer se não tivesse conseguido se arrastar para dentro de casa pela porta da frente. Uma vez lá dentro, se escondeu dentro de um dos armários. Foi lá, agachada sob um monte de roupas mofadas, que sentiu-se vulnerável pela primeira vez. Ferida. Nervosa. Com medo.

Cruz e Molly queriam ser transformados em humanos novamente, e nada os deteria na determinação de destruir a vampira que lhes tirara a condição humana.

Ela ainda era capaz de ver os rostos deles quando se conheceram muitos anos antes. Oitenta e sete anos exatamente. Ela estava à procura da refeição seguinte em alguma cidadezinha fora do mapa, quando se deparou com um grupo de escravos brancos escondidos em uma casa nos arredores da cidade.

Molly estava acorrentada no porão e Cruz fora um dos raptos. Ele se apaixonara por ela e tentou ajudá-la a escapar, mas acabou acorrentado junto a ela.

Após um encontro violento com um dos guardas (o resto dos mercadores de escravos estava no andar de cima, todos caídos de tanto beber tequila), Viv libertou um porão inteiro de prisioneiros, sobretudo mulheres e crianças. A maioria dos prisioneiros saiu

correndo antes que seus carrascos recobrassem a consciência.

Menos Cruz e Molly.

Eles viram quem Viv realmente era e quiseram escapar de outra maneira.

As vozes lhe ecoaram na cabeça, tão fortes e claras, que parecia ter sido ontem que ela descera àquela prisão infernal.

— Você não pode nos abandonar assim. — Cruz envolveu os dedos de Molly com uma das mãos. Na outra tinha uma faca que tomara de um guarda.

O corpo do homem estava caído em um canto próximo. Ele estava desmaiado. Por enquanto.

— Eles vão atrás de nós — disse Cruz. — Vão, sim.

Ele balançou a cabeça de forma frenética. Os olhos cintilavam sob as memórias terríveis das surras, do aprisionamento e das humilhações. Ele vira a mulher que amava sendo estuprada. Repetidas vezes. E não podia fazer nada para impedir.

Ainda não podia.

A verdade queimou dentro dele, alimentou o desespero e o medo no corpo tenso.

— Você precisa nos ajudar — disse ele, com olhar de súplica.

— Vão embora já — respondeu Viv. Não podia fazer o que ele estava pedindo. Não traria mais ninguém para o mundo das trevas. Jamais. — Vocês estarão com boa vantagem sobre eles — continuou. — Pegue Molly e vá embora. Eu cuidarei deles.

— Vai matá-los?

Mas ela tampouco podia fazê-lo. Apesar de ter transformado alguns em vampiros, jamais causara a morte de alguém. Não, ela os salvava da morte. Ou ao menos achava que sim.

— Não posso fazer isso. Mas vou atrasá-los. É tudo que posso fazer.

— Não basta — disse Molly com a voz pequena e depressiva. — Eles vão nos achar.

— Não vão — garantiu Viv. — Mas vocês têm de ir embora. Já.

— Você não os conhece. — Cruz balançou a cabeça com uma expressão estranha nos olhos. Soltou a mão de Molly e levantou a faca. — Eles vão nos encontrar e nos farão pagar por isso. E eu não vou conseguir detê-los. Não desse jeito.

A faca cintilou e, antes que Viv pudesse piscar, ele fez um corte profundo no próprio pulso. O sangue esguichou, jorrando no chão em velocidade assustadora.

— Por favor — balbuciou ele; caiu de joelhos, e a vida lhe escapuliu.

Viv piscou a fim de afastar aquela memória tão nítida. Ela não conseguira ficar parada, observando-o morrer depois de tudo que ele já havia sofrido. Então ela o transformou.

E ele transformou Molly.

E então os dois vampiros recém-convertidos se vingaram.

Mas o que no início viram como salvação acabou se revelando uma maldição.

E eles queriam quebrar tal maldição.

Finalmente se deram conta de que se matassem Viviana, iriam se libertar das correntes das trevas que lhes prendiam, silenciariam a fome que lhes governava a existência e se tornariam humanos de novo.

Fazia oito dias desde que Viviana se arrastara para dentro daquele armário e encarara a própria mortalidade. Não tinha dúvidas de que Cruz e Molly já sabiam que haviam falhado. E viriam atrás dela outra vez para fazer o serviço direito. E ela ia deixar.

Porque, além de medo, ela sentiu outra coisa enquanto estava enfiada naquele armário. Enquanto o corpo se curava, a mente revivia o passado. Ela passara três dias escondida, curando-se e pensando na vida, pensando em todas aquelas pessoas que ela tentou salvar da morte.

Finalmente admitira a verdade a si: a despeito das próprias intenções, ela não salvara ninguém de verdade. Não, ela os condenara a um destino pior.

As trevas.

A fome.

Nada além.

Ela percebeu que só teria mais alguns dias até ser encontrada por Molly e Cruz. Quando isso acontecesse, não tinha intenção de lutar. Pelo contrário: desta vez pretendia encarar os erros e ajustar as contas. Ela lhes daria a humanidade de volta.

Mas, antes de se submeter à própria morte, ela queria sentir-se viva de verdade uma vez mais.

Uma última vez.

Viv pegou o cordão que deixara pendurado no espelho retrovisor e pôs no pescoço, acomodando o medalhão entre os seios.

Deu a partida no carro e seguiu de volta para o hotel.

CAPÍTULO TRÊS

Ela era perfeita.

Garret ficou olhando a ruiva se afastar pelo chão de cascalho. As narinas dele se inflaram. O leve cheiro de xampu de morango veio pela brisa, sobrepondo-se ao cheiro de cerveja e cigarro. Ela respirava com rapidez, entreabrindo ligeiramente os lábios. Os seios pequenos saltavam a cada vez que inspirava.

Fazia uma hora que Viv tinha ido embora do bar.

Uma hora pensando, devaneando e fantasiando. Ele logo descartou a parte das fantasias e se concentrou na fome que lhe atormentava. Veio um calor lento e profundo. Sentiu a garganta fechar. Apertou os olhos e fixou-os de novo naquela mulher. Ele percebia tudo nela, desde o jeito como os olhos brilhavam de excitação e medo, ao leve reboado do caminhar, como se ela não usasse saltos altos há tempos.

E então ele se deu conta de que ninguém pareceu reparar nela.

Os outros homens não a olharam, nem babaram como se fossem comê-la com os olhos, tal como fizeram com Viv.

Afinal, não havia nada de sobrenatural com aquela mulher.

Ela era real.

Comum.

E assim os homens continuaram bebendo e atirando dardos enquanto a mulher sentava-se em um banco do bar e cruzava as pernas.

Como se sentisse que ele estava prestando atenção, ela se virou. Os olhos verdes se chocaram com os dele, e a verdade lhe ecoou na cabeça: aquele era o último lugar onde ela queria estar, mas estava cansada de ficar em casa sozinha, alimentando a dor de cotovelo por causa do namoro de anos terminado. Ela precisava aliviar a frustração sexual e esquecê-lo de uma vez.

Precisava de sexo para superar aquilo.

E Garret precisava da energia que borbulhava dentro dela, principalmente agora que Viv estava de volta à vida dele. Se ele pretendia manter a cabeça erguida e o membro dentro das calças, precisava de toda a força possível para encará-la na noite seguinte.

E precisava saciar a fome.

Satisfazê-la.

Ele se levantou, apesar da promessa que fizera a si de interromper aquele ciclo de casos de uma noite que faziam parte da condição de vampiro. A constante necessidade de sangue e sexo. O sangue do qual não podia abrir mão. Andava se alimentando de sacos de sangue, cortesia de um contato que tinha no banco de sangue de Austin. Mas o sexo... Ele não ia sair levando metade das mulheres de Skull Creek para a cama como fizera em todas as outras cidades. Estava cansado de mudar de um lugar a outro. Correndo. Existindo. Queria viver de novo.

Queria voltar a ser humano.

Ele também poderia consegui-lo. Era só encontrar e destruir o vampiro que o transformara. Tarefa praticamente impossível, ou ao menos era o que achava. Até que Dillon Cash, o gênio dos computadores por detrás da Skull Creek Motos, apresentou uma pista sólida.

Tudo começou com um blog vagabundo que Dillon começara alguns meses antes, feito com o intuito de localizar o ascendente de Garret. Por incrível que pareça, o blog ficou popular. As pessoas começaram a comentar.

Apesar de a maioria dos visitantes do blog consistir em aspirantes a vampiro, havia alguns poucos *posts* autênticos. Mas eram o suficiente para Dillon conseguir a pista de um vampiro que se encaixava na descrição que Garret tinha na memória.

Ele não se lembrava de muita coisa. Só de uma sombra escura, de um cheiro doce e suculento e de um medalhão de ouro. Ele desenhou o medalhão e Dillon escreveu sobre ele no blog, e agora tinham um nome.

Nome este que provavelmente não os levaria a parte alguma.

Ao mesmo tempo, havia uma possibilidade, mínima que fosse, de Garret chegar mais perto do que nunca do Vampiro Ancestral.

Ele contratara um detetive particular para investigar o nome. Dalton MacGregor, um boina verde condecorado do exército americano e ex-policia, prometera aparecer com um endereço até o fim da semana. Razão suficiente para Garret ignorar a fome que o corroía e ir embora em vez de ir atrás da mulher.

Cinco passos e ele a alcançou. O desejo cintilava nos olhos dela, que lambeu os lábios. Ela xingou-se em silêncio por não estar usando o top cor-de-rosa. O branco sempre fazia os seios dela parecerem pequenos.

Ele baixou os olhos e, por um breve momento, se deteve nos seios cobertos pelo top de algodão.

Ótimo. Ele emitiu uma mensagem silenciosa e passou o foco para o rosto dela, a tempo de vê-la sorrir.

— O que você está bebendo? — ele perguntou.

— Corona. — Ela lambeu os lábios novamente e o coração deu uma ligeira disparada.

O ritmo rápido ecoou na cabeça dele, que sentiu um aperto nas vísceras. Ele notou a pulsação da veia azulada na base do pescoço dela, e lhe veio uma pontada por dentro. Fez sinal para o bartender trazer uma cerveja para ela e uma dose de Jack Daniels para ele.

Poucos segundos depois, o bartender pôs uma caneca de cerveja muito gelada em frente à ruiva e um copo perto de Garret. O homem serviu dois dedos do abrasivo líquido, guardou a garrafa e correu para atender outro freguês do outro lado do bar.

— Obrigada — ela disse ao dar um gole tímido na cerveja. — Bem, você costuma vir sempre aqui?

— De vez em quando.

— Legal. — Ela deu outro gole. — Nunca estive aqui, mas sempre quis vir. — Olhou ao redor. — É um pouquinho mais barulhento do que eu esperava. Não é o lugar ideal para se conhecer alguém.

Ela o encarou, subitamente ansiosa para partir de uma vez para a caçada, agora que ganhara coragem.

— Talvez pudéssemos, hummm, ir a algum lugar tranquilo. Isto é, se você quiser. — Ela bebeu mais um gole.

O batom vermelho deixou marca na caneca gelada. A cena trouxe um fluxo de memórias, e de repente ele estava de volta à taberna Texas Star com o regimento.

Uma bebida.

Era tudo o que ele queria de início, mas após ver Viv Darland perto do bar, o álcool deixou de ser suficiente.

Ele quis sentir aquela pele quente sob as mãos, sentir aquelas pernas enroscando-lhe a cintura, aquela boca macia e aberta sob a dele. Ele a seguiu ao andar de cima e passou dias sem descer. Acabou ficando por tanto tempo, que quase foi considerado desertor.

Não que ele se importasse.

Tudo o mais, a família, a paixão, o dever, deixou de existir assim que se deparou com os olhos azuis de Viv. Fora fisgado. Estava encantado. Hipnotizado.

Pois ela era uma vampira.

Naquele momento ele não sabia.

Claro que notara os sinais.

Os olhos dela, de um azul peculiar, pareciam oscilar às vezes entre o púrpura e o verde. Ela era mais forte do que a maioria das mulheres, abria as garrafas de uísque e encarava bêbados encenqueiros sozinha. Além, é claro, da aversão à luz. Mas ela era uma mulher de taberna, trabalhava à noite e dormia o dia todo, de modo que ele não pensara muito nisso. Ele mergulhara em queda livre e não conseguira retornar. Droga, ele não queria retornar!

Era nela que ele pensava ao abrir os olhos todas as manhãs e antes de fechá-los à noite.

Ele chegara a imaginar que ela estava se debruçando sobre o corpo dele estatelado no chão, o sangue jorrando no chão de terra batida. O cheiro dela lhe enchera as narinas. Os cabelos sedosos lhe roçaram a testa. E do nada ele se esquecera da dor e do sofrimento das facadas.

Uma alucinação, é claro.

Ele estava a quilômetros da taberna onde fora atacado pelo bando de marginais mexicanos que o roubaram e o abandonaram à morte.

Um alvo fácil para a vampira que viera terminar o trabalho.

Ele ainda se lembrava da presença que se agigantou sobre seu corpo machucado, da mão forte lhe puxando o cabelo e virando o pescoço para trás, dos caninos afiados lhe furando o pescoço.

Em um minuto ele estava com a vida por um fio e no outro, o fio se rompera. A morte o tomara, mas o cuspira de volta quando a vampira virou-lhe o corpo e pingou na boca de Garret gotas do próprio sangue.

Garret nem sequer a vira de relance. Estava fraco demais para ver mais do que a sombra sobre ele.

Segundos depois, estava sozinho, estatelado no chão e sem a menor idéia do que havia acabado de acontecer. Até que amanheceu e os primeiros raios de sol surgiram no horizonte.

O passado entrava e saía de cena, arrancando-o do presente e atirando-o de volta à manhã da transformação.

Ele lutou contra a dor que se apoderou dele e se esforçou para abrir os olhos. Sentiu frio. Muito frio. Os dentes trincavam e o corpo tremia. A visão estava embaçada. O tom alaranjado do céu alcançava a copa das árvores, prometendo calor e uma onda de alívio lhe transpassou. Agora ele ia se aquecer.

Em... poucos... segundos.

Um fecho de luz lhe atingiu o rosto e a dor penetrou os ossos. Ele sibilou e jogou a cabeça para o lado. O calor lhe cortou os ombros e ele se arrastou, afastando-se. Ele se levantou. A dor lhe golpeou as têmporas quando a luz lhe açoitou como se fosse um chicote ardente.

Ele tropeçou em direção às árvores, mas elas não eram proteção suficiente. A pele chamuscava enquanto ele adentrava mais a floresta. A luz era filtrada pelos galhos das

árvores, apunhalando-o a cada passo. O cheiro pungente de pele tostada lhe invadiu as narinas, sufocando-o. A fumaça lhe queimou os olhos, embaçando-lhe a visão, mas ele continuou correndo atrás de um abrigo.

Outro raio de luz surgiu por entre as árvores e ele se jogou para a esquerda. Tropeçou em uma pedra e caiu de cara no chão. Cravou as unhas no chão e empurrou até conseguir levantar a cabeça. Um buraco negro se abriu em frente a ele.

Enfiou os dedos na terra e foi avançando por sobre as pedras afiadas e cactos pontiagudos até conseguir entrar. Foi mais fundo, mais fundo, até a luz desaparecer e ele se encontrar protegido no interior escuro e frio.

Paraíso.

Foi o que Garret pensou. A caverna profunda e estreita fora o abrigo. A salvação.

Mas pelas várias horas seguintes em que a fome foi tomando controle total, o pequeno espaço se transformou em um inferno particular, um lugar onde empreendera uma batalha perdida pela própria alma.

Fora uma batalha de vários dias, durante os quais Garret permaneceu escondido na caverna, resistindo à sede por sangue e tentando aceitar aquilo em que se transformara.

Enquanto isto, Viv voltara à taberna, seduzindo qualquer caubói que entrava, persuadindo-os a beber. Levando-os para o quarto nos fundos. Abrindo as pernas e os braços.

Enganando-os do jeito que o enganara.

Deu-se conta disso ao mesmo tempo em que resolvera ceder à fome e sair da caverna. Pretendia voltar à cidade e procurar alimento. Mas antes de cravar os dentes em alguém, precisava ir à taberna. Queria implorar por ajuda e compreensão.

Mas ela já compreendia, pois era tão vampira quanto ele agora era.

Mesmo assim, ele pensou que ela ainda sentia alguma coisa por ele. Algo que ia além da sede de sangue e necessidade de sexo.

Amor.

Estava enganado.

— Não posso ficar assim com você. Nem agora. Nem nunca mais.

Ele ainda podia ouvir a voz dela ao lhe dar as costas e se afastar.

Ela o deixara por ele ter se tornado um vampiro capaz de detectar as mentiras dela. Um vampiro que não lhe dava o sustento necessário, a energia sexual, pois ele precisava deste sustento para si.

E assim ela o abandonou para encontrar outro que alimentasse a fera que vivia dentro dela.

Quanto ao amor... Ela não o amara, e ele não a amara de verdade. Ele ficou apaixonado por ela, seduzido por aquela magia fatal, como um humano fraco qualquer.

Mas agora ele não estava mais suscetível a ela.

Apesar de estar terrivelmente excitado.

— O que você me diz? — A voz suave afastou-lhe os pensamentos e o trouxe de volta ao presente. Até o bar enfumaçado e à visão da mulher excitada ao lado. — Você,

hum, gostaria de ir ao meu quarto, nos fundos?

Sim.

A resposta estava pronta, apesar da promessa que fizera a si. Ele precisava dela. Para aliviar a dor do corpo, saciar a fome e ganhar energia.

Ele estava tão cansado naquele momento.

E faminto para diabo.

O olhar foi captado novamente pela marca de batom na caneca, e ele sentiu um aperto no peito.

— Acho que agora estou um pouco ocupado. — Ele deixou várias notas no balcão e pegou a garrafa de Jack Daniels. — Mas tenha uma boa noite, doçura. — Ele deu meia-volta e a deixou olhando-o, desejosa.

Porque, mais do que se alimentar, Garret precisava esquecer.

Aqueles cabelos escuros.

Aqueles olhos de um azul genuíno.

Aquele corpo sedutor e aquela pele perfumada.

Aquela maldita voz que ecoava sem parar na cabeça dele "não posso ficar assim com você".

E então ele afundou na mesa mais próxima, bebeu do gargalo da garrafa e fez o que não fizera desde que Viv Darland o abandonara tantos anos atrás.

Ele começou a beber.

E não parou.

CAPÍTULO QUATRO

— Como está isto?

— Mova um pouco para a direita — disse Viv ao careca de 46 anos que estava detrás do balcão do único hotel de Skull Creek.

Fazia duas horas que ela havia saído do Iron Horseshoe e estava desesperada por uma distração. Algo para passar o tempo e afastar o pensamento de Garret e da ansiedade que borbilhava dentro de si.

Eldin Atkins entrou.

Ele era o dono do Skull Creek Inn e, mais importante, o solteirão mais velho da cidade. Ele herdara tanto o hotel quanto a avó, Winona, quando os pais se aposentaram e mudaram para uma cidadezinha portuária no Golfo do México. Eldin fazia todas as reservas e cuidava de Winona, que não ficava quieta e vivia metendo o nariz na vida dos outros.

Ao menos foi o que Viv ouvira da garçonete no restaurante.

Como Winona fazia os fuxicos durante o dia, quando Viv bloqueava a porta e

abaixava as cortinas, ela ainda não topara com a velha.

Mas Eldin era outra história.

No minuto em que Viv se apresentara como repórter fotográfica, ele fez mais do que lhe era devido para que ela tivesse a estada mais memorável possível.

Ele trazia toalhas limpas todas as manhãs e lhe transferira para um quarto melhor sem custo extra. Ela agora estava na única suíte de luxo com banheiro completo e uma pequena cozinha.

Não que ela precisasse da cozinha, mas Eldin não sabia disso. Ele estava querendo atrair o máximo possível de atenção, pois já tentara todo tipo de serviço de paquera online, mas seguia sem sorte com o sexo oposto.

Ele torcia como louco para que alguma mulher solitária lesse a matéria de turismo, visse a foto dele e percebesse que, apesar dos cabelos rareando, da personalidade introvertida e de morar com a avó, ele ainda era um partido aceitável.

Ele não usava roupas íntimas femininas (pelo menos não usava desde que perdera aquela aposta nos tempos de escola), não fazia barulhos irritantes com a boca e, melhor de tudo, tinha o próprio negócio.

Mais ou menos.

Tecnicamente, os pais eram donos do lugar, mas assim que batessem as botas, o Inn seria só de Eldin.

Bem, dele e de Winona, mas a avó já era mais velha do que Matusalém e não poderia durar para sempre.

O ponto principal é que ele não era tão ruim assim. A matéria seria uma ótima oportunidade de mostrar às solteiras do Sudoeste (e de outros estados onde a revista de turismo circulava) tudo que ele podia oferecer.

Esta noite ele estava de camisa havaiana laranja, short bege e mocassim com meias. No bolso esquerdo da camisa havia uma barra de chocolate. No bolso direito, uma barra de carne desidratada.

— Você vai colocar meu e-mail na matéria, não vai? — perguntou ele. — Quem sabe alguém pode querer entrar em contato comigo? Para alugar um quarto, quero dizer.

Ou, mais importante, para um encontro romântico.

— Endereço de e-mail e de correio — Viv prometeu. — Diga xis.

— Espere um segundo. — Ele alisou as sobrelhas, empinou os ombros e inflou o peito. Apoiou uma das mãos na parede onde ficavam penduradas as chaves dos quartos e posicionou a outra fazendo uma pequena saudação. — Muito bem, estou pronto.

— Então, Eldin — Viv perguntou enquanto conferia o obturador da câmera —, você sempre fica desse jeito quando está recebendo um novo hóspede?

Ele pareceu pensar um pouco e deu um profundo suspiro.

— É claro que não. — Ele trocou de posição, mas manteve a mesma pose. — Geralmente fico assim, pois é meu melhor lado — disse prendendo as palavras por estar murchando a barriga de cerveja. — Vamos lá — disse ele. — Tire a foto.

Viv tirou umas fotos e parou para vê-las na tela digital.

— Onde vai querer me fotografar agora? Perto da lareira? Posso acendê-la. Sei fazer

isso.

— Eu até poderia... Se não estivesse a temperatura lá fora não estivesse acima dos 32 graus.

— Esqueça a lareira. Vou segurar umas toras de lenha. Talvez eu possa tirar a camisa para parecer que estive cortando lenha o dia inteiro...

— Não — ela cortou, tentando ignorar de forma desesperada a súbita imagem de Eldin sem camisa que lhe surgiu na mente. — As fotos têm de ser espontâneas. — Ela o fitou bem nos olhos para enfatizar o argumento. — Ou seja, naturais.

Por uma fração de segundo ele pareceu confuso, e então relaxou.

— Deixe-me apenas arrumar as revistas aqui como faço todas as noites, pois minha avó e seu grupo de amigas estão sempre fazendo a maior bagunça. Puxa, leva dias para esta recepção voltar ao normal depois de cada reunião.

— Que vergonha, ficar falando de uma senhora — a anciã disse com voz crepitante ao entrar no recinto.

Ela usava um vestido roxo estampado com flores, sapatos ortopédicos brancos e meia-calça até os joelhos. Os cabelos brancos encaracolados cobriam-lhe a cabeça tal qual um capacete de futebol americano. Os óculos bifocais empoleirados na ponta do nariz eram presos por um cordão no pescoço.

— Se eu fosse alguns anos mais nova — disse ela ao pôr uma caixa de papelão no balcão, balançando o dedo para Eldin em seguida —, lhe daria umas palmadas no traseiro. Não dê bola para ele. — Voltou-se para Viv. — Ele odeia minhas reuniões porque, quando elas acontecem, ele tem de deixar de assistir a televisão para atender os hóspedes.

— A senhora levou três horas da última vez — Eldin reclamou. — Perdi *Grey's Anatomy* e *So You Think You Can Dance*.

— Você assiste demais à TV. Precisa fazer outras coisas.

— Como o quê?

— A entrada precisa ser lavada.

— Mas fiquei em pé o dia inteiro. Estou com os pés doendo.

— Isso é porque você está gordo demais. — Ela tirou a barra de chocolate do bolso dele. — Fique longe da máquina de lanches e seus pés não sofrerão por carregar esta pança. Ora, eu tenho mais de oitenta anos e não tenho dor nos pés.

— Mas é minha sobremesa. — Eldin olhou para o chocolate na mão dela. — A sobremesa é um dos quatro grupos alimentares básicos.

— Não é, não.

— É, sim. Frutas, batatas, carne e sobremesa. O homem precisa dos quatro para continuar forte.

A senhora pareceu amolecer ao olhar para ele.

— Acho que você vai precisar de sua energia para lavar a entrada. — Ela entregou-lhe a barra de chocolate. — Tome aqui e dê o fora. — Dispensou-o com um gesto de mão. — Minhas alunas estarão aqui em menos de quinze minutos. Sou Winona Atkins — acrescentou, voltando-se para Viv. — Foi você quem ligou ontem querendo entrar no grupo?

— Não. Sou uma hóspede. Quarto 12.

— É você quem veio da Califórnia? Com o carro esporte brilhante?

— Eu mesma.

Ela pareceu pensar.

— Tive um carrinho uma época. Não era dos mais bonitos, mas meu marido, Deus tenha sua alma, envenenou a máquina para mim. Era o carro mais rápido da cidade. — Ela abriu a caixa de papelão. Com uma das mãos encarquilhadas, tirou um enorme vibrador roxo...

Ah, ela não fez isso!

Viv piscou, e teve certeza suficiente de que era roxo mesmo, era um vibrador e era enorme. Depois veio uma versão em neon azul. Depois laranja. Um amarelo. Cor-de-rosa. Azul-piscina.

— O que seu grupo faz exatamente? — Viv perguntou ao observar a velha tirar o conteúdo da caixa com tamanha naturalidade que parecia estar pegando agulhas de crochê.

— Coisinhas. — Winona deu de ombros. — Esta noite vamos aprender a fazer sexo oral sem morder. Também vamos falar sobre como reagir quando o parceiro quer sexo oral, e vice-versa. Você ficaria surpresa ao ver quantas garotas deixam de dizer aos parceiros o que querem.

Não diga.

— Então é tipo uma aula de auto-ajuda para superar a timidez?

— É uma aula para aprender a botar para quebrar. Viv não pôde deixar de sorrir. A mulher tinha um fogo interno considerável.

— Eu ensino as mulheres a relaxarem e a ficarem à vontade — Winona continuou — para que elas possam enriquecer seus relacionamentos com os parceiros. Sou Winona, instrutora de sedução. Também servimos refrescos e petiscos, inclusive uns biscoitos recheados com um ingrediente ao qual nenhuma mulher sexualmente reprimida resiste.

Viv arqueou uma sobrancelha.

— Chocolate?

— Álcool. — Winona ajustou os óculos. — Sabe, tenho muitas alunas introvertidas, como a pobrezinha da Ellen Jénkins. Ela é a bibliotecária da cidade. Não consegue dizer ao marido, Oren, que não está satisfeita na cama. Então, em vez de chamar o marido para um papo, ela passou a frequentar minhas aulas. Ela se deu conta de que, se aprendesse a fazer direitinho, poderia preencher a lacuna que ele deixava. Eu tive minhas dúvidas quanto a isto. Oren não era o sujeito mais gato da cidade, de modo que as garotas nunca deram bola para ele. Relações físicas realmente não são a especialidade dele. Mas Ellen pagou adiantado em dinheiro, e eu não ia discutir. Bem, sóbria ela mal conseguia assistir à uma palestra sem corar. Mas depois dos biscoitos com licor ela quase não parou mais de fazer a dança do poste.

— Seus biscoitos parecem bastante eficazes.

— E gostoso pra diabo. Você tem de vir provar alguns esta noite. — Ela meneou as sobrancelhas. — Hoje vou dar os dez mandamentos da sedução, depois que acabar as lições de sexo oral. Tudo tomando por base minha experiência pessoal de mulher vibrante

e sexualmente ativa. — Viv não pareceu convencida, então Winona acrescentou: — Quer dizer, naquele tempo. Não estou nada ativa nesta área, pois ainda estou de luto por meu marido.

Por isso e porque ainda estava esperando que Morty Donovan levantasse a carcaça da cadeira de balanço e a convidasse para um encontro. Morty cuidava do bingo do asilo e tinha as dentaduras mais brancas da cidade, pois o neto era dentista estético e Morty ganhava um clareamento a cada visita.

— Se você conseguir aprender todos os mandamentos — disse Winona —, nenhum homem resistirá a você.

Viv não tinha problemas em ingerir líquido, mas não podia consumir nada sólido. E a última coisa de que precisava agora era de uma lista para lhe incrementar o sex-appeal. Fazia dois séculos que o charme de vampira a fazia ter o homem que quisesse. Já sabia que nenhum homem podia resistir a ela.

Mas Garret Sawyer não era um homem.

Era um vampiro.

Mais importante do que tudo. Alto, moreno e totalmente imune ao charme sobrenatural, pois ele era como ela. Agora a questão não era mais ser uma vampira sedutora e persuasiva. A partir de agora, tudo dependia de ser uma mulher sedutora e persuasiva, ponto final.

Era uma idéia assustadora para uma mulher que fora transformada em vampira antes mesmo de perder a virgindade. Uma mulher que lutava tanto para sobreviver que jamais aprendera a lançar mãos dos bons e velhos métodos femininos.

Ela jamais fez joguinhos com os homens.

Jamais precisara.

— A primeira aula é grátis. O que me diz? — perguntou Winona. — Quer participar?

Viv pegou um pênis de borracha e olhou para os lados. — É só me dizer onde devo me sentar.

CAPÍTULO CINCO

O saguão sob a casa estava negro, mas isso não importava. O olhar de Garret cortou a escuridão e parou sobre a maçaneta da porta. Sim, ele podia vê-la muito bem. Só não conseguia girá-la porque ela não parava de se mover.

Um pouco para a esquerda...

Um pouco para a direita...

Pronto.

A madeira rangeu e a porta se abriu na direção dele.

Uma única luminária acesa sobre a mesa de cabeceira afastava as sombras. As paredes do quarto enorme pareciam vibrar. Do outro lado, a televisão de plasma pendurada

na parede balançou.

Garret quis mover a perna e entrar, mas a droga do corpo não cooperava. Ele seguiu em silêncio, até tropeçar no tapete. Bateu o ombro na quina de uma cômoda de madeira. Encolheu-se de tanta dor. O estômago roncava, a garganta ardia e...

Droga.

Ele não deveria ter bebido tanto.

Por mais desesperado que estivesse para esquecer.

As imagens sensuais de Viv lhe invadiam a mente.

Droga, droga, droga.

Garret forçou-se a abrir os olhos. Piscou algumas vezes e as vividas memórias desapareceram. Agarrou-se à beira da cômoda e se levantou. Deu três passos e bateu o joelho na mesinha de cabeceira. Fachos de luz ricochetearam pelas paredes quando a luminária caiu e saiu rolando pelo chão duro. O barulho garfou-lhe as têmporas latejantes. Ele caiu de joelhos e se arrastou com dificuldade até a cama *king size*. As mãos enfim entraram em contato com o conforto do colchão e ele ficou aliviado. Precisava se deitar um pouquinho.

Dormir.

Ao acordar, ia perceber que fora tudo um sonho. Viv não estava na cidade e ele não continuava insuportavelmente louco por ela.

Ele se esparramou na cama e fechou os olhos, determinado a afastar aquelas imagens que trovejavam na mente.

Mas não bebera nem metade do necessário para tal, de modo que a maldita visão o seguiu escuridão afora.

Provocando-o, ridicularizando-o e fazendo-o se lembrar de como era bom quando estavam juntos.

Como poderia ser bom de novo caso Garret baixasse a guarda.

Mas ele não ia fazê-lo.

Já se queimara uma vez e não ia brincar com fogo de novo.

Por mais que quisesse.

Ele sentia-se péssimo.

Como se tivesse ficado dois dias assando sob o sol escaldante do Texas.

Garret sentou-se, sentindo os músculos gritarem sob o esforço. Piscou ao ver a lâmpada fluorescente sobre a cabeça e procurou focalizar a visão.

Mas os olhos lacrimejaram e ele piscou. Uma vez. Duas. Passou a mão no rosto e olhou o relógio de pulso. Passava um pouquinho das seis da tarde. Ainda faltava meia hora para o sol se pôr, o que explicava aquela exaustão.

E a cabeça latejante? Só podia responsabilizar a garrafa vazia de uísque.

Deixou o corpo cair novamente no colchão e fechou os olhos.

Ressaca.

Estava com uma droga de ressaca.

Não que fosse raridade entre os vampiros. Antes o contrário. Vampiros tinham sentidos superaguçados, o que significava que tudo, paladar, tato, olfato, visão e audição, era ampliado em mil vezes. Se um ser humano normal ficava alto com algumas cervejas, um vampiro caía bêbado com muito menos.

Ele aprendera isso da pior maneira quando Viv o abandonou. Ficou tão bêbado que vagou na floresta até desmaiar. Os primeiros raios de sol estavam apenas despontando no horizonte quando ele finalmente voltou a si, chegando a sofrer algumas queimaduras antes de sair correndo.

Desde então ele não excedia o limite de dois drinques.

Levantou as pálpebras outra vez e deu uma olhada ao redor, no pandemônio que fora um dia o quarto. A cômoda estava ao lado, as roupas jogadas pelo assoalho de madeira. A mesa de cabeceira estava de ponta cabeça. Havia uma luminária sobre uma grande tela de televisão. A porta do quarto estava totalmente aberta e o tapete dobrado onde ele tropeçara na noite anterior.

Garret convertera o porão em um local "seguro": lugar perfeito para um vampiro dormir enquanto o resto do mundo cuidava de assuntos diurnos. Ele gostaria que os quartos fossem maiores e menos apertados. Detestava sentir-se confinado. Oprimido. Amaldiçoado.

Olhou a porta situada bem do outro lado do corredor. O porão consistia em dois quartos separados por um corredor principal, que dava para a cozinha do térreo. Dillon Cash, vampiro recém-convertido, morara no quarto em frente enquanto Garret lhe ajudava a se adaptar à vida de morto-vivo. Enquanto isto Meg Sweeney, melhor amiga de Dillon e agora sua namorada, o ajudara a aprender as minúcias da arte do sexo.

O sexo maravilhoso se transformara rapidamente em um autêntico relacionamento. Dillon e Meg agora moravam juntos na casa dela, e Garret estava novamente sozinho naquela casa com seu moderno sistema de segurança.

O terreno de Garret abrangia mais de 120 acres. A casa de pedra de dois andares, o celeiro e a cabana de entulhos tinham câmeras de segurança.

Mas se por um lado as câmeras acusavam a aproximação de intrusos, por outro lado nada podiam fazer contra a luz do sol, por isso ele fazia questão de ficar no subsolo até o sol se pôr.

Garret sorriu. A maioria dos velhos mitos sobre vampiros nos quais as pessoas acreditavam estava longe da verdade. Eles não se transformavam em morcegos nem dormiam em caixões. Não se incomodavam nem um pouquinho com crucifixos ou com água benta. Mas a luz do sol os fritava como se fossem batatas.

Um pensamento lhe ocorreu, causando-lhe pânico.

Ele se levantou da cama. O chão pareceu inclinar por um longo momento até se estabilizar. Subiu os degraus correndo e viu que a porta de cima estava aberta.

Estava apavorado demais para se lembrar de fechá-la.

Um fecho de luz vazou pelo corredor e o fez parar de maneira abrupta.

Ele encarou a fenda de luz solar evanescente e se lembrou dos tempos e que era apenas um homem.

Antes de lutar pela independência do Texas, ele ajudava a família na fazenda de cavalos. Lembrou-se de como era sentir o calor do sol lhe aquecendo.

Antes que pudesse se conter, esticou o braço. As pontas dos dedos roçaram a luz e a dor foi intensa.

O cheiro de carne queimada lhe penetrou as narinas e ele olhou para os dedos chamuscados. Sentiu uma onda de arrependimento.

Arrependimento pelo calor que perdera.

A vida.

O amor.

Ele então se esforçou para deixar a idéia de lado. Não amara Viv. Não amara, de modo que não havia por que se lamentar pelo que jamais tivera. Quanto à vida... Ele sentia falta dela, tudo bem. Sentia falta do sol, do pão de milho que a mãe fazia e da liberdade.

Ele tornou a descer ao porão e passou a meia hora seguinte arrumando a bagunça que fizera. Quando terminou e tomou um banho, a escuridão já envolvia a casa.

Apenas sombras enchiam a escada quando ele subiu e entrou na cozinha.

Ao contrário do resto da casa, que mantinha a lareira e o piso originais, a cozinha fora completamente reformada, transformando-se no sonho de qualquer chef. Aquela era a lembrança constante do homem que ele fora.

O homem que ele queria voltar a ser.

Pegou um saco de sangue do refrigerador, pôs no micro-ondas para quebrar o gelo e serviu-se de um copo. O primeiro gole lhe fez sentir um calafrio. O calor foi descendo pela garganta e espiralou nas vísceras, mas não aliviou o nó no estômago.

Até piorou.

Aquele sangue ensacado dava sustento, mas não dava a mesma satisfação de cravar os dentes em um pescoço doce e quente. Aquilo era puro êxtase, mas ao mesmo tempo era o pior tipo de dor, pois só o fazia querer mais.

Por isso ele evitava o máximo possível dar suas dentadas. Porque, ao mesmo tempo em que elas saciavam, o deixavam sedento por mais.

As mãos tremeram ao servir-se de outro copo e pegar o celular.

— Você está com uma voz horrível — Jake McCann disse quando Garret lhe perguntou se ele ainda estava na loja.

Jake era o melhor amigo de Garret, além de sócio. Também era vampiro, graças ao próprio Garret.

Era o aniversário da transformação de Garret e ele instintivamente retornara ao local onde morrera para reviver aqueles últimos momentos da condição humana, depois que a fome, a maldita fome, tomou controle. Como qualquer outro vampiro passando pela transformação, ficara fora de controle. Jake cruzara o caminho de Garret, que então o atacou. Depois Garret tentou reparar o erro devolvendo a Jake a vida que lhe fora roubada.

Ou melhor, uma nova vida.

Uma vida de trevas e escuridão.

Condenara Jake ao mesmo destino, assim como Jake amaldiçoara Dillon. Não foi Jake quem atacou o jovem. Não, foi Garret quem fez isso durante o aniversário de transformação mais recente. Em mais um ataque de sede, ele atacou Dillon e, inadvertidamente, o deixou à beira da morte. Felizmente, Jake estava por perto para

transformar Dillon antes que ele sangrasse até morrer.

— Que diabos aconteceu com você? — Jake perguntou.

— Duas garrafas de Jack Daniels.

— Só duas?

— Perdi a conta depois da segunda. — Antes que Jake perguntasse mais, Garret interrompeu: — Você terminou o projeto da moto do Harwell? — Ethan Harwell era presidente de uma companhia multimilionária de petróleo e encomendara uma moto com o logotipo da empresa.

— Estou dando os toques finais nos raios das rodas. Hoje é sábado.

— E daí?

— Daí que sábado à noite é hora de sair com a namorada. Prometi sair com a Nikki. — Nikki era namorada de Jake e melhor cabeleireira da cidade. Ela era humana e Jake queria que ela continuasse assim. Recusava-se a transformá-la, ao menos enquanto houvesse chance de ele retomar à condição humana.

Esperança que dependia de Garret.

Como ele havia transformado Jake, e Jake havia transformado Dillon, descobrir e destruir o vampiro que transformara Garret seria o começo do efeito dominó que libertaria os três.

— Vamos encontrar Meg e Dillon em Karnes County para o rodeio. Depois do rodeio, passamos na loja e nos encontramos.

— Desde quando você gosta de rodeios?

— Desde sempre. — Jake fora caubói de verdade nos velhos tempos. Sabia montar e laçar quase tão bem quanto Garret. — Por que não vem conosco? Tenho um encontro com uma pessoa que vai fazer relações públicas de graça para a loja.

— Você trabalha demais, irmão.

— É, bem, alguém tem de trabalhar enquanto vocês ficam de papo pro ar.

— O nome disso é se divertir. Você deveria tentar um dia desses.

— Acredite em mim. Eu me divirto à beça.

— Você quer dizer que fica com garotas à beca.

— É a mesma coisa. —Ao menos era. Muito tempo atrás, quando ele sofreria a transformação.

Mas depois de 180 anos e mulheres demais para contar, ele não gostava tanto quanto antes. Queria mais do que sexo. Queria um relacionamento. Queria alguém para amar. Alguém para amá-lo.

— Ele precisa sair com alguém para valer. —A voz de Nikki veio do fundo.

— Não preciso sair com ninguém.

— Sei não, parceiro. — Jake passara por uma mudança radical desde que assumira o relacionamento com Nikki. E o mesmo poderia ser dito de Dillon desde que conhecera Meg. Garret sabia que um relacionamento de verdade podia acontecer entre um vampiro e uma mulher, mas sabia que eles eram a exceção e não a regra. Dillon e Jake deram sorte, e Garret nunca teve sorte.

— Sair com alguém pode lhe animar um pouco — prosseguiu Jake. — Desanuviar a cabeça. Você parece muito tenso.

— Estou bem.

— Nikki tem uma amiga...

— Até mais. — Garret desligou. Pelo amor de Deus, ele tinha 180 anos. Não estava apto a namoros. Namorar implicava em gostar. Gostar implicava em uma relação. E uma relação implicava em dar e receber de forma mútua. Garret não tinha nada para oferecer a uma mulher além de sexo fantástico.

Pelo menos até conseguir destruir o vampiro que o transformara.

Ainda não conseguira voltar a montar, mas era só questão de tempo. Ele adquirira muitos cavalos recentemente, e domá-los levaria algum tempo.

Uma égua em especial: Delilah. Ela era a mais durona e teimosa de todos.

E Garret era assim também.

Ele não ia desistir dela, assim como não ia desistir de encontrar o vampiro que o transformara.

Ele se agarrou àquele pensamento e passou a meia hora seguinte remexendo o feno e misturando aveia.

Ao terminar, deu uma olhada nos portões, pegou as chaves da motocicleta e foi para a cidade a fim de descobrir o que Viviana Darland realmente queria com ele.

CAPÍTULO SEIS

Era pequeno demais, apertado demais, parado demais.

Viv queria se mexer, abrir a porta e se arrastar para fora do armário. O sol já se pusera e na escuridão estava em segurança. Certo?

Ela tocou o peito úmido de sangue. Não estava sangrando tanto quanto quando Molly lhe dera a primeira estacada, mas ainda estava perdendo sangue, que empapava-lhe a blusa e vazava para o chão da cabana abandonada.

Ela tentou respirar e sentiu uma dor intensa. Molly queria lhe acertar o coração, mas errara. Por pouco.

Mesmo assim, o ferimento doía que era uma desgraça, e ela ainda sangrava muito.

A cada batida do coração, mais sangue esguichava da ferida aberta e a fazia imaginar se, apesar de não terem lhe acertado o coração, ela não acabaria mesmo morrendo.

Talvez fosse isso.

Os últimos momentos de existência.

O passado lhe veio à mente enquanto ela estava lá deitada, como imagens anunciando o nascimento dos Estados Unidos no History Channel. Os nomes lhe ecoaram na cabeça.

Nomes dos quais ela jamais se esqueceria.

Ela viu Jimmy, o soldado aliado moribundo que tomou nos braços ao encontrá-lo caído no campo de batalha. Ouviu a angústia na voz dele quando lhe implorou para ser salvo. Ela sentiu um aperto no peito e tentou resistir.

Mas ele continuou implorando até ela ceder. Viv se debruçou sobre ele, lhe cravou os caninos no pescoço e provou daquela doce quentura. O corpo recebeu uma dose de puro êxtase, além de uma energia estonteante seguida por uma onda de arrependimento.

Por mais que quisesse salvá-lo, ela sabia que a fome que ele logo estaria sentindo seria bem pior do que a morte.

Ela sabia, mas transformou-o mesmo assim, pois não podia fazer diferente. Não podia ficar olhando enquanto ele morria. Nem ele, nem ninguém.

Nunca mais.

Avanço rápido para um ataque de índios apaches. Ou o que restou do ataque. Ela se viu caminhando por um acampamento devastado. As vozes dos moribundos lhe ecoavam nos ouvidos. A voz de um determinado homem chamou especialmente a atenção. Travis. Ele era um fazendeiro cuja mulher e três filhas foram escravizadas. Ele era a única esperança da família. Tinha de segui-los. Salvá-los. Mas primeiro precisava parar de sangrar.

— Por favor — ele implorou, e ela não resistiu. As narinas se inflaram, a fome rosnou e ela abaixou a cabeça. Lambeu uma ferida sangrenta e os sentidos se aguçaram.

O sussurro do vento transformava-se em rugido ao açoitar as árvores. Os grilos faziam tanto barulho que ela sentiu vontade de tapar os ouvidos. Os cavalos vieram pisando forte sobre os cascos e ela se encolheu. Mulheres imploravam. Crianças choramingavam e fungavam.

— Papai!

O grito desesperado preencheu o ar. Uma garota. A filha mais nova de Travis.

A névoa vermelha de fome que lhe turvava a vista desapareceu, dando lugar à visão de um rosto abatido em frente a ela.

— Faça — disse ele com voz áspera. — Ajude-me. Você tem de me ajudar.

Ela sabia que não devia.

Ao mesmo tempo, não suportava aquele sangue nas mãos. A morte na consciência.

Não só a morte de Travis, mas as da esposa e das três filhas.

Os cavalos continuavam pisando forte e ficavam mais distantes a cada segundo. A voz da menina desapareceu também. Viv sentiu uma onda de ansiedade e cravou os caninos no próprio pulso para alimentar Travis com sangue e lhe devolver a vida que dele se esvaía.

Ela voltou ao passado e viu os outros.

Mary. James. Walter. Francis. Ruby. Ben. Molly e Cruz. Caroline. Mitchell. Richard. Loretta.

Viu os rostos, ouviu as vozes angustiadas, sentiu a dor e o sofrimento.

Ela quis dizer não a cada um deles. Satisfazer a fome e ir embora. Isso é o que deveria ter importado. Alimentar a fera dentro de si. Mas não conseguia ignorar as lágrimas, o medo, o desespero. Então tentou ajudar, tentou driblar a morte mais uma vez.

Mas se por um lado ela roubava a vitória da morte, não salvava ninguém de verdade, e sim os condenava à fome.

Condenara Garret.

O estômago revirou e o peito doeu. Ela continuou a sangrar, inundando a base do pequeno armário. O cheiro forte se misturou ao mofo, queimando-lhe as narinas. Ela levou a mão ao ferimento e quis dormir. Ter paz.

Precisava se curar. Esquecer.

Mas só lembrou.

Garret esparramado no chão.

Machucado.

Sangrando.

Morrendo.

— Não! — Ao levar os lábios aos dele, sentiu como a respiração dele estava fraca e como a pele estava gelada.

Com um corte afiado no pescoço ela derramara do próprio sangue nos lábios de Garret, dando-lhe nova vida enquanto a antiga se esvaía dele.

Lentamente a cor voltou ao rosto dele e o coração bateu outra vez.

Viv começou a sair, a fim de deixá-lo se curar antes que abrisse os olhos e se desse conta do acontecido. Mas os dedos fortes de Garret se agarraram aos dela, trazendo-a para perto. Um grunhido lhe escapou da garganta e os caninos brilharam. Ele abriu os olhos, agora não mais cor de chocolate, mas de um púrpura intenso. Ela sentiu-se tomada Pelo desejo.

Garret virou-lhe o corpo, fazendo-a deitar no chão e arrancando-lhe as roupas até sentirem a pele um do outro. As mãos de Garret lhe tomaram o corpo todo, tocando-a em toda parte e levando um dos ma-milos à boca, sugando tão forte que ela gemeu longa e profundamente...

Os dedos fortes e resolutos encontraram e penetraram a fenda cálida e úmida entre as pernas dela. Viv gemeu e mexeu os quadris, trazendo-o um pouco mais para dentro de si.

As sensações lhe vieram como um turbilhão. Ela sentiu os músculos tensos dele e jogou a cabeça para trás. Arqueando o corpo, pronta para sentir as presas dele cravando mais fundo e a ereção pulsando entre as pernas.

Sexo e sangue.

Era uma dupla inebriante. Algo que ela jamais experimentara com homem algum. Não ao mesmo tempo.

Mas Garret era diferente.

Pois ela o amava.

E ele a amava.

O corpo de Viv pulsava enquanto ela percorria as costas dele com as mãos, pedindo-lhe que a tocasse mais rápido, mais forte, mais fundo...

O pensamento se desfez quando ela sentiu uma pontada de dor na clavícula. Arregalou os olhos e o viu sobre ela, com as mãos na estaca pontiaguda que lhe saía do peito.

O sangue começou a esguichar, fazendo um som sibilante.

Ela abriu a boca, mas a garganta se fechou e ela só conseguiu gargarejar.

O olhar colidiu com o dele e ela viu a raiva que ardia, furiosa, naqueles olhos. Agora ele sabia a verdade, e a odiava por isso. — Você fez isso comigo — ele grunhiu. — Você.

Viviana sentou-se de um pulo, o coração disparado. Tocou o peito e sentiu apenas o algodão macio da camiseta e o metal quente da medalha de São Benedito.

Nada de estaca. Nada de sangue.

Um sonho.

Apenas um pesadelo horrível.

Ela e Garret não fizeram amor naquela noite, e ele não tentara matá-la.

Ele estava ocupado demais na própria dor. Morrendo.

Ela forçou-se a se esquecer do sonho e olhou em direção à janela vedada, percebendo então que o sol já havia se posto.

Saiu da cama e foi ao banheiro. Não se deu ao trabalho de acender a luz. Não precisava. Dava para ver cada detalhe dos antigos ladrilhos azul-claros, da pia antiga e do pequeno armário. Olhou para o reflexo no espelho e notou a oscilação frenética no peito. Fechou os olhos e contou até dez.

O sonho podia não condizer à realidade, nem chegara a beijá-lo naquela noite. Ela o encontrara sangrando e abatido, e fizera o que pôde para cessar a dor.

Fechou os olhos para conter as lágrimas. Não tivera intenção de feri-lo.

Mas, sem dúvida, ele não veria as coisas desta maneira.

Por isso ela o deixara tanto tempo atrás. Tinha medo de enxergar o ódio nos olhos de Garret no momento em que ele descobrisse a verdade.

Ela ainda tinha medo.

Ele não ia descobrir.

Mesmo se descobrisse, não teria importância.

Cruz e Molly a encontrariam e ela não lutaria contra eles. A maldição seria cortada e Garret voltaria a ser humano.

Assim que eles a capturassem.

Ela saiu do banheiro para dar uma conferida na tranca da porta da frente. Ao tocar na maçaneta, uma sensação peculiar de irritação lhe subiu e desceu pela espinha. Era a mesma sensação que tivera em Washington quando o xerife Keller a tirou da cena do crime do Açougueiro.

Ela ainda podia sentir os dedos fortes no braço, ouvir os passos descenderem pela

montanha, massacrando as folhas secas, sentir o cheiro penetrante dos pinheiros e o sangue fresco de alguém...

Alguém.

Eles estavam se aproximando. Ela sabia que estavam. Podia sentir. Mas se por um lado a sensação estava lá, por outro, não era nem de perto tão forte quanto fora em Washington.

Ela conferiu a tranca e voltou ao banheiro. Afastou a cortina do box, abriu o chuveiro na pressão máxima e entrou debaixo do jato gelado.

Quando saiu e pegou uma toalha felpuda, já estava sob controle de novo.

Tinha de pensar nessa noite.

Pensar em sedução.

Pensar nos mandamentos de sedução de Winona.

O objetivo era estar nua na cama com ele.

Deixá-lo louco a ponto de fazê-lo tomar a iniciativa.

Passara uma eternidade no papel de agressora, hipnotizando os homens e fazendo com que se curvassem aos desejos dela.

Chega.

Sim, ela ia sugerir, seduzir, convidar. Mas não tomaria a iniciativa. Deixaria a cargo de Garret.

Por isso ele fora o primeiro e único homem a lhe proporcionar um orgasmo. Ele fora o agressor. Fora ele quem tomara a iniciativa, antes mesmo que ela pudesse usar os poderes de vampira, pois ele a desejava de verdade, por vontade própria. Ao contrário dos outros, que foram meros joguetes manipulados pelo charme vampiresco.

Ela queria ser desejada por Garret outra vez. Queria provar da excitação, do fervor, da paixão dele mais uma vez.

Mas agora... Teria de usar todo o charme de mulher mortal (por mais enferrujado que estivesse) para tentá-lo.

Com essa intenção em mente, enfiou a medalha de São Benedito na mala e tirou as roupas.

Ela não tinha uma camiseta tipo top e shorts curtos (mandamento número dois de Winona), então optou pelas peças mais próximas disso: uma blusa de seda vermelha e uma saia preta justa. Abriu mão da roupa de baixo (mandamento número quatro).

Para terminar, calçou um par de sapatos de salto agulha e pegou a bolsinha com a câmera. O resto do equipamento necessário, pano de fundo, luzes, câmeras extras, vários tripés, já estavam no carro. Ela deu uma última olhada na lista que fizera durante a aula de Winona, procurou decorar os primeiros cinco mandamentos (os outros teriam de esperar até ela estar cara a cara com Garret) e se esforçou para controlar os nervos. No final da noite ele estaria lhe implorando por sexo.

Ao menos ela estava torcendo desesperadamente para que tal acontecesse mesmo.

CAPÍTULO SETE

Garret não estava implorando a Viv por sexo.

Ele não estava lhe implorando por nada porque não estava lá.

Ela ficou terrivelmente decepcionada e ansiosa ao chegar na ampla Skull Creek Motos. O sol acabara de se pôr. As sombras se formavam em frente às vitrines alinhadas na rua principal. Luzes fluorescentes chamejavam ao alto, iluminando as mesas de aço inoxidável cobertas por ferramentas. Algumas ela reconheceu, chaves de fenda, alicates e chaves inglesas, mas a maioria lhe era totalmente estranha.

Aguçando a audição, ela percebeu o ronronar do ar-condicionado, o tique-taque de um relógio, o ruído abafado de um computador incrementado em um pequeno escritório contíguo à direita. Outra parede, com janelas, separava o espaço da loja em si.

Não havia mais nada. Nem sinal daquela voz profunda, nem das batidas do coração e nem da pulsação do sangue dele.

Ela sentiu o cheiro forte de óleo e fluidos de máquinas, uma mistura almíscar de borracha e gás queimado. O cheiro esterilizado de sabão industrial e desinfetante.

O lugar estava vazio, sim. Apesar das luzes que queimavam e da porta destrancada. Mas também, "aquela era uma cidade pequena, com índice zero de criminalidade. Ela conhecia bem aquele tipo de lugar, e era exatamente por isso que procurava sempre trabalhar em cidades grandes. Por causa do anonimato. Do monte de gente. Da segurança.

Garret estava procurando encrenca ao se instalar em uma cidadezinha daquelas.

Ou então estava cansado de fugir. Talvez quisesse se acomodar e retomar a normalidade que ela lhe roubara.

Só de pensar no passado ela morria de culpa, mas desta vez não se permitiu sentir assim. Estava cansada de viver arrependida. Ia desistir.

Mas antes...

Ela deu outra olhada ao redor e soltou um suspiro de cansaço. Ocupou-se em tirar algumas fotos na tentativa desesperada de acalmar as mãos trêmulas e domar a frustração sexual que lhe açoitava o corpo. Em breve ele estaria de volta e ela cuidaria do que viera fazer: seduzi-lo até ele perder as estribeiras.

Estava pronta e armada até os dentes. Aplicara gotas do perfume Sedução de Morango, de Winona, detrás das orelhas. Relera diversas vezes as anotações antes de sair do carro. Estava toda sedução, o corpo ansiava de desejo, e Garret estava desaparecido.

Por enquanto.

Ele ia voltar em breve. Concordara em encontrá-la, e ele sempre cumpria a palavra. Devia ter saído para comprar alguma coisa.

Viv então ficou observando a motocicleta que estava pronta para ser entregue. Feita sob encomenda. Emanava sensualidade. Era a cara de Garret.

Sem conseguir se conter, Viv sentou-se na moto. Quando se deu conta, estava fazendo movimentos sensuais. Era como se a motocicleta fosse o próprio Garret.

Ela queria sexo.

O pensamento ecoou na cabeça de Garret, que estava no escritório, ao ver Viviana pelo vidro que dava para a loja.

Tal percepção não tinha nada a ver com o fato de ele ser um vampiro altamente sensível e capaz de ler mentes; tinha tudo a ver com o fato de ele ser um macho dos bons.

O coração pulou, batendo mais e mais forte. O membro começou a pulsar enquanto ele admirava aquela mulher que estava montada na motocicleta na qual ele estava trabalhando.

Era um projeto que ele estava fazendo para um roqueiro de grande sucesso, vocalista de alguma banda inacreditavelmente famosa. Jake não quisera fazer a moto, pois já estavam ocupados demais, e o sujeito queria a moto para ontem, mas Garret não conseguiu dispensar a publicidade que vinha junto ao serviço.

Mesmo assim, cobrou caro para entregar a moto no tempo que o roqueiro queria. Ele e Jake iriam ganhar três vezes mais por este projeto. Como Jake estava sobrecarregado de trabalho, Garret fizera o design e construíra a moto. No dia anterior, dera os toques finais: uma caveira de prata na calota e estribo lateral de ossos cruzados.

O produto era tranqüilamente uma das coisas mais lindas que ele já vira.

Até agora.

Ele observou Viv arqueando o corpo. Jogando a cabeça para trás. Os longos cabelos negros esparramados sobre os ombros. Estava de olhos fechados e com os lábios fartos entreabertos, montando sem calcinha em contato direto com o banco de couro...

Linda.

Os seios tremiam. Os mamilos pressionavam o tecido fino da blusa. Ela deslizou sobre o banco e segurou o guidão com força. Foi-lhe subindo uma vermelhidão pelo pescoço e pelo rosto. Ela foi levantando a saia lentamente para poder abrir mais as pernas e fazer mais contato.

Garret ficou com a boca seca, o coração em marcha acelerada.

Ela queria sexo, sim.

Que vampiro não queria?

Era a natureza da fera.

A consequência da maldição.

E era a única explicação para o ímpeto quase irresistível de entrar no recinto, arrancá-la de sobre a moto, empurrá-la contra a primeira parede e mergulhar fundo naquele corpo quente.

Se ele antes era um escravo do desejo dela, agora era escravo do próprio desejo.

Com certeza ele não a desejava por sentir algo de verdade por ela.

Ou melhor, por achar que sentia. Naquela época ele chegou a pensar muitas coisas. Pensou que poderiam se casar. Estabilizar-se. Construir família e criar cavalos. Passar os Natais decorando árvores e pendurando meias compridas nas lareiras. Pensou em trabalhar na fazenda enquanto ela mantinha a casa, e à noite se deitariam juntos.

Mas nada daquilo era real.

Nem ela.

Nem os sentimentos dele.

Nem os malditos sonhos.

Tudo não passara de uma ilusão criada por Viv e seus poderes de vampira, pois ela queria fazer sexo com ele. Queria energia. Força.

Ele sabia, pois criara a mesma ilusão para as mulheres de quem se alimentara ao longo dos anos. Ele as hipnotizara com charme. Tirara-lhes o chão com beijos quentes e molhados. Nenhum homem conseguia satisfazê-las depois que passavam pela cama de Garret. E depois de tudo ele as dispensava.

Ele fizera com outras mulheres exatamente o que ela fizera a ele. Com uma exceção. Com as outras ele não falara de sonhos, nem do futuro, nem de relacionamento para valer. Com as outras ele sempre quis uma só coisa: ficar por uma noite apenas. E deixara isso bem claro. Não brincara com os sentimentos de ninguém.

Era só sexo.

O desejo esfomeado rugiu mais impositivo do que nunca. Sentiu um aperto na virilha, o corpo tremeu e, e mal conseguiu resistir à necessidade de dar vazão aquele desejo. Então Garret deu meia-volta e saiu de novo.

Tinha de ser realista.

Resistir.

As sombras o acolheram quando ele se movimentou em silêncio pela lateral da construção, em direção ao estacionamento nos fundos. Parou e recostou-se contra o aço frio. Começou a contar a fim de ouvir a própria voz e parar de captar os suaves gemidos de Viv, amplificados pela audição poderosa e sobrepujante aos demais ruídos, como o dos grilos, dos pneus de carros cantando nas curvas e do tique-taque de um parquímetro no quarteirão ao lado.

Os gemidos dela sugeriam que ela estava quase chegando lá...

Garret só começou a se recompor quando chegou ao número cem. Voltou então à parte da frente da loja. No passado, aquilo fora um posto de gasolina. As bombas antigas ainda estavam lá e ainda funcionavam. Também havia um globo Davey's **Fill-r-Up** que girava no alto de um poste de ferro. Ele gostava do visual vintage, de modo que deixara a velha máquina de refrigerantes e alguns anúncios de produtos antigos. A única coisa que indicava que aquele lugar era uma moderna loja de motocicletas eram as letras em neon com o nome da loja, Skull Creek Motos, na vitrine da frente, e o equipamento eletrônico de segurança de última geração. Garret digitou o código no pequeno teclado ao lado da porta de entrada (a porta sempre trancava automaticamente depois de fechar), e entrou fazendo o máximo de barulho possível.

Fechou a porta com um pouco mais de força do que o normal e bateu na borda do arquivo de documentos. Ele então parou para mexer em alguns papéis e objetos perto do computador.

Nem precisou olhar pela janela para saber se Viv o escutara. Ela soltou um leve gemido de surpresa e desceu da moto. Ele ouviu o som dos passos no assoalho. E ouviu o som do tecido roçando nas pernas dela quando abaixou a saia para deixá-la num comprimento mais decente.

Ele foi tomado por uma forte decepção que alimentou o desejo insano de entrar e lhe

arrancar a roupa. Queria-a nua, pronta e...

Uau. A palavra ressoou na mente, arrancando-lhe aqueles pensamentos ridículos da cabeça e lembrando-o de que não podia. Não ia fazer nada daquilo. Não com Viv. De novo, não.

Ele então tomou coragem e abriu a porta que os separava, entrando na loja.

CAPÍTULO OITO

Finalmente.

Foi o primeiro pensamento que veio à mente de Viv ao ouvir a porta se abrir e fechar. A despeito do fato de ela quase ter sido flagrada tendo um orgasmo fantástico.

Sexo era uma necessidade. Como oxigênio para um ser humano normal. Ela não costumava se sentir culpada por causa de sexo. Nem constrangida.

Pelo menos até ajeitar a saia de novo e se virar para encarar Garret.

Ele estava usando uma camisa de algodão macio que moldava os ombros largos e o peito sólido, além de calça de brim justa, moldando-lhe as coxas e a virilha. Na cabeça, o chapéu Stetson que ela se lembrava de ter visto no bar.

Os olhares colidiram e alguma coisa naqueles olhos azul-claros parecia dizer "peguei você no flagra".

Ela corou e sentiu uma quentura lhe percorrer a espinha.

— Eu estava... Bem... Estava só experimentando para ver como é — disse ela, tentando desesperadamente arrumar uma desculpa aceitável.

Ele jogou as chaves na mesa.

— E que tal?

— Ótimo. — E como. — Quer dizer — ela lambeu os lábios —, o guidão parece ótimo. Firme.

Ele pareceu quase furioso com a resposta. Apertou os olhos e retesou o maxilar. Mas quando ela lambeu os lábios, a atenção dele se voltou para o movimento da língua. E assim as defesas se esvaíram e um quase sorriso se formou nos lábios de Garret.

— Quer dizer que você gostou, não é?

— Muito.

A animosidade entre eles desapareceu de repente e o ar ficou carregado com a súbita consciência que fez a espinha de Viv formigar. Ele estava flertando com ela. Brincando. Provocando.

Porque ele a vira.

Os olhos dele brilharam como se fossem pedaços de gelo refletindo a luz solar.

— E do banco? Você gostou? Ma-ra-vi-lho-so.

Era isso que ela queria dizer, mas se conteve.

— Confortável. Não é duro demais. Nem mole demais. Simplesmente perfeito.

— Que bom saber. — Olhou-a de cima a baixo, detendo os olhos em determinadas partes.

Os mamilos dela saltaram e Viviana sentiu uma súbita umidade entre as pernas. O coração bateu forte de excitação.

Sabe — a voz dele lhe retumbou nos nervos —, se você quiser realmente sentir a moto, precisa dar a partida. — Ele levantou a perna e montou. — A moto não pode vibrar demais. — Ele olhou fixamente nos olhos dela. — Ela precisa de estabilidade na estrada.

Ele estava flertando com ela, sim.

Aquelas palavras atçaram uma imagem nítida dos dois agarradinhos na moto ao luar.

Ela afastou aquele pensamento, tentando de maneira desesperada manter a objetividade. Calma. Devagar.

— Eu, hummm, não sei. Nunca dirigi uma motocicleta antes.

Mentirosa. Foi o que ele pareceu dizer com o olhar, mas não verbalizou. Em vez disso, deu de ombros.

— Que pena. Você está perdendo. Não há nada como montar em uma destas coisinhas lindas e sentir a liberdade da velocidade.

Amém.

Ela ainda sentia o guidão nas mãos, o tanque de gasolina entre as pernas, o couro delicioso roçando-lhe a...

— ... tente ao menos uma vez, já que vai escrever sobre isso. A voz de Garret a puxou de volta ao presente.

— Como é?

— Eu disse que você precisa experimentar pelo menos uma vez. — Os olhos dele chamejaram. — Uma corrida de verdade — acrescentou — se você quer escrever uma boa matéria. — Ele fez uma cara de desconfiado. — É por causa da matéria que você está aqui, não é?

— É claro. — Não que ele acreditasse nela. Dava para ela perceber por causa da expressão resguardada e pelo jeito tenso do corpo dele. — Por que outra razão estaria? — Ofereceu o olhar inocente e arregalado que era o item número nove da lista de Winona.

Era um olhar que apelava aos instintos básicos do homem. Dava a entender que ela era frágil e que precisava de um homem forte e grande, e infalível para fazer qualquer homem esquecer de tudo: do futebol, do quintal para limpar, da gatinha lavando o carro em frente à casa ao lado.

Garret olhou para ela como se conseguisse enxergar a resposta pela qual tanto procurava. Mas não conseguia. Felizmente. Então ele finalmente deu de ombros.

— Parece apenas um pouco de coincidência demais você aparecer por aqui. Agora. Não acha?

— Na verdade, não. Coisas estranhas acontecem o tempo todo. — Antes que ele pudesse dizer algo mais, ela continuou: — Você tem razão. Eu realmente preciso

experimentar um passeio de moto para escrever sobre o tema com entusiasmo. Mas como estou fora de meu ambiente, gostaria de me informar antes. — O que ela estava dizendo? Se ele quisesse levá-la para um passeio, tanto melhor. Mas ficando tão próximos um do outro sobre a moto seria difícil resistir. Acabaria tomando a iniciativa, o que acabaria com a possibilidade de ela ter um orgasmo.

Era melhor ir mais devagar. Depois de um pouquinho de conversa fiada ele acabaria baixando a guarda. Voltaria a flertar com ela e as coisas começariam a esquentar.

— Gostaria muito de tirar umas fotos agora.

Se eu não lhe conhecesse, diria que está com medo. Mas você é uma vampira, e vampiros não têm medo. — A intenção dele foi dar uma cutucada nela. Lembrá-la de como ela o transformara tanto tempo atrás.

Mas ela não precisava de lembretes. Convivia com a culpa todos os dias. Deu de ombros.

— Eu não diria isso. Sou uma fraca em se tratando da luz do sol. E de estacas de madeira. E reality shows.

A súbita tensão entre eles se desfez e ele sorriu.

— Não gosta mais de reprises de seriados?

— Está na cara que você não tem TV a cabo. Eles têm um canal para reprises. Têm canais para tudo. Felizmente. Senão, como conseguiríamos nos atualizar?

— *Car & Driver*.

— Como é?

— É assim que eu me mantenho atualizado. Leio revistas e jornais de automobilismo e motociclismo, como *Car & Driver*, *Hot Rod* e *Motorcycle Mama*.

— Pode ser estupidez minha, mas não entendo como esse tipo de leitura pode lhe manter atualizado sobre cultura popular. I

— Isso porque você nunca leu nenhuma dessas publicações. Sabe, através das máquinas eu acompanho as mudanças da tecnologia. E as garotas dos carros... — Deu um sorriso malicioso que fez o coração dela parar. — Elas me mantêm atualizado sobre cultura popular.

— Como assim?

— Veja Daisy, por exemplo. Ela estava nas páginas centrais de *C & D*, ao lado do último modelo de Porsche ecológico. Estava usando um biquíni de fibras recicladas e bebendo um suco de frutas. Bastou olhar para ela uma vez para perceber que verde estava na moda.

— Se você der uma olhada no guia de televisão também ficará sabendo disso. Há pelos menos uma dúzia de programas sobre reciclagem. E nenhum deles contribuiu para a exploração das mulheres.

— Se eu não a conhecesse bem, diria que está com ciúme. — Ele ampliou o sorriso. — Mas vampiros não sentem ciúmes, assim como não têm medo.

Desta vez não a estava cutucando. Era apenas o simples fato que a fazia lembrar-se de que, por mais que quisesse Garret, não gostava dele. Não era um sentimento genuíno. Talvez tivesse sido muitos anos atrás. Mas, mesmo assim, não era para valer. Ela

descartou o estranho ciúme que lhe acometera e disse:

— Entendo como *Car & Driver* possa ter lhe ajudado em seu ramo.

— Não tenho chance de assistir muito à televisão, então são as revistas ou nada. Vivo sempre ocupado com minhas motos.

Ela olhou para a carcaça de uma motocicleta sobre a mesa central.

— Projeto novo? Ele fez que sim.

— Apenas um dentre uma dúzia na agenda desta semana.

— Parece que os negócios vão bem.

— Muito bem. Estamos com um software novo que nos poupa muito tempo e dinheiro, mas o tempo...

Espere. — Ela pegou a bolsa e foi até perto dele. Pegou um pequeno gravador e tentou ignorar o desejo que rugia dentro de si. Apertou o botão do gravador e pôs o aparelho ao lado. — Caso eu perca alguma coisa.

O artigo podia ser mero pretexto para estar lá com ele, mas mesmo assim ela tinha de apresentar algum material decente à revista de turismo que lhe bancara a viagem.

Ela fez um gesto com a mão.

— Continue.

— Podemos agora fazer o design, a construção e a finalização de uma moto em um terço do tempo que costumávamos levar.

— Nós?

— Jake McCann, Dillon Cash e este que vos fala. Jake faz o design, eu cuido da fabricação e Dillon faz de tudo um pouco. Nós não apenas fazemos motos sob encomenda — continuou —, também fazemos motos bem específicas. Esta é uma das doze que estamos fazendo para uma loja de Austin. — Ele apertou um botão em um computador próximo e apareceu uma imagem em 3-D. — É assim que vai ficar depois que terminarmos. — Mais alguns botões e as camadas da motocicleta começaram a se separar. — Estamos neste ponto agora.

— Parece bem *high-tech*.

— E é. Ao mesmo tempo, ainda é o bom e velho trabalho duro que torna a moto realidade. Nós moldamos tudo à mão. O software só nos dá especificações apuradas e uma lista de materiais para que não haja nenhum erro de cálculo que dê prejuízo. — Ele olhou para o gravador. — Tem certeza de que quer ouvir essas coisas? Não consigo imaginar como você vá incluir isso em uma reportagem de turismo.

— Talvez não inclua, mas assim eu posso ter uma idéia geral do negócio, o que me ajuda a escrever.

Ei essa foi boa! Além do que, ela gostava de ouvi-lo falar. O jeito dele de falar a atraía quase tanto quanto o sexo. Garret nunca fora daquele tipo de homem que cai no sono depois de fazer amor.

Ela sentia falta daquela voz quase tanto quanto sentia dos orgasmos de enlouquecer.

Quase.

— Preciso do máximo de informação possível quando escrevo — continuou ela. —

Até informações que acabarei não incluindo no texto. Então, quanto tempo faz que você trabalha com Dillon e Jake?

O clima tranquilo se desfez e a tensão voltou. Ele ficou mais desconfiado, parecendo não gostar de envolver os colegas de trabalho.

E não gostava mesmo. Ela achou que ele nem fosse responder, mas finalmente murmurou:

— Dillon entrou no barco seis meses atrás. Ele é daqui.

— Vampiro?

— Agora é.

Ela quis perguntar o que ele queria dizer com isso, mas o brilho perigoso no olhar era um aviso para não tentar.

— E Jake?

— Somos amigos desde mil oitocentos e alguma coisa.

Ou seja, também era vampiro.

Ela imaginou se Garret o teria transformado ou se eles haviam simplesmente se associado para sobreviver. Ela abriu a boca para fazer a pergunta, mas não aproveitou a chance.

— Tenho muito trabalho a fazer. — Ele fechou a cara. — Os outros vão chegar mais tarde, caso você queira lhes perguntar alguma coisa. Há várias motos à espera naquela sala. — Ele apontou para uma porta próxima. — É lá que guardamos as motos que estão prontas para ser enviadas. Pode ficar à vontade para tirar quantas fotos quiser.

Antes que ela pudesse reclamar, ele pôs a máscara de soldagem e foi trabalhar nas peças de metal na mesa do outro lado.

CAPÍTULO NOVE

Viv passou a meia hora seguinte tirando fotos das várias motocicletas. Ela fez questão de deixar a porta aberta para dar aquele sorriso ardente, como quem não quer nada, caso Garret resolvesse olhar para ela de onde estava. Mas ele não olhou.

Nada de olhares gulosos. Nada de sorrisos de duplo sentido.

Nada.

— Não está dando certo — disse a Winona poucos minutos depois quando entrou no banheiro das mulheres para ligar do celular.

— Quem é? — perguntou ela com voz grogue.

— Viv. Viv Darland. A repórter que está ficando no motel. Fui à sua aula esta noite. — Winona murmurou "ah, sim" e Viv continuou: — Desculpe ligar tão tarde, mas não sabia mais o que fazer. Você disse que estava à disposição para emergências em encontros amorosos.

— Você está em um encontro? — A voz de Winona passou de sonolenta a animada em segundos.

— Não. Quero dizer, estou. Quero dizer, estou aqui e ele está lá e estamos sozinhos, então acho que é o caso.

— Estou na cama com meu gato, mas acho que isso não quer dizer que estou de caso com ele. Bem, este homem ao menos sabe que você gosta dele?

Ela pensou na expressão esperta de Garret ao conhecê-la. O brilho nos olhos. A voz sexy e murmurante.

— Talvez, não tenho muita certeza.

— Ele gosta de você?

— Também não tenho certeza. Eu segui os dez mandamentos, mas parece que não está dando certo. Ele está me ignorando.

— Talvez ele esteja querendo parecer que está ignorando.

— Acha mesmo?

— Depende. O que ele está fazendo agora?

— Soldando.

— Tudo bem, então ele está ignorando. Mas isso não quer dizer que os mandamentos não estão dando certo. Significa apenas que você não está usando os mandamentos há tempo suficiente. Fique por aí e faça o que eu lhe ensinei. Ele vai acabar se aproximando.

— Esse é o problema. Não tenho muito tempo.

— Eu sei. Eldin me disse que você vai embora assim que terminar a matéria. A vida de uma repórter não facilita muito o relacionamento, não é?

— Não, senhora. — Razão exata pela qual escolhera a profissão. Assim ficava sempre em movimento. Correndo.

Mas agora chega.

Ela engoliu o súbito nó na garganta.

— Eu gostaria muito de ouvir qualquer conselho que você pudesse me dar para acelerar as coisas.

— Vejamos... Quem sabe se você derrubar umas quinquilharias. Sempre funcionava com meu querido marido, já falecido.

— Quinquilharias?

— Sabe, qualquer coisa. Tudo. A idéia é chamar a atenção dele quando você se abaixar para pegar o que derrubou. Você tem que fazer ele olhar para seu colo, ou então para o traseiro. Ora, minha filha foi concebida assim; eu ficava limpando debaixo da geladeira. Sucesso garantido!

— Obrigada.

— Obrigada você. Cobro uma taxa extra pelo atendimento de plantão. Amanhã de manhã cedo mandarei a conta para seu quarto. — E desligou.

Viv enfiou o celular dentro da bolsa, jogou água fria no rosto e juntou coragem.

Voltou ao salão onde instalara o equipamento e deu uma olhada pela porta aberta que dava para a oficina.

Garret usava luvas resistentes ao calor que iam até os cotovelos. Com o rosto escondido pela máscara de soldar, ele queimou e depois martelou uma tira de metal.

Tentando controlar a autocensura, Vivi foi pegar um rolo de filme. Abriu a bolsa de equipamentos e deixou cair um rolo da caixa.

— Ah, não, que desastrada eu sou — disse ela com voz mais alta do que o normal. Abaixou-se lentamente para pegar o rolo.

Quando estava com ele nas mãos, deu uma parada para garantir que Garret tivesse visão total.

Ele nem sequer levantou os olhos.

Chegou até mesmo a se debruçar mais sobre o metal totalmente concentrado na tarefa.

Viv olhou de relance para um dos bíceps e para a já conhecida tatuagem circular no braço de Garret, cuja borda aparecia por debaixo da manga. Aquela visão a fez lembrar das próprias marcas e lhe veio uma onda de culpa que se transformou em uma espiral de insegurança.

Quem sabe ele na verdade não se atraísse mesmo mais por ela? Apesar da fome que vivia dentro dele.

Por causa dela.

Porque ele poderia satisfazer a necessidade com qualquer mulher. Qualquer uma. Ele não precisava dela. Nem emocionalmente nem fisicamente. Jamais precisara. Só estivera hipnotizado.

Ela sentiu um aperto no peito ao pensar aquilo.

Não que se importasse.

A única coisa que importava era que ela precisava dele.

Se por um lado ele podia conseguir o que queria de qualquer mulher, ela só podia conseguir o que queria tão desesperadamente, um orgasmo de verdade, de um homem específico.

Ele.

Se queria mesmo chegar ao orgasmo com um parceiro de verdade, não podia se deixar desencorajar.

Ela rebolou levemente para enfatizar os seios e se endireitou, colocando o rolo de filme de volta na caixa. Então esbarrou na tampa da lente que estava sobre a mesa e a derrubou.

— Opa — disse, falando mais alto. — Hoje estou desastrada mesmo.

Se da primeira vez não dá certo...

Se ela derrubasse mais alguma coisa, qualquer coisa ele ia se golpear com o objeto pontiagudo mais próximo.

Isto é, se ele não entrasse em combustão antes.

Garret desligou o soldador e a chama azul se apagou. Mas o fogo dentro de si

continuou queimando.

Ele estava muito excitado.

Muito ligado.

Queria demais manter o controle e conter o desejo, mas sentia mais calor a cada segundo.

Tirou a camiseta, mas não adiantou muita coisa. Pegou uma placa de metal. O material gelado esquentou imediatamente ao contato com os dedos candentes. Como se confirmando seu pior medo, os ventiladores sensíveis à temperatura perto da mesa do computador foram acionados. Chegaram rapidamente à máxima potência para resfriar o equipamento. Ouviu-se então o glub-glub de bolhas. O aroma forte de gasolina brotou em espiral do recipiente com combustível até a metade que ficava perto da entrada.

E tudo por causa dela.

Porque ele a queria, e não podia (e não ia) fazer nada quanto a isso.

Não olhe.

Foi o que ele pensou consigo.

Mas quem disse que os olhos cooperavam?

Não dava para deixar de olhar quando ela se abaixava daquele jeito, de costas para ele. Ele viu de relance um pedaço de pele rosada entre as pernas dela.

Sentiu a virilha palpitar, as presas pontudas contra a língua e as pontas dos dedos fervendo...

Maldição.

Garret baixou os olhos para a fumaça que emanava do pedaço de metal. Solto material e olhou a própria pele chamuscada.

— "Sem jeito" mandou lembranças. — A voz dela lhe adentrou os ouvidos, captando-lhe a atenção.

Ele olhou a tempo de ver o azul luminoso dos olhos e a fatura dos lábios pouco antes de ela se abaixar, desta vez encarando-o, para pegar a tampa da lente. A blusa se inflou e os seios tiritaram. Garret sentiu os próprios músculos tensos. A visão dele ficou turva e os ouvidos começaram a apitar. Os olhos colidiram com os dela, que estavam acesos de desejo, junto a uma ponta de desespero que o alcançou, cruzando a distância entre os dois e atingindo-o diretamente nas vísceras.

Ela proporcionara um espetáculo e tanto ao derrubar outro rolo de filme, levando Garret ao limite.

Ele estava a meio caminho dela, com as presas alongadas, o coração disparado, a fome crescente dentro de si, quando a lata de gás explodiu.

CAPÍTULO DEZ

Os momentos seguintes pareceram transcorrer em câmera lenta, quando o fogo lambeu a boca do recipiente, subiu pelas paredes e devorou a moldura da porta.

A expressão de Viv foi do susto ao medo, e ela recuou das ondas de chama laranja que agora os separavam.

O alarme de incêndio soou e os detectores no teto foram acionados.

A água fria o atingiu e tudo pareceu se acelerar. Ele pegou um extintor de incêndio próximo e avançou, soltando espuma branca e banhando as chamas até extinguir o último resquício. Em questão de segundos, a parede que estava em brasas se transformou em uma superfície cáustica e preta.

Garret jogou o extintor para o lado e atravessou o solado da porta.

— Você está bem? — perguntou.

Ela fez que sim, mas ele não se convenceu. O medo borbulhou nos olhos dela e Garret sentiu um aperto no peito. Olhou para ela dos pés à cabeça duas vezes. Ela estava ensopada e ainda um pouco nervosa por causa do repentino incêndio, mas, fora isso, parecia estar bem.

Os olhos de ambos colidiram e aquele brilho estranho desapareceu nas profundezas azuis. Os olhos dela cintilaram e a cor foi se transformando, ganhando um tom luminoso de púrpura.

E de repente o desejo dela pareceu bem maior do que o medo. O tempo parou por alguns instantes enquanto eles se olhavam. O detector de incêndio lhes banhava com água, esfriando a temperatura no recinto. Mas estava longe de alcançar o fogo que ardia dentro dele.

Sentindo os músculos tensos e com a visão borrada, ele não teve dúvidas de que os próprios olhos ardiam e brilhavam tanto quanto os dela.

A água continuou jorrando por mais alguns segundos, até que o dispositivo automático felizmente se desligou.

— O que foi que aconteceu? — A voz arfante e baixa de Viv mal conseguiu ultrapassar as batidas frenéticas do coração de Garret. Ele lambeu os lábios e retomou o controle.

— O ar-condicionado não tem funcionado direito. — Balela. Mas foi o que ele conseguiu inventar. Antes disso do que a verdade, ou seja, que queria beijá-la.

Não ia confessar. Por mais que quisesse.

— Acho que finalmente explodiu — acrescentou ele.

Garret então ouviu o leve zunido do condicionador de ar central funcionando.

A julgar pelo olhar de "tá bom, acredito" que Viv lhe dirigiu, ela também estava ouvindo o sistema de ar-condicionado funcionar.

— Temporariamente, não de vez — ele tratou de dizer logo. — Deve ser um destes problemas que vão e vêm. Sabe, uma hora o problema está aqui, outra hora desaparece sozinho.

— Deve ser. — Foi o que ela disse, mas ele viu a dúvida naqueles olhos. Além disso, também viu muita coisa graças à água despejada pelos detectores de incêndio no teto.

Ela estava com as roupas ensopadas, contornando os seios e os mamilos rijos.

A água lhe corria pelo rosto, descendo pelo pescoço até desaparecer no vale luxuriante dos seios. Ela estava toda encharcada e ele não conseguiu resistir a imaginar se ela estaria igualmente molhada entre as pernas.

Era fácil descobrir. Só precisava se aproximar. Arrancar-lhe a blusa. Descer as mãos abertas pelas nádegas macias. Enterrar as mãos entre aquelas coxas sedosas. Mergulhar os dedos naquelas dobrinhas quentes e suadas. Acariciar o clitóris inchado e pulsante.

Como se estivesse lendo aqueles pensamentos lascivos que tentavam tirá-lo de controle, as narinas de Viv se inflaram e um nó se formou no peito dela. A urgência cintilou nos olhos azuis e Garret entendeu que ela queria que ele a tocasse e descobrisse por si só se tudo que estava pensando era verdade.

Antes fosse. Mas ela não o queria. Ele podia ser qualquer outro homem. Ele era apenas um vale-refeição.

Não representava nada para ela.

Foi o que ele pensou, mas sem acreditar de verdade. O ar estava quente demais entre os dois. Ele podia não conseguir ler os pensamentos dela como lia os dos humanos, mas dava para ver a incerteza no jeito como ela mordiscou o lábio inferior e entrelaçou os dedos.

Ver aquilo acabou com o que lhe restava de controle, pois Viv Darland não era de sentir esse tipo de coisa. Ela era uma vampira, pelo amor de Deus!

Uma vampira controladora. Determinada. Segura.

Mas não havia como se esquecer do medo nos olhos dela.

O medo puro e concreto causado pelo fogo.

— Você devia mesmo consertar isso — disse ela, tentando ansiosamente dissolver a tensão que crepitava entre eles. — Do ar-condicionado, quero dizer. Imagino que fique muito quente aqui com esse equipamento todo.

— Sim, o equipamento é mesmo um problema. Ela olhou o soldador, o cortador de metal, a limadora.

— Com esse equipamento todo, este lugar pode pegar fogo em segundos se você não tomar cuidado. — Ela olhou para o teto. — Mas acho que foi por isso que instalou os extintores no teto, certo?

— Sim. — Ele baixou os olhos para os mamilos que se empinavam de maneira provocante e, de repente, não conseguiu mais se conter.

Ele esticou o braço.

Passou o dedo ao redor da protuberância sob o tecido da blusa. Ela soltou o ar sibilando e ficou imóvel.

— Nada como um bom sistema de extintores para acalmar as coisas — murmurou ele. Acariciou mais um pouco e ela mordiscou o lábio inferior. — Ou para animar as coisas.

—Eu... — Ela pareceu se esforçar para manter o controle. Tanto quanto ele se esforçara momentos antes. Mas era uma batalha perdida.

— Você fica ótima molhada — murmurou ele olhando nos olhos dela e puxando-a para junto dos braços fortes.

Garret sawyer vivera na memória de Viv por tanto tempo. A sensação do corpo duro

e quente contra o dela, dos braços a envolvendo com firmeza, de ser devorada pelos lábios dele. Mas aquelas memórias não eram nada em comparação a vivenciar aquilo. A eletricidade lhe deslizou pela pele e o calor lhe bombardeou o ventre quando ele chegou mais perto.

E mais perto.

Ele lhe segurou a cintura e deixou as mãos descerem para a curva das nádegas. Garret a empurrou contra si e levantou-lhe o corpo. Viv o envolveu com as pernas e ele a recebeu, encaixando-lhe o corpo contra a ereção coberta pela calça, até ficar com os olhos na direção do colo dela. Ele lambeu-lhe a pele e Viv mal pôde conter o gemido que se formou na garganta.

Ao sentir a lambida quente no mamilo, uma explosão de prazer lhe atingiu o cérebro. Ela se inclinou sobre ele. Ele a acariciou com a língua mais uma vez, lambendo-a lentamente, saboreando-a. Viv arfou, agarrando-se a ele.

Garret fechou os lábios ao redor do mamilo. O tecido molhado da blusa pouco protegia contra o inferno quente daquela boca. O calor lhe circundou a auréola a medida que ele foi sugando mais e mais forte.

Ela passou os dedos por entre os cabelos dele, jogando a cabeça para trás e rendendo-se à sensação.

Ele começou a fazer mais pressão com a boca. Acariciou com a língua. Sugou. A cada vez que ele sugava o mamilo, ela sentia um arranco ressoante entre as pernas. Ela agarrou os ombros de Garret, querendo, com muito desespero, aliviar a pressão que crescia dentro dela. Estava chegando. Ela sentia. Ele a segurou com firmeza, aninhando-a sobre o abdômen rijo. Ela estava muito perto. Bem perto.

Por mais maravilhoso que fosse, não era o que queria. Ela queria tê-lo dentro de si ao chegar lá. Precisava daquilo. Pare!

A ordem ecoou na mente dela e Viv puxou de leve os cabelos de Garret com os dedos. Mas não conseguiu afastá-lo. Ela o puxou mais para perto e... Pronto. E pronto. Ah, sim, pronto.

Ela sentiu o cóis da calça dele roçando-lhe a fenda, e o botão de metal chocava-se, gelado, contra o clitóris ultra-sensível. E foi como se um raio lhe atingisse. Os nervos formigaram e as presas cresceram.

Viv sentiu um desespero e se mexeu, preparando-se para mais. Garret a segurou com mais força, imobilizando-a.

Ela abriu os olhos e viu a expressão intensa no rosto dele. Ele apertou-a ainda mais e depois a soltou, pondo-a de pé novamente.

Os momentos seguintes foram pura névoa. Em um momento eles estavam um pressionando o corpo do outro, e de repente ela estava sem Garret, que estava abrindo um pequeno almoxarifado do outro lado do recinto.

Uma fração de segundo depois, ele estava de volta. Jogou uma camiseta com o logotipo da Skull Creek Motos sobre os ombros dela. Baixou-lhe a saia molhada até as coxas assim que o portão de fora se abriu e dois casais entraram no escritório anexo.

Estavam rindo e conversando, e então quatro olhos fitaram-na fixamente do outro lado da parede com janelas. Todos silenciaram.

Viv pegou a camiseta tamanho extragrande e se cobriu, tentando controlar o coração

descompassado.

Mas Garret ainda estava perto demais, o corpo rijo bem à direita. De soslaio, Viv o viu enxugar o rosto com outra camiseta e depois esfregar os cabelos. A pele dela ainda ardia onde ele havia esfregado os dedos ao baixar a camiseta até um comprimento aceitável.

A fome urrou dentro dela, instando-a a puxá-lo novamente para junto de si, implorar para que lhe tocasse o copo todo e terminasse o que começaram, a despeito da platéia.

Mas agora já era tarde.

Apesar de, física e emocionalmente, estar a poucos centímetros dele, Garret estava a milhas de distância.

O desejo que acendera aqueles olhos se fora.

— Eu... Eu tenho de ir embora — disse ela, confusa.

— Sim.

— Amanhã à noite terminarei, depois que tudo secar. — Pegou a bolsa da câmera, que estava ensopada. — Vou precisar pegar outro equipamento de iluminação. Posso deixar essas coisas molhadas aqui por enquanto?

Sem esperar resposta, ela passou por ele e atravessou a primeira saída que encontrou. Continuou apertando o passo até chegar ao outro lado do pequeno estacionamento, onde deixara o carro.

Parou para respirar um pouco de ar puro.

Como se fosse ajudar.

Ela sentou-se ao volante e ligou o motor.

Não vai acontecer nada entre nós dois, disse uma voz na própria mente.

Ela sabia que, apesar de ter ganhado a batalha daquela noite, não estava nem perto de vencer a guerra. Por mais que a desejasse, Garret não tinha intenção de fazer sexo com ela.

Nunca mais.

CAPÍTULO ONZE

— Você estava escondendo o jogo. — Jake olhou a porta por onde Viv acabara de desaparecer. Garret balançou a cabeça.

— Não é nada disso, cara.

— Não é? — Jake arqueou uma sobrancelha e olhou para Garret com uma expressão de quem estava entendendo tudo. Não porque tivesse de fato presenciado alguma coisa.

Garret sentira os companheiros vampiros chegando bem antes de eles acionarem o código de segurança e abrirem a porta.

Na verdade, Jake percebeu por causa de Garret.

Porque ele o estava encarando e podia ver o brilho que permanecia no olhar do amigo. A tensão no corpo. O desejo sedento que irradiava.

— Quem é ela? — perguntou Jake.

— Uma repórter free-lancer. — Jake não pareceu nada satisfeito, de modo que Garret deu de ombros.

Uma conhecida minha. De muito tempo atrás.

— Vampira? — perguntou Nikki, com expressão curiosa. Garret fez que sim e ela acrescentou: — Não é a toa que você não queira arrumar ninguém.

— Quer dizer que você gosta dessa mulher? — perguntou Meg.

— Não. — Não chegava nem perto de gostar de Viv Darland.

Decepção? Com certeza.

Ressentimento? Idem.

Medo? Um pouco.

Luxúria? Aos montes.

Mas era só isso.

Nada além. Nada demais.

Ele ignorou aquela vozinha que insistia em dizer o contrário e voltou-se para Dillon.

O mais jovem dentre os vampiros deixou de olhar para a porta de saída e fitou Garret, já abrindo a boca para falar, mas o outro se adiantou.

— Não pergunte. Dillon deu de ombros.

— Ei, sua vida sexual é problema seu.

— Eles não transaram. — Meg cutucou-o. Os olhos dela se acenderam de excitação e se voltaram para Nikki. — Transaram?

Nikki olhou para Jake.

— Querido?

— Garret? — Jake levantou uma das sobrancelhas.

— Vou dar o fora daqui. — Garret pegou as chaves.

— Vamos entender isso como um sim — disse Nikki com voz divertida ao segui-lo até a porta.

— Um grande e gordo sim — acrescentou Meg. Antes fosse.

Garret tentou se livrar da pontada de decepção. Não estava fazendo sexo com Viv Darland. Não estava. A cabeça sabia disso, mas o maldito corpo não parecia entender o recado.

Ele sentiu a virilha palpitando e os músculos doendo. Controlou o ímpeto de sair atrás da primeira mulher e acabar com aquele tormento que lhe devorava. Ele podia fazê-lo, mas assim estaria quebrando a promessa, atitude que não pretendia consumir.

Conseguira se segurar até agora e não ia pôr tudo a perder.

Nada de sexo. Nem com Viv, nem com mulher alguma.

Só depois que voltasse a ser humano.

Enquanto isto, Garret fez o que vinha fazendo pelos últimos meses quando o desejo crescia demais.

Foi para casa para pôr para dentro alguns sacos de sangue e depois se enfiar debaixo de um chuveiro gelado.

— Você precisa sempre usar terno e gravata para entregar toalhas novas? — perguntou Viv a Eldin quando chegou ao motel e o encontrou à espera na entrada.

Ele estava com um terno azul-marinho, camisa social vermelha, tênis vermelhos e um sorriso aberto.

— Faz parte de nossos serviços para a primeira classe do Skull Creek Inn. — Ele lhe ofereceu a toalha branca dobrada e deu um passo para trás enquanto ela abria a porta com o cartão-chave. — Além do mais, quero estar pronto para qualquer oportunidade de marcar um encontro com alguma mulher que possa surgir mais tarde. — A porta se abriu e ele a seguiu Para dentro.

Viv pôs as toalhas em uma mesa e foi fechar a porta.

Eldin não se mexeu. Ficou parado dentro do quarto, ao lado da porta, com olhar de expectativa. Viv entendeu o que era e deu de ombros.

— Não posso tirar nenhuma foto esta noite. Perdi a maioria de meus filmes em um princípio de incêndio na loja de motos. — Certo, não era a verdade completa, pois havia filmes de reserva, além de duas câmeras digitais. Mas a última coisa que queria era passar os próximos 15 minutos tirando fotos de Eldin. — Os detectores de incêndio foram acionados e molharam tudo. — Ela fez menção às roupas molhadas.

Como se reparasse pela primeira vez, ele assentiu.

— Você está toda molhada.

— E meu filme também. Vou ter de comprar outros amanhã.

— Pode fazer uma lista do que vai precisar e mandarei trazer para você de manhã cedo.

— Não quero lhe dar tanto trabalho.

— Não é trabalho nenhum. Faz parte do pacote de férias VIP Ultra Luxo, que também inclui três bolinhos, um cupom de desconto para a Churrascaria Little Pigs e suprimento ilimitado de pastilhas de antiácido. Você vai precisar depois de comer as costelas.

— Bem, obrigada, mas agora gostaria mesmo é de tomar um banho e trocar essas roupas molhadas — disse ela, e ele recuou dois passos.

— Precisa de outra touca de banho?

— A que tenho aqui ainda está ótima. — Ela olhou bem nos olhos dele e transmitiu o recado. Vá embora.

Ele foi saindo do quarto e ela ia fechar a porta, mas Eldin parou no solado da porta.

— Se precisar de qualquer coisa, sabe que pode me chamar. Eldin. E-L-D-I-N. Algumas pessoas escrevem com dois L's, mas meus pais quiseram uma grafia diferente.

— Vou tomar nota disso.

— Ah, quase ia me esquecendo! Você recebeu alguns telefonemas.

Viv abriu a porta alguns centímetros.

— Quem?

— Uma era Cindy Marsfield, da Southern Travel. Ela disse que a assistente dela perdeu seu número de telefone. Avisou que o prazo para você entregar a matéria foi estendido para daqui a duas semanas.

Viv assentiu. De qualquer modo, ela planejara entregar a matéria a Cindy mais cedo, pois sabia que era provável que Cruz e Molly a encontrassem antes disso, e não queria deixar nada pendente. Cindy lhe dera o trabalho através do qual conseguira se aproximar de Garret. Ela estava em dívida com aquela mulher.

Matéria? Conferido.

Orgasmo? Conferido, conferido.

Ao menos esse era o plano.

"Nunca mais."

A voz profunda de Garret lhe ecoou nos ouvidos e ela concentrou a atenção em Eldin. Qualquer coisa para ignorar a dúvida que lhe prendia.

— E os outros telefonemas?

— Só houve mais um. — Ele deu de ombros.—Não sei quem era. O sujeito não deixou recado. Só perguntou se havia alguma Viviana Darland hospedada aqui.

— Ele deve ter percebido que ela ficou nervosa, pois foi logo tratando de dizer — Não se preocupe. Não lhe entreguei. Se existe uma coisa da qual nos orgulhamos em Skull Creek é de proteger a privacidade de todas as celebridades que se hospedam conosco.

Cruz e Molly estavam determinados a conseguir a condição humana de volta e não iam parar até Viv morrer.

Se eles já estavam ligando e investigando, era questão de dias, se tanto, para a encontrarem.

Ela abriu o chuveiro de água gelada e tirou a blusa. Sentiu-se ansiosa e frustrada, com um nó nas vísceras. As mãos tremiam e os mamilos estavam rijos.

Ignorou a dúvida que lhe espantava a determinação e se concentrou em analisar a noite e o que fizera Garret perder as estribeiras.

Ele resistira a ela enquanto estavam em recintos separados, porém, quando o fogo começou, ele foi ajudá-la. Cara a cara, com a temperatura subindo entre eles, Garret não conseguira se segurar.

Perto.

Eis o segredo. Ela só precisava colar nele e estariam desfrutando um do outro logo, logo.

Ela se agarrou a esta esperança, tirou a saia e se enfiou sob o jato de água gelada.

CAPÍTULO DOZE

Distância.

Esse era o segredo para resistir a Viv e impedir outros incêndios.

Garret tirou outro pacote de feno da picape e jogou sobre uma pilha perto das três outras que já descarregara. Então desceu da caçamba e tirou um alicate do bolso traseiro.

Cortou as ligaduras de metal de todos os pacotes de feno e voltou para o banco do motorista. Ligou o motor e se dirigiu ao pasto adjacente.

Quando era apenas um homem, sabia domar o mais selvagem dos cavalos. Mas agora... Agora não conseguia chegar nem perto deles. Os cavalos sentiam a verdadeira natureza de Garret e tinham medo dele.

Ele não os culpava. Ele mesmo teria se urinado de medo se soubesse quem, ou o quê, Viviana era ao conhecê-la. E com certeza ele não teria confiado nela.

A imagem dela lhe brotou na mente.

Ele precisava de distância daquela mulher.

Os nervos de Garret se agitaram e ele viu a leve linha laranja contornando o topo das árvores ao longe.

Que espaço, que nada. O que ele precisava era cair ora de lá o mais rápido possível. Já estava sentindo aquele calor se arrastando pela espinha e o cheiro do amanhecer que se escondia logo atrás do aglomerado de carvalhos.

Sentiu uma comichão. Por mais ansioso que estivesse, ainda havia uma pequena parte de si que não queria se apressar. Ele não conseguia deixar de imaginar se o sol ainda o aquecia de forma tão virtuosa quanto antes.

Sim, aquecia. Ele sabia. Era uma certeza que ficava mais forte a cada dia que passava desde que ele se mudara para Skull Creek, Texas.

Se mudara, mas não sossegara.

Não, Garret Sawyer ainda estava longe de sossegar.

Ainda estava esperando pela chance de respirar de novo, de sentir, de viver.

Parou para ver se havia alguma mensagem no celular. Havia três, e nenhuma delas de Dalton McGregor. Não que ele estivesse esperando uma mensagem tão logo. O homem lhe dera uma agenda respeitável e Garret já conferira várias referências para saber se ele era homem de palavra. No sábado McGregor teria a informação de que Garret precisava tão desesperadamente para retomar à condição humana.

Dois dias, ele pensou. Dois dias e ele estaria um passo mais perto do homem que fora.

Pensar naquilo não chegava nem perto de animá-lo tanto quanto a idéia de rever Viv.

Compreensível, naturalmente. Ele estava tão faminto, tão desesperado por uma mulher que mal conseguia pensar direito. Não era ela.

Nunca fora.

A fome lhe cravou o interior e ele digitou no celular com dedos tensos. Tudo que tinha de fazer era pegar a estrada interestadual e entrar no primeiro bar. Lá ele poderia escolher a mulher que quisesse e se esquecer de Viv Darland.

Deu a partida na picape. Quando já estava na estrada principal, foi abatido pela dúvida. Até que virou à direita e voltou à fazenda.

Por mais que doesse, ele não ia tomar nenhuma atitude. Não tinha tempo. O sol já estava despontando no horizonte, de modo que ele precisava se esquecer da idéia, pelo menos por ora.

E amanhã.

E depois de amanhã.

Porque ele fizera um juramento a si e pretendia cumpri-lo. Por mais que Viv o deixasse com água na boca.

Na próxima vez em que Garret fosse para a cama com alguma mulher seria por vontade, não por necessidade, afinal ele sentia falta de um corpo feminino, do cheiro da pele e daquela energia estonteante quando uma dama desmoronava em seus braços.

Uma imagem lhe veio à cabeça e os músculos do estômago se contraíram. O calor lhe veio em uma espiral, deixando-o mais excitado e ardente.

Ele ligou o ar-condicionado, reuniu forças e expulsou Viv da cabeça.

Esqueça a bolsa de equipamentos — disse Garret ao encontrar Viv no estacionamento da Skull Creek Motos na noite de quarta-feira. — Não vamos levar peso.

Viv olhou a motocicleta preta e prata com desenho de caveira e ossos que estava estacionada perto da porta.

— Vamos sair de moto?

— Vamos pegar a estrada. Preciso testar esta moto antes de entregá-la.

— Parece legal. — Ela pegou a câmera, jogou a bolsa dentro do carro e trancou a porta. — Então — disse ela, voltando-se novamente para a moto e cruzando a alça da câmera sobre o ombro. — Como se faz? Subo primeiro ou depois?

— Primeiro.

Quando ela começou a montar sobre a moto, ele segurou-lhe o braço. O contato de pele com pele pareceu fazer o ar estalar. Por uma fração de segundo o passado sumira. A mágoa. A traição.

De repente eram só os dois sob as estrelas, olhando nos olhos um do outro como fizeram tantos anos atrás.

Quando ele fora um homem, e ela, apenas uma mulher.

Ao menos ele pensara assim.

— Esta não. — Ele apontou para outra moto estacionada a poucos metros, perto da porta dos fundos. Era um modelo prata e cor-de-rosa que ele havia acabado de finalizar para uma modelo de Nova York. — Esta aqui... Vou entregá-la semana que vem e quero fazer os últimos testes. Você tem mais ou menos o mesmo tamanho que a cliente, então acho que poderá me dar uma idéia de como ficará para ela.

— Mas não sei pilotar motos. — Por um segundo Garret enxergou um brilho de medo e incerteza. E algo amoleceu dentro dele.

— Você saber cavalgar, não sabe?

— Claro. Antes de virar vampira, uns cem anos atrás, eu cavalgava. Ele sorriu.

— Não importa. Esse é o tipo de coisa da qual não se esquece. Coloque a câmera no compartimento atrás do banco, suba na moto, fique de joelhos fechados e segure firme que tudo vai dar certo.

Ela pareceu hesitar, até que finalmente fez o que ele disse. Segurou o guidão com firmeza.

— Espero que seu seguro seja bom.

— Por quê?

— Porque se eu cair desse troço, vou entrar com um processo contra você. — Quando ele começou a lembrá-la de que os ferimentos iam sarar antes mesmo que ele terminasse de chamar uma ambulância ou fizesse os procedimentos de primeiros socorros, ela interrompeu: — Por causa do trauma que sofrerei se cair e fizer papel de idiota na frente de todo mundo.

— Vamos pegar estradas sem trânsito, portanto provavelmente só eu a verei cair. Eu mesmo já caí mais de uma vez, então você estará em boa companhia.

Ela pareceu estar em dúvida.

— Você já caiu mesmo de um desses troços?

— Umas duas vezes. — Ele deu de ombros. — Ou quarenta e três.

— Você não está fazendo eu me sentir melhor.

— Eu estava dando cavalo de pau, correndo ou fazendo qualquer idiotice do gênero. Você não correrá esse risco porque vamos devagarzinho.

Olhou para a moto outra vez e a decepção brilhou nos olhos azuis.

— Acho que não tenho opção, não é? Se eu quiser um passeio de moto, é isto ou nada, certo?

— Ou isto ou você tira suas fotos lá dentro e espera por Jake e Dillon. Tenho certeza de que um deles pode passear com você pela cidade.

— Você não?

— Tenho de testar uma moto. Preciso fazer uns ajustes, mas os cálculos foram projetados para uma pessoa só, sem carona. — Garret já sentia a temperatura do corpo subindo.

Ele queria prová-la outra vez. Senti-la.

— Estou enrolado com os prazos. A moto tem de ser entregue amanhã.

Ela ficou sentada por um longo momento, como se estivesse tentando se decidir. Ir ou ficar. Com ele ou sem ele.

— Ela é mais pesada do que parece — disse Viv, enfim, girando o guidão de um lado para outro.

— Só porque está parada. Quando começarmos a rodar ela ficará mais leve.

A indecisão deu lugar à determinação.

— Eu realmente poderia aproveitar essa experiência direta — reconheceu ela. Então olhou para a moto tal qual um toureiro prestes a entrar na arena e perguntou: — Por onde devo começar?

CAPÍTULO TREZE

Não tinha nada a ver com montar um cavalo.

O metal frio contra a parte interior dos joelhos nus. O exaustor quente perto dos tornozelos. O assento macio. A vibração estável entre as pernas. Um cavalo estava longe de ser tão excitante. Tão emocionante. Tão decadente.

O vento bateu no rosto de Viv e levantou a gola da blusa dela. O ar lhe estimulou os mamilos, erigindo-os. Ela deu uma olhada para o lado e viu Garret fítando-a.

Outra vez.

Por mais que ele confiasse na capacidade dela de pilotar a moto, parecia disposto a ficar de olho nela. Um calor estranho nasceu no peito de Viviana. Uma sensação louca, pois preocupação era a última coisa que ela queria da parte dele.

Os mamilos dela saltaram e ela se remexeu no assento. O que não era boa idéia, apesar de estar de calcinha naquela noite. Era uma calcinha tão fina que quase não existia, e o desejo se alastrou por ela, seguido por uma onda de ansiedade.

— Quanto falta para chegarmos? — O vento teria abafado a voz para o ouvido humano médio, mas Garret a ouviu em alto e bom som.

— A questão não é chegar a parte alguma. A idéia é passear, doçura. Relaxe.

Doçura.

Ela segurou o guidão com mais força e fez o máximo para não se mexer no assento. Não houve problema algum quando estavam na rodovia. Mas, quando Garret pegou um velho caminho de terra batida, Viv soube que lá vinha uma encrenca das grandes.

Claro que ela jogou a moto para um lado, escorregou para o outro e...

Fácil.

Sim, certo. Quando pararam à margem do rio, ela estava a um passo de entrar em combustão.

Ela desligou o motor e ficou sentada por alguns segundos, tentando retomar o controle. O mínimo movimento agora a faria...

Viv mordeu o lábio inferior e tentou conter o prazer estonteante. A vista escureceu e ela fechou os olhos. Segurou o guidão com força e abraçou o próprio torso.

Ainda não. Não deste...

— Você está bem?

A voz masculina superou o rugido na cabeça de Viviana. Ela se forçou a abrir os olhos e se deparou com o olhar dele sobre si. Garret estava a poucos metros, na moto preta e cromo. Parecia tão relaxado quanto o normal, a não ser pela mandíbula tensa. Como se ele soubesse do tumulto que se processava dentro dela.

—Eu... — Ela engoliu em seco e retomou o controle — Só estou me sentindo um pouco tonta. Foi um passeio pesado. — E nem chegou perto de satisfazê-la — Só preciso retomar o fôlego.

Ela esperou que ele a lembrasse de que era uma vampira, portanto não era suscetível a ficar enjoada por causa da velocidade. Ela sabia levitar e caminhar na água, oras. Enjão por causa da velocidade? Pode esquecer.

Ele não disse nada. Em vez disso, dirigiu-lhe um olhar intenso até finalmente dar de ombros e descer da moto.

Garret foi até a margem da água e se acorou. Pegou um palm top preto novinho e começou a digitar. Viv achou que ele estava distraído e agradeceu em silêncio.

Ela passou os minutos seguintes tentando se controlar para não agarrá-lo.

Devagar, ela procurou se lembrar. Calma. Ela precisava que ele tomasse a iniciativa. Por isso chegara a um orgasmo na primeira vez. Porque foi ele quem a seduziu.

Se ela tomasse a frente, seria como ficar com qualquer outro homem. Precisava esperar que ele agisse.

Ela viu as costas amplas contornadas pelo luar refletido na água calma. Viviana estava com o ventre latejando, os joelhos trêmulos e o desespero lhe enrascou na barriga.

Não, ela não ia pular sobre ele.

Ao mesmo tempo, não pretendia ficar lá sentada, esperando. Tinha de fazer alguma coisa.

— *Shazam!* — A voz crepitante de Winona ecoou na mente de Viv.

Fora o último aviso da senhora quando Viviana lhe telefonara naquela noite, na Skull Creek Motos.

— Se derrubar algo não funcionar, você precisa ficar mais agressiva. Precisa mandar uma mensagem muito clara, dizendo que está pronta para o sexo, e não há nada mais eficaz do que ficar nua em frente a ele.

— Isso não é um pouco agressivo demais?

— Se você não disser as palavras, não é, não. Escute, dizer a um homem que você quer fazer sexo com ele elimina todo o fator dúvida e acaba com o desafio da coisa. Então o segredo é fazer com que ele veja o que está perdendo. Mas aí, quando ele tentar lhe agarrar, você recua.

— Por que eu recuaria se ele tentasse me agarrar?

— Porque você o estará seduzindo, querida. Confie em mim, se você tirar a roupa toda, ele acabará tentando uma vez. E mais outra. Para mim, a regra é esperar no mínimo pela terceira tentativa. Depois você pode ceder. Apenas não se esqueça de dar uma reboladinha a cada vez que você tirar uma peça.

— E o *shazam!* Como faço?

— Não é algo que se faça, querida. — A velha riu. — Isso é o que acontece quando o homem finalmente lhe agarra para valer. *Shazam!*

Viv reuniu coragem e ligou o moderno sistema de som no painel da moto. Um *heavy metal* frenético saiu das caixas de som e ela foi apertando botões até ouvir uma canção estilo *country* mais tranqüila, com uma batida que se encaixava melhor no que tinha em mente.

Ela desceu da moto.

— Ótimo sistema de som — comentou ela. — É padrão para todas as motos?

— Nós não temos um "padrão". Nós fazemos por encomenda. Alguns querem mais potência do que outros. Nós fazemos de acordo com o gosto do freguês.

— Muito bom. — Ela enganchou o dedo na borda da blusa de lantejoulas que comprara naquele dia mesmo, poucos minutos antes de a loja fechar. Na verdade, eles já haviam fechado, mas ela usou seu olhar persuasivo de vampira para que a vendedora aceitasse fazer mais uma venda: uma minissaia jeans azul, uma blusa de alças e um par de sapatos vermelhos de salto alto. — Bem, então, que tal sua moto?

— Ótima, a não ser por uns probleminhas de suspensão. Mas são fáceis de consertar. — Ele ainda não se virará em direção a ela.

— Então — ela se aproximou dele na beira do rio —, onde estamos mesmo?

— No rio.

— Disso eu sei. Que rio?

— É um rio muito fundo, então o pessoal daqui chama de Poço Sem Fundo.

— Bem anticlímax esse nome. Uma risada preencheu o ar.

— Fundo Negro é o nome oficial.

— Ah. — Ela ficou em silêncio por alguns momentos. — Garret? — disse enfim.

— Sim?

— Pode dar uma olhada aqui um segundo? Tenho uma coisa para lhe mostrar.

Ele não se mexeu.

— Eu realmente preciso terminar esses ajustes da suspensão caso eu me esqueça de alguma coisa.

Viv controlou a decepção e reuniu coragem.

— Cara, está quente aqui. — Ela se ajoelhou perto da água e molhou o rosto, tomando o cuidado de deixar um pouco escorrer na fenda entre os seios. — Essa não! Estou toda molhada agora.

Em vários sentidos.

Ele continuou sem olhar para ela.

— Tenho uma outra camiseta debaixo do banco de minha moto, se você quiser.

— Obrigada, mas estou bem. — Ela se levantou, resistindo por pouco a chutá-lo. Assim conseguiria atenção.

E causar um estrago dos grandes. Queria-o na cama, não no hospital.

—A noite está realmente ótima. Já viu a lua?

Não vira, e ela reavaliou a decisão anterior e deu com o bico do sapato nas costelas dele. Ora, ele era vampiro. Ia sarar.

— Ai! — Os olhos azuis se voltaram para ela. — Por que diabos fez isso?

Ela deu de ombros.

— Desculpe. — E abriu um sorriso inocente. — Acho que perdi o equilíbrio.

Antes que pudesse puxar a alça da blusa, ele se voltou para o palmtop.

— Esse lugar é mesmo maravilhoso. — Ela tentou puxar assunto de novo. — Costuma vir muito aqui?

— Eu moro aqui.

Viviana deu uma olhada na outra margem do rio e na luxuriante parede de árvores ao longe.

— Duvido que você more aqui.

Ele deu um meio-sorriso.

— Doçura, não quis dizer que moro no rio. Moro nestas terras. — Ele fez um gesto em direção ao norte. — Minhas terras vão até depois daquelas árvores.

— Ah. — Ela se lembrou do nome do rio e uma lâmpada se acendeu em sua mente. — Fundo Negro me faz lembrar Sam Black. — O homem que ele fora um dia. O homem que ela traía. —Eu... — Ela começou a dizer, mas mordeu o lábio inferior. Não podia mudar o passado com um simples pedido de desculpas, por mais sentido que fosse. E com certeza não conseguiria apagar a mágoa.

A única maneira de resolver aquilo seria devolver-lhe a condição humana que ela lhe tirara, o que ela pretendia fazer mesmo.

Em breve.

Viviana sentiu um arrepio na nuca e, mais uma vez, uma sensação estranha. Eles estavam chegando perto dela.

— E então, você vem sempre aqui? — Soou cretino até para ela, mas foi a única coisa que lhe ocorreu dizer.

Precisava conversar. Cortar a tensão que se instaurava entre eles.

— De vez em quando. É tranquilo aqui. E tem bastante espaço. Ajuda a pensar.

— Sei como é — disse ela, sem raciocinar. — Meu pessoal tinha uma velha fazenda, e eu gostava de me esconder lá durante a época em que acabara de ser transformada em vampira. Eu odiava. Tão escuro e urrado. Mas ao menos eu estava segura.

— E seu pessoal? Eles realmente morreram em um incêndio? Ou isso também é mentira?

Ela ignorou o impulso de sair correndo, como vinha fazendo pela vida toda. Mas não podia fugir do passado. Agora sabia disso. Mais ainda, não queria fugir mais. Instintivamente, procurou pela medalha de São Benedito e se deu conta de que a havia deixado na mala.

Retomou a coragem e respondeu.

— Minha mãe morreu mesmo em um incêndio. — Ela não o enganara quanto a isso. Não completamente. — Mas meu pai... Foi meu pai quem me transformou. — Ela nunca dissera essa frase em voz alta para ninguém.

Até agora.

De repente, não conseguiu mais se conter.

Queria dizer-lhe a verdade. E disse.

CAPÍTULO QUATORZE

— Certa noite, ele saiu para jogar e só voltou depois de três dias. — A voz dela quebrou o silêncio tranquilo. — Era típico dele, contudo. Ele estava sempre nos abandonando, desaparecendo por dias.

— Ela olhou para a água, mas o que viu foi a velha fazenda.

O pai parado na varanda da frente. Usava o macacão manchado de sempre, com as mangas da camisa arregaçadas exibindo braços grossos. Ele emanava um cheiro forte de luar e de algo mais.

Uma raiva sombria e proibida que sempre a fazia sair correndo pelos campos para se esconder dele.

Viv suava nas palmas das mãos e agarrava a medalha pendurada no pescoço. Era igual à que a mãe usava. São Benedito. O protetor. Sentia a medalha gelada na palma e, em seguida, uma onda de ansiedade. Combinada ao medo.

Corra. Esconda-se.

Ela já fizera isso tantas vezes.

Geralmente ele a encontrava, mas, às vezes, poucas e abençoadas vezes, não.

Corra. Esconda-se. Não tivera chance de fazê-lo naquela noite.

— No começo achei que ele estava apenas bêbado

— disse ela, com os lábios trêmulos. — Estava com aquele olhar enlouquecido de sempre. Mas havia algo mais... No começo eu não soube o que era. Mas quando ele abriu a boca, eu vi as presas. Atacou minha mãe num piscar de olhos — disse, quase sem voz. — De repente ela estava lá e, no minuto seguinte, ele lhe rasgou a garganta e ela caiu no chão, sangrando. — Ele arrancara a medalha da esposa e deglutia o sangue enquanto Viv assistia à cena, horrorizada. — Então ele me transformou. Eu tentei fugir. — Sentiu um nó na garganta. — Corri para a porta, mas ele me alcançou. Lutei contra ele e bati em uma lamparina. Em um minuto minha mãe estava lá, caída, e no outro o vestido dela estava em chamas. Eu tentei ajudar, mas então ele me pegou e... —As palavras tropeçavam umas sobre as outras e ela engoliu em seco outra vez. O passado estava lá, bem em frente. Ela reviu as flamas alaranjadas, sentiu o calor, a dor e o terror.

— Isto explica por que você ficou tão nervosa com o princípio de incêndio na loja. — A voz profunda dele lhe deslizou ouvidos adentro, trazendo-a de volta ao presente.

As imagens foram desaparecendo, e ela se pegou olhando fixo para a grama verde.

— Quando ele terminou de beber do meu sangue, eu estava quase morta e minha mãe irreconhecível, de tão queimada. — Ela então olhou nos olhos de Garret.

— Como eu lhe disse, ele não morreu, mas eu gostaria que tivesse morrido. Era um homem odioso. Ele batia na minha mãe e... — Ela mordeu o lábio inferior em um esforço para afastar as imagens mais sombrias, aquelas que ela havia enterrado bem no fundo de si. — Ele não era nada bom para mim.

Garret ficou com os olhos vermelhos de ódio e ela percebeu que ele estava furioso.

Com ela? Por ela ter mentido?

Ou por ela?

Se Viv não soubesse bem, diria que era a segunda opção. Mas ela o magoara demais para ele se importar.

Ela deu de ombros.

— Tive muito tempo para superar o que aconteceu, e superei. Mas, mesmo assim, ele deveria ter morrido naquele incêndio. Na minha cabeça, ele morreu.

— Meu pai morreu de ataque cardíaco — disse ele.

— Minha mãe morreu de tuberculose. Não que eu estivesse por perto. Não confiava em mim para encará-la depois de transformado em vampiro, por isso sumi.

— Como você descobriu o que aconteceu a ele?

— Ela afastou os demônios da própria mente e se concentrou nos dele.

Ele levantou o palmtop.

— A tecnologia é uma coisa linda. — Ele sorriu, aliviando o clima pesado que se instalara entre eles. A expressão se desfez. — Lamento muito por sua mãe.

Ele pareceu tão surpreso pela sinceridade das próprias palavras quanto ela, mas então o olhar se dissipou se voltou ao pequeno computador.

Eu realmente preciso terminar umas anotações. Ela ficou em pé ao lado dele por alguns momentos, tentando ignorar o passado que ia e voltava na mente. as as memórias que a assombravam agora eram as que envolviam Garret. Os dois ao luar. Conversando. Fazendo amor.

Não. Para fazer amor era preciso amar, e eles não se amavam. Eles fizeram sexo.

— Eu... Eu realmente preciso tirar umas fotos para minha matéria. — Viv havia terminado o texto, no qual chamava Skull Creek de "a mais sexy das cidades pequenas do Texas", e enviado por e-mail ao editor. Só faltavam mesmo as fotos.

O rio e o luar representavam bem a imagem sexy que ela queria passar aos leitores. Ademais, bater algumas fotos seria uma forma de fazer algo enquanto ele terminava as anotações. Depois ele olharia Viv por tempo suficiente para que ela o seduzisse.

Viviana teve vontade de caminhar até a moto cor-de-rosa e pegar a câmera. Quis mesmo. Mas os pés pareciam ter adquirido vontade própria e, em vez de dar meia-volta, ela foi em frente, entrando na água.

Os pés mal tocavam a superfície, outra habilidade dos vampiros, enquanto ela caminhava para frente dele.

Garret não levantou os olhos do pequeno computador.

A dúvida superou a determinação que ditava as ações de Viv, que quase voltou à margem do rio para esperar.

Ela esperaria.

Se tivesse tempo.

Mas os minutos estavam se esvaindo e Molly e Cruz estavam chegando cada vez mais perto. Aquele telefonema à procura dela provava isto.

Era agora ou nunca.

Ela recuou vários passos, distanciando-se um *pouco* dele enquanto se concentrava. Finalmente, parou.

— Olhe para mim, Viv.

Garret estava olhando para ela. Viv agora tinha toda a atenção dele.

Ele estava de pé, segurando o palmtop de maneira distraída enquanto a fitava. Os olhos azul-gelo cintilavam ao luar. O corpo estava rijo de tensão. Os músculos se avolumaram sob a camisa. Linhas duras lhe cortavam o rosto, deixando-o áspero, incisivo, predatório.

Ele era exatamente o vampiro no qual ela o transformara.

Ao mesmo tempo, havia algo de familiar naqueles olhos.

Paixão.

Luxúria.

Amor.

Ela descartou o último pensamento. Ele jamais a amara.

Mas querer...

Querer, ele a queria.

Mas será que o desejo bastaria para ele perdoar o passado, se esquecer da mágoa e da traição e tomar a iniciativa?

Só havia um jeito de saber.

Que diabos ela estava fazendo?

Garret ficou observando enquanto Viv foi se aproximando lentamente ao som da canção sexy e lenta que saía da rádio da moto. Os quadris oscilavam de um lado para outro de um jeito sedutor, fazendo com que os músculos e a virilha dele reagissem de imediato.

Ela passou as mãos na sedosa cortina dos cabelos e os soltou sobre os ombros. Não tinha a prática de uma profissional em strip-tease, mas era muito boa naquilo.

Tão boa que o membro dele já estava rijo.

Não é ela. É, você, meu chapa. É quem você é. O que você é.

Ela arqueou as costas e os seios se aprumaram, ressaltando os mamilos perfeitamente desenhados sob o tecido. Ele salivou ao se lembrar daqueles mamilos na boca e daquela pele suada nas mãos. O corpo inteiro estremeceu de desejo. Sentiu uma

ânsia cortante dentro de si e se pegou pensando que talvez, quem sabe, fazer sexo com ela não fosse algo tão ruim assim.

Não era como se ele estivesse se apaixonando novamente. Na verdade, era questão de cair na cama com ela. Ou melhor, de cair à margem do rio com ela.

Um pouco de intimidade física e ele veria que ela não era nada de especial. Veria que ele simplesmente estivera hipnotizado durante todos aqueles anos. Mas ele não estava hipnotizado agora. Estava louco de desejo.

Precisava estar dentro dela e beber daquela doce energia.

Mais ainda, precisava desfazer a ilusão que vinha lhe atormentando pelos últimos duzentos anos.

Viv Darland não era a mulher de vida dele, nunca fora, e fazer sexo com ela seria uma forma infalível de provar que ela não era diferente das demais.

Aí ele conseguiria parar de fantasiar. De sonhar. De se lembrar.

De uma vez por todas.

CAPÍTULO QUINZE

Finalmente ela conseguira atrair a atenção plena de Garret. Só não sabia se isso era bom ou ruim.

A expressão no rosto dele era indecifrável; ele a olhava com dureza e os lábios irados sugeriam uma batalha interna.

Viv lambeu o lábio inferior, determinada a fazer tudo que pudesse para reverter o jogo a favor dela. Tocou o pescoço com o dedo e sentiu o próprio desejo revirar.

Uma voz profunda que vinha do rádio cantava sobre fazer amor pelo final de semana inteiro, e Viviana começou a baixar lentamente a blusa, descendo uma das alças pelo ombro. Depois a outra. O tecido se acomodou sobre o colo, prendendo-se aos mamilos excitados.

Garret engoliu em seco e o ar ficou mais cálido e cintilante entre ambos.

Dava para ela sentir o calor que emanava do corpo dele e a pulsação frenética na base do pescoço, o cheiro almiscarado de macho excitado. Foi quando ela ceve certeza de que ele não tinha nem metade da indiferença da qual ela suspeitava de início.

Viv foi tomada por um ímpeto de poder feminino e baixou a blusa até a cintura. Depois de se livrar totalmente da peça, com a segurança de uma mulher sexy que passou a vida seduzindo homens, ela sorriu. Apenas um leve sorriso de canto de boca, como se lhe avisando que ainda havia mais, muito mais, pela frente.

Depois de ficar, enfim, totalmente nua, ele continuou parado.

Observando.

Esperando.

— Eu vim aqui para isso — ela se ouviu dizer e cravou os olhos nos dele. — Vim por você.

Ela não sabia bem por que estava lhe dizendo a verdade. Exceto pelo fato de estar despida por completo, não viu mais motivos para continuar negando tal fato. Além disso, ela queria que Garret soubesse que ele não havia sido um homem qualquer para ela.

Nem agora nem em nenhuma outra época.

Ele passou um longo tempo sem se mexer, como se estivesse esperando que as palavras dela lhe mergulhassem no cérebro. O olhar dele transmitia perplexidade, além de um fogo que queimava tudo o mais.

Garret pôs o palmtop no chão e puxou a borda da camiseta, tirando-a e jogando-a de lado. Fez o mesmo com a calça jeans e Viv baixou os olhos imediatamente para ver a explosão de desejo na região da pélvis dele.

Garret se aproximou.

Chegou perto, mas não perto o bastante.

— Não sou o homem de quem você se lembra. — Ela não entendeu bem se aquilo era uma confissão ou uma advertência.

E de repente, Viv até pensou se não tinha vindo a Skull Creek em vão.

Ele agora estava diferente.

E havia uma possibilidade bem real de a reação dela a ele ser diferente também.

— Eu não sou um homem — ele acrescentou.

Ela se agarrou ao que lhe restava de esperança e brincou com o mamilo sensível.

— Nem eu sou mulher.

Um sorriso se formou nos lábios dele, e em seguida veio um olhar repleto de um desejo agudo.

— Eu a vi assim, sabe — disse ele, tirando a mão de Viv do seio e substituindo pela própria mão. O mamilo ficou ainda mais rijo do que já estava. — Sob o luar, com os olhos acesos e o corpo trêmulo ele entreabriu os lábios apenas o suficiente para ela avistar as presas brancas. — Em meus sonhos. Minhas fantasias.

— Eu também fantasiei com você. — Ele se abriu com tamanha liberdade que ela resolveu fazer o mesmo.

Queria conversar com ele como conversara naquela época. E queria que ele ouvisse. Que tivesse carinho.

Carinho? Não era questão de carinho. Era questão de paixão.

Ele esfregou o dedo novamente no mamilo antes de mergulhar para lambe-lo. Uma vez. Duas. Lenta e meticulosamente.

Pois ela não estava excitada o suficiente. Ainda não.

— Nossa, está esquentando — disse ela quando ele abarcou-lhe os seios com as mãos.

— Nem metade do que ainda vai esquentar. — Ele massageou os globos macios.

Viv sentiu o calor se acender no ventre e fechou os olhos por um longo e

exasperante momento.

Ela não ia... Não podia...

Abriu os olhos e olhou os próprios pés, concentrando-se na maneira mais rápida de fugir daquela sensação deliciosa que lhe destruíra o autocontrole.

— Eu... Eu acho que talvez seja hora de dar uma refrescada. — Ela mergulhou na água, escapando do toque de Garret.

O líquido frio se fechou sobre a cabeça dela, que regozijou ao sentir a mudança de temperatura. Precisava se acalmar, extinguir o inferno que se acendera dentro dela e que ameaçava tomar o controle de tudo.

Ela não ia tomar a frente da situação e acabar com as chances de ter um autêntico orgasmo.

Não ia.

Ficou debaixo d'água por vários momentos longos, até o coração se acalmar o suficiente para ela ser capaz de raciocinar de novo.

Finalmente Viv nadou de volta, sob o luar brilhante. Emergiu fazendo um som suave e, ao abrir os olhos, não o viu em parte alguma.

Enxugou o rosto com a mão. Não havia nada na margem além das duas motocicletas, e as árvores engoliam tudo escuridão adentro.

Claro que ele não iria embora, largando a motocicleta.

Mas se ele mudara de idéia...

Talvez o mergulho dela o tivesse levado a retomar o juízo em vez de estimular o desafio.

Talvez ele tivesse batido em retirada.

A verdade ecoou na cabeça de Viv quando ela o procurou com o olhar. Um leve farfalho lhe trovejou na mente e ela voltou o olhar para a farta vegetação à direita. Um coelho saiu correndo pelo chão e desapareceu em meio à floresta. Ouviu o barulho de um grilo pulando de um galho para outro. Um vaga-lume se acendeu ao surgir por entre as árvores.

Ela fixou o olhar na água, procurando penetrar as profundezas escuras, mas viu apenas as próprias pernas e braços. Na superfície, apenas o próprio reflexo.

Os cabelos estavam emplastrados na cabeça. A água pingava da ponta do nariz de Viv.

Foi quando sentiu algo lhe roçar o tornozelo.

Ela deu um pulo. Podia estar querendo brincar com Garret, mas não queria brincadeira com peixe algum. Muito menos com uma cobra. Não que ela fosse vulnerável a cobras. Porém, pensar em uma delas lhe roçando os tornozelos lhe dava ânsias de nervoso. Com certeza ela não era chegada a cobras.

Então algo lhe roçou o outro tornozelo e ela começou a sair da água. Foi quando o leve roçar se transformou em um puxão firme, que a arrastou para baixo.

A água se fechou sobre ela, que submergiu por completo. Viv sentiu braços fortes lhe abraçando e percebeu que não era cobra alguma.

Os olhos se abriram em meio à água cintilante e ela viu o rosto de Garret a poucos centímetros do dela. Os olhos dele ardiam de um desejo tão intenso que pareciam prestes a entrar em combustão.

Ela se lembrou de Winona e pensou que tinha muito a agradecer pelos conselhos. Entretanto, quando os lábios dele tocaram os dela, Viviana parou de pensar.

Shazam!

????????????????

CAPÍTULO DEZESSEIS

Tantas foram as vezes ao longo dos anos em que ele fantasiara estar beijando Viv... Mas nada, nem o sonho mais lascivo, o preparara para realidade.

Os lábios suaves e fartos de Viv emitiram uma corrente elétrica que atingiu primeiro os lábios de Garret e depois o membro ereto. Ele penetrou fundo com a língua, investindo com firmeza. Estava cansado de ficar renegando os próprios desejos. Pretendia saborear cada centímetro dela, sentir o sabor da essência de Viv, fazê-la padecer e gemer até não ter mais dúvidas de que ele era tal como ela: uma criatura vampiresca sedutora e hipnótica, cheia de sexo na mente.

Ele trouxe o corpo dela para junto de si, ambos flutuando na cintilante profundidade aquática. Garret deslizou as mãos pelo corpo nu de Viv e ficou maravilhado pela sensação do toque. A pele dela era mais macia do que ele se lembrava. Mais voluptuosa. O que ele sabia ser impossível.

Afinal, ela era vampira. A mesma de ontem, de hoje, e amanhã. Ele sabia disso, mas mesmo assim diminuiu o ritmo das mãos para redescobri-la lentamente.

Garret a trouxe mais para perto, lhe puxando as pernas para que se enrascassem nele os tornozelos enganchassem na base das costas. Então ele a acomodou com firmeza contra a longa e dura manifestação de desejo sob o zíper da calça jeans.

Ela abraçou-lhe o pescoço e se pendurou nele, que a balançava. O material grosso do tecido roçou no clitóris dela, e Garret sentiu que ela estremeceu.

A água ao redor deles borbulhou por causa do calor emanado pelos corpos. A julgar o ritmo pelo qual estavam indo, não ia demorar muito para que o rio inteiro começasse a evaporar.

Ele concentrou os pensamentos e procurou subi-la até começarem a levitar. A água pingava deles, salpicando o rio enquanto se dirigiam para a outra margem, até que chegaram ao farto gramado.

Quando os pés descalços de Garret tocaram a grama exuberante, ele a beijou outra vez, explorando-a e provando-a por alguns momentos frenéticos, até que enfim a soltou. Colocou-a no chão, esfregando-a contra a ereção, fazendo-a sentir como ele a desejava.

Viviana entreabriu os lábios, arfando. Ele captou o som ao beijá-la de novo, com insistência. As mãos dele estavam em toda parte, tocando, marcando, fazendo-a se lembrar do passado e do quanto ele mudara.

Esse era o objetivo. Provar que ele não era mais o mesmo homem, assim como ela não era mais a mesma mulher. Estava tão cheio de desejo quanto ela, é claro, mas o objetivo que Garret tinha em mente era bem diferente.

Naquela época a preocupação dele era dar e receber prazer. Mas agora... Agora não era questão de ter um orgasmo. Era questão de se sustentar, de ficar mais forte, de se alimentar.

A questão era dar a Viv um orgasmo e faltar-se da energia da qual ele precisava com tanto desespero.

E ela queria a mesma coisa. Ao menos era o que ele achava. Mas Viv não fez nada para excitá-lo e fazê-lo perder a cabeça.

Em vez disso, pareceu contente por ser a parte passiva. Como se o objetivo dela não tivesse nada a ver com a fera que vivia e respirava dentro de si, e sim com a mulher em frente a ele.

Até parece.

Ele tinha de lhe dar algum crédito. Era uma atriz e tanto. Sempre fora.

Sons desesperados saíram dos lábios lascivos de Viv quando ele a tocou. Os seios se avolumaram sob os dedos dele. Os mamilos endureceram.

Ele se abaixou mais, acariciando a fonte cálida entre as pernas dela, afundando, imitando o que viria a fazer.

Deslizou a mão por entre o vão delicado, encontrando-a pronta, lubrificada.

Ela conseguiu entreabrir os lábios.

— Não. — Viv arfou no minuto em que sentiu Garret adentrando-a com o dedo. — Assim, não... Eu...

Ela lambeu os lábios, os olhos brilhando de desejo. — Eu... Eu o quero dentro de mim.

Ele também queria.

Ele queria mergulhar bem fundo, se esquecer do resto do mundo e explodir.

Ao perceber isso, ficou ainda mais determinado a se conter.

Como faria com qualquer mulher. Era isso que ela representava para ele.

Uma mulher qualquer.

Uma mulher como todas.

Ele ignorou este último pensamento e deslizou um dos dedos para dentro dela. Viv gemeu, o som vibrando do fundo da garganta, alimentando a excitação que cingia dentro dele.

— Não — disse ela outra vez quando ele introduziu o segundo dedo, mas o disse de forma mais suave, mais fraco. Ele tirou e colocou de novo. Sentiu os músculos internos dela tiritando e uma gota de prazer foi parar na palma da mão. Os lábios dela estremeeceram quando ele pousou-lhe outro beijo na boca. Mais intenso do que o anterior. Mais quente. Mais molhado. Durante os momentos seguintes, ele lhe deu prazer com a mão e com a boca. Um gemidinho saiu dos lábios dela, que foi tomada por um tremor. A energia fluiu para dentro de Viv, espalhando-se por todos os pontos de contato. Ele manteve o ritmo estonteante e deixou ganhar força. Aguçou os sentidos e a neblina na cabeça foi clareando.

Mas ela percebeu que isso não bastava quando o clímax foi diminuindo e o zumbido virou um sussurro distante. A fera dentro dela se remexeu, inquieta, exigente e nada satisfeita, e um grunhido lhe saiu da garganta.

O murmúrio profundo ultrapassou os sinos que soavam nas orelhas de Viv, atraindo o olhar para o dele. Ela se afastou um pouco a fim de encará-lo.

Os olhos de Garret se acenderam com uma luz predatória. O ar lhe escapou dos lábios, sibilante, e ele abriu a boca. As presas dele fulgiram ao luar e uma excitação louca surgiu.

Louca porque ela não podia deixá-lo beber dela. E não deixaria. Se ele bebesse do sangue de Viviana, ou vice-versa, estariam forjando um laço inquebrantável entre os dois.

Passariam a ser um só.

Ele conheceria os medos mais sombrios e os segredos mais profundos daquela mulher.

Ele saberia a verdade.

Ela tropeçou para trás, mas ele se recusou a deixá-la recuar. Acompanhou os passos de Viv, até que ela deu de costas com uma das árvores enormes que rodeavam a clareira.

Nada mais do homem apaixonado que lhe dera prazer por horas sem fim. Em vez disso, ele se transformou em um selvagem dos mais primitivos.

Um vampiro.

A verdade acionou uma onda de culpa, mas então ele levantou o braço para tocá-la.

Uma das mãos afundava nos cabelos dela, enquanto a outra lhe apertava a curva das costas. Garret puxou a cabeça de Viv para trás até deixar o pescoço completamente exposto.

As pontas afiadas das presas roçaram a carne macia, raspando e espetando apenas o suficiente para extrair uma doce gota. Ela soltou um som sibilante, como quem avisa para se afastar, mas ele não estava disposto a recuar.

Seguiu a trilha carmesim com a boca sedutora e foi lambendo a pele até a região da clavícula, descendo em direção aos seios e alcançando o mamilo.

Ele a abocanhou, sugando-a, e Viv sentiu-se partida em um estouro de prazer que a tomou inteira. Mas apesar de Garret lhe raspar a pele com as presas, ele não as cravou no pescoço de Viv. Ela percebeu então que, assim como ela, Garret também não queria criar laços permanentes.

Primeiro sentiu alívio; depois, decepção.

Ele não lhe dera uma chance de analisar aquela estranha reação. Logo em seguida a fez deitar na grama macia e sentou de pernas abertas sobre ela.

O tecido desbotado da calça jeans molhada lhe abarcava as coxas duras, mostrando as ondulações dos músculos. O torso nu cintilava, coberto por uma fina camada de água que adejava ao luar.

Viv passou as mãos pela pele musculosa e lisa de Garret, cujos ombros oscilaram sob as palmas. Ela levou os dedos aos pelos que lhe cobriam o peito, tocando-o de forma vacilante, conteve-se ao seguir pelo remoinho de seda que descia pelo abdômen. Parou rente ao cócs da calça jeans.

O desejo gritou dentro dela, instando-a a continuar. Os dedos se encolheram de tanto desejo. Os músculos se retesaram. Ela se forçou a desviar o olhar, subindo para o abdômen rijo, o peito amplo, o pescoço ornado por um cordão, o rosto.

Os olhos dele entraram em combustão, refletindo assim o esfomeado e desejo selvagem que Viviana sentia.

— Por favor — ela se ouviu implorar. Já passara tempo demais sem sentir aquele calor molhado.

Como se estivesse lendo a mente de Viv, Garret se debruçou sobre ela. Chicoteou com a língua o mamilo perfeitamente pronto, fazendo-a gemer. Ele a sugou com a boca quente e úmida, lambendo e acariciando até ela começar a se retorcer sobre ele.

— Baixe meu zíper — ele disse, quando finalmente afastou. Pegou a mão de Viv e levou à virilha.

Ela tocou o zíper com dedos hesitantes e sentiu que o metal estava quente. Pois ele estava quente, a pele dele estava em chamas.

O ar que os cercava tremeluziu de um modo que ela quase pôde ver as partículas vindas das translúcidas profundezas dos olhos dele.

— Não posso... — Pois se começasse agora, não ia conseguir mais parar. Se puxasse o zíper, acabaria rolando e montando sobre ele, e esse seria o beijo da morte. Ele tinha de conduzir.

— Pode, sim — disse ele. — E vai fazer isso. — Ele se debruçou e golpeou-lhe o mamilo com a língua mais uma vez, provocando-a e torturando-a ainda mais desta vez, até ela não resistir mais a tocá-lo.

O zíper sibilou e ele se libertou, quente e ávido, nas mãos de Viv, que se concentrou totalmente naquele pedaço de carne pulsante e ardente. Suave como cetim, duro como pedra. Ela o envolveu com os dedos, tocando a ponta úmida de desejo. Ele pulou nas mãos dela, e ela mal resistiu à tentação de se abaixar e lhe provar o sabor.

Entretanto, o que ela fez foi envolver-lhe o pescoço com os braços, puxando-o para um beijo que surpreendeu a ambos. Foi um gesto ousado, mas sem metade do desejo agressivo que ela possuía por ele.

A paixão de Viv pareceu alimentar a dele, e logo Garret estava de volta ao banco do motorista. Ele ajeitou com mais força, mais intensidade, mais ânsia.

Afastou-se apenas o suficiente para tirar a calça jeans encharcada, e então se juntou a ela na grama macia.

Abriu-lhe as pernas e se encaixou no meio delas. Roçou a ereção para cima e para baixo nas dobras lubrificadas antes de penetrar em um só golpe poderoso.

O repentino senso de preenchimento total profundo fez Viv emitir ondas de choque através de todo o corpo. Os músculos internos se contraíram, sugando-o. A pressão irrompeu no ventre dela.

Ele começou a se mexer, colocando e tirando, cada vez mais rápido, quase levando-a ao clímax, bem do jeito que já fizera tantas vezes. Mas o calor parecia mais doce desta vez, e o cume da onda parecia ainda mais alto do que ela lembrava.

O pináculo desta vez foi mais escarpado, e o cume mais elevado. Quando ela finalmente alcançou o topo e mergulhou no abismo daquele orgasmo glorioso, foi muito

mais poderoso do que qualquer lembrança.

A sensação se abateu sobre ela, tragando-a por vários e longos momentos. O coração batia muito forte e o sangue corria veloz. Ela se contorceu sobre ele, e agüentou firme. O prazer lhe sorveu de tal maneira que o coração parou e o corpo trincou.

Ela olhou para ele, para dentro dele, esperando pela onda de quentura enquanto ele a seguia além de todos os limites.

Mas em vez de penetrar mais fundo e se soltar, ele tirou poucos centímetros, até restar apenas a ponta do membro dentro de Viv. Os músculos se avolumaram quando ele se conteve, debruçando-se sobre ela. Os olhos de Garret ficaram ainda mais brilhantes e ele soltou um grunhido vindo do fundo do peito. Estremeceu ao absorver a doce energia sexual do orgasmo dela.

Ela sentiu a sucção nas dobras lubrificadas onde aquela extremidade se alojara. O tremor de pele contra pele a excitava quase tanto quanto o sexo em si. Os mamilos enrijeceram e o clitóris começou a tremer outra vez. O corpo vibrou e ela foi tomada por sensações que vibraram em cada ponto. E então, não mais que de repente, estava acontecendo de novo.

O prazer se abateu sobre ela, que gemeu e fechou os olhos, jogando o corpo contra o dele por vários e longos momentos. Até que Viv se acalmou o bastante para abrir os olhos mais uma vez. Deparou-se com ele ainda sobre ela, o corpo tenso, os dentes trincados, como se ele estivesse esperando a autorização dela para se libertar.

O olhar dele era a expressão do mais puro desejo. Ao menos foi o que Viv pensou. Mas então ele pareceu hesitar, e a emoção desapareceu dentro das profundezas dos olhos azuis gelados, e Garret fez a última coisa que ele esperava.

Ele tirou tudo.

— É melhor voltarmos — ele disse com irritação ao se afastar dela, ainda com uma ereção dura. Pegou a calça jeans. — Tenho muito trabalho a fazer.

— Eu... — Ela mordeu o lábio inferior para conter o súbito tremor enquanto se sentava e tentava acalmar o choque que lhe martelava as têmporas. — Eu... Também preciso voltar ao trabalho.

O silêncio se esticou enquanto ele vestia a calça jeans. Ele soltou um assobio ao fechar o zíper sobre a Protuberância. Ela quase foi até ele. Com uns poucos movimentos da mão, somados ao calor da boca, Viv poderia lhe dar o alívio pelo qual ele ansiava com tanto desespero.

Por outro lado, talvez ele não precisasse dela. Talvez não estivesse sentindo tanto desejo assim.

Quem sabe ele estivesse mais do que satisfeito com o clímax atingido somente por ela?

Aquela possibilidade a assombrou enquanto ele a ajudava a ficar de pé. Não houve mais toques prolongados. Na verdade, ele soltou a mão dela o quanto antes. Em um piscar de olhos já estava do outro lado do rio, junto às motocicletas.

Quando Viv chegou lá, Garret já havia pegado uma camiseta de reserva que guardava debaixo do banco da moto. Jogou a camiseta para ela e depois pegou a própria camiseta, que continuava onde ele a havia atirado.

Viv olhou para a água. Fizera o strip-tease no rio, ou seja, as roupas estavam agora

a vários metros debaixo d'água. Ela pensou se devia dar um rápido mergulho para ver se achava ao menos a calcinha, mas Garret montou na moto e ligou o motor, e ela viu que não teria tempo para fazê-lo.

Não se quisesse segui-lo.

Vestiu a gigantesca camisa. O algodão chegava ate o meio das coxas, o que lhe permitia montar a moto com discrição suficiente.

— Vamos. — Ele não esperou resposta. Deu partida na máquina e saiu em disparada, como se fosse o próprio demônio em uma perseguição das boas.

Viv procurou afastar da cabeça o súbito tormento que lhe veio, deu a partida e o seguiu.

Você conseguiu, ela procurou se lembrar enquanto ia atrás dele.

Sexo.

Orgasmo.

Shazam!

Por mais estranho que parecesse, ela não estava nem um pouco mais satisfeita do que quando chegaram ao rio.

Era a moto, é claro.

Ela não estava de calcinha e o ritmo constante do motor estava lhe afetando.

Claro que não estava sentindo-se tão aborrecida porque Garret não chegara ao orgasmo. E daí se ele se conteve e se deu por satisfeito apenas em beber a energia dela?

Ele era um vampiro, e era isso que os vampiros faziam. Claro que ele jamais faria algo assim se fosse humano, mas ele não era mesmo. E que diferença fazia, afinal de contas?

Ela não fora a Skull Creek para lhe proporcionar um orgasmo. Ela fora lá para obter um.

Ou seja, o que ele sentia ou deixava de sentir não era Problema dela. Conquistara o objetivo, ponto final.

Viv bem que quis se convencer de tal fato. Mas não teve como evitar o nó no estômago e o vazio no peito ao segui-lo para dentro do estacionamento da Skull Creek Motos. Ele já estava saltando do veículo quando ela desligou o motor.

Pode deixar as chaves na ignição. Depois eu pego — disse ele, e em seguida lhe deu as costas e saiu caminhando sem dizer sequer "até logo".

Viv ficou observando enquanto ele entrou pela porta dos fundos, e então desceu da moto para voltar ao hotel.

Ela engoliu em seco e piscou freneticamente.

Não ia chorar. Devia estar feliz. Ela estava feliz.

Conseguira. Tivera um orgasmo dos bons, pensou ao voltar para o quarto.

O instinto de sobrevivência se acendeu e voltou à vida.

Meia-volta. Lute. Corra.

Não mais.

Ela fechou os olhos quando as sombras se fecharam a sua volta e sentiu a mão desconhecida lhe apertar a garganta.

Chegara finalmente a hora de acertar as contas.

CAPÍTULO DEZESSETE

Em um piscar de olhos um homem forte a virou e a jogou contra a parede mais próxima. Olhos verdes luminosos lhe encararam e ela se lembrou.

— Xerife Keller? — Viv cortou a escuridão com o olhar e assimilou a imagem familiar de Matt Keller, o xerife que a ameaçara de prisão em Washington.

— Não, é o Coelhozinho da Páscoa. Era ele, sim.

Tinha mais de 1,80m e cabelos negros bem cortados. A barba feita pela manhã já lhe escurecia o rosto ao fim da tarde, ressaltando o maxilar anguloso. Uma cicatriz em ziguezague começava na testa e terminava no meio do rosto. Ele não era dos homens mais lindos que ela já vira, mas tinha uma aura de brutalidade que, sem dúvida, atraía mais mulheres do que ele merecia.

E claro que Viv não era uma delas. Apesar da fome que vivia e respirava dentro de si, ela não sentira a menor atração ao conhecê-lo. Ficara preocupada demais com a história, paranóica demais devido à sensação aguda de ter Cruz e Molly no encalço.

Você voltou à cena do crime — disse a ela. — Eu sei disso porque encontramos um DNA estranho na entrada. — Ele apertou os olhos. — Você alterou as provas.

— Não tive intenção de fazê-lo. Eu... Eu voltei para tirar umas fotos e me cortei.

— Havia sangue demais para um corte pequeno.

— Eu sangro muito.

Ele não parecia estar caindo naquela conversa, soltou-a mesmo assim. Mas antes o olhar cintilou, muito verde, e ela começou a imaginar se o sucesso de Matt Keller com as mulheres se devia a algo além daquela aparência brutal.

Principalmente quando ela olhou bem no fundo dos olhos dele e viu... nada. Nenhum obstáculo emocional. Nenhuma história de família. Nenhum objetivo profissional, nem planos. Só um muro de nada.

Seria ele um vampiro?

Não. Ela teria sentido se fosse. Só estava sentindo algo diferente, como se Molly e Cruz já estivessem por perto. Mas não perto demais.

Ainda não.

Ela olhou dentro dos olhos de Matt à procura de algo que indicasse que ele era apenas um humano que sabia proteger os pensamentos. Alguns eram capazes disso, especialmente se soubessem que havia vampiros tentando adentrar-lhes a mente. Ela se concentrou ao máximo, determinada a derrubar a barreira mente e a enxergar a verdade.

Como se soubesse o que ela estava querendo, Keller se virou, desviando aqueles

olhos de um verde cada vez mais cintilante, e acendeu uma luz próxima.

— Pronto — disse ele. — Assim é melhor. — Achou a porta do quarto. — Agora podemos conversar.

— Sobre?

— Sobre o Açougueiro. Você voltou à cena do crime. Você tirou fotos. Reuniu provas. Eu as quero.

— Mas eu não fiz nada disso. Eu pretendia fazer, mas então eu... — Ela engoliu em seco — me cortei e tive de sair para arrumar um kit de primeiros socorros.

Ele não acreditou, mas também não fez nada.

— Mesmo assim, você tem acompanhado o caso desde o início. O assassinato de West Hollywood. O casal de Portland. Você tirou fotos e fez perguntas, e presumo que esteja sabendo de muito mais do que se dá conta.

— Então você veio ao Texas para isso?

— Estou quase decifrando esse caso, e aí está o problema. Estou perto demais do assassino. Achei que, se comparássemos nossas anotações, poderia me ajudar a entender que peça está faltando no quebra-cabeça. Esse cara se acha uma celebridade, e você sabe como são as celebridades.

Razão pela qual ela se envolveu na história. Revistas de fofoca não cobriam assassinatos medonhos, a não ser que fosse algo realmente sensacional. Como um Brad Pitt ou Tom Hanks, ou algum outro ator top de linha, sendo possuído pelo espírito de um serial killer. Não era muito plausível, mas o bebê alienígena de três cabeças nascido no Oregon também não era nada plausível.

— Eu duvido muito que minhas anotações possam lhe ajudar em alguma coisa.

— Eu decidirei isso no momento que você me passá-las.

— Adoraria, mas dei tudo ao editor da revista. — Ela rabiscou um número. — Ligue para Louise. Diga a ela que eu lhe dei o número. Tenho certeza de que ela poderá lhe enviar uma cópia de minhas anotações por e-mail.

Ele assentiu.

— Eu conversei com ela quando comecei a procurar por você. — Ele deve ter percebido a expressão curiosa de Viv, pois acrescentou: — Eu segui seus rastros. Você comprou a passagem de avião de Los Angeles para San Antônio com um cartão de crédito. De lá, eu a segui até um posto de gasolina a cerca de trinta quilômetros da divisa do estado. Fiz algumas ligações para as cidades ao redor até parar bem aqui. Alguém atendeu no hotel e, quando mencionei seu nome, ele pareceu tenso. Agora sei o motivo.

— Você não poderia simplesmente ter descoberto meu celular e me telefonado?

Ele deu de ombros.

— Não me ocorreu.

Ah, certo. Um número de telefone seria uma resposta mais do que lógica se tudo que ele quisesse fosse mesmo fazer algumas perguntas. A não ser que, na verdade, estivesse muito mais ansioso para descobrir o paradeiro dela do que para lhe falar.

Descobri-la.

Inconscientemente, Viv levou a mão ao pescoço procurando pelo calor reconfortante

da medalha de São Benedito, até que se lembrou de que estava guardada na mala.

— Desculpe por lhe agarrar daquele jeito — disse ao perceber o gesto dela. — Você infringiu a lei antes e eu não podia ter certeza total de que você não pretendia acrescentar uma agressão a um policial em serviço à sua ficha de crimes.

— Duvido que eu fosse capaz de lhe atacar.

Ele pareceu não acreditar no que ela acabara de dizer, assim como ela mesma não acreditava. Como se ele soubesse que ela não era a repórter bem-educada que fingia ser.

— Eu realmente duvido que você vá encontrar qualquer pista concreta em minhas anotações — disse ela, ansiosa para ignorar o estranho pensamento que lhe ocorrera. Ele não era vampiro, o que significava que ele não tinha como saber a verdade sobre ela.

— Isso eu julgarei. — Ele guardou o papel com o número de telefone no bolso da camisa. — Estou hospedado em um quarto ao fim do corredor. Liguei para sua editora. Estarei por aqui amanhã, certo? Caso eu precise esclarecer alguma coisa...

Ela fez que sim, e o encarou mais uma vez. O olhar dele parecia procurar por algo.

— Assim que eu chegar a alguma conclusão, conversaremos — disse ele, enfim.

— Espero que você encontre o que procura — disse Viv pelas costas dele, que estava se afastando.

— Já encontrei — disse ele, e então desapareceu. O que ele queria dizer com aquilo?

A pergunta a assaltou enquanto ela olhava fixo a Porta fechada. Keller enfrentara muitos percalços para encontrá-la e limitar-se a pôr as mãos em meras anotações.

"Já encontrei."

As palavras dele ecoaram na cabeça de Viviana, e a imagem dele lhe veio à mente — a expressão sábia, o olhar estranho. Já em Washington ela reparara no olhar dele. Mas na ocasião estava tão apavorada por causa de Cruz e Molly que se esquecera de tudo sobre Keller, se esquecera do brilho estranho naqueles olhos e do fato de, por mais que tentasse, não conseguia ler os pensamentos do xerife.

Ela se esquecera de tudo, menos de lutar pela sobrevivência.

Keller aparecera minutos antes de Molly e Cruz, em Washington. Será que ele os levava até ela?

Será que agora ele os estava levando a ela?

A pergunta ficou lhe martelando a cabeça e ela sentiu medo. Passou a tranca na porta e olhou por detrás das cortinas. Não viu nada de anormal.

Foi quando se deu conta de que o medo que sentia não era da morte. O medo era de morrer sem saber o que Garret realmente sentia por ela.

Será que isso queria dizer que ela o amava?

Talvez.

Provavelmente.

CAPÍTULO DEZOITO

— O verdadeiro nome dele é John Darrington. Provavelmente é um pseudônimo como qualquer outro, mas não há como saber com certeza sem conferir antes. Seu último endereço conhecido era em Chicago

— Dalton MacGregor começou a falar assim que Garret atendeu. — Estou lhe passando um e-mail agora mesmo com minhas anotações.

Garret fez uma pausa, com o forçado em uma das mãos e o celular na outra.

— Tem certeza de que é ele?

— Tomando por base a informação que você me passou, este é o homem que você procura. Ele entrou em contato com o blog que o descreveu. De acordo com todos com quem falei, é ele mesmo.

Garret ainda sentia o metal frio pendurado sobre ele, roçando-lhe a pele.

— Quer que eu vá até Chicago conferir pessoalmente?

— Já conferi o suficiente. Vou parar por aqui. Mande-me tudo e parto amanhã de manhã.

Garret desligou e ligou para Jake.

— Pegamos o sujeito — disse ao amigo.

— É mesmo? Não está de brincadeira comigo, está?

— Amanhã vou conferir, depois do pôr do sol. Daqui a 24 horas você deve estar pronto para ver o sol nascer.

— Vou com você.

— Não. Você fica com Nikki e os demais. Tenho de cuidar disso sozinho.

Garret precisava encarar o passado, finalmente ver a cara do homem. Ele queria terminar o quebra-cabeça e enxergar a situação como um todo. E depois destruir o homem que o destruíra.

Era o que ele queria.

Então por que ele não estava sentindo nem a quinta parte da excitação que ouvira na voz de Jake?

Porque matar o Vampiro Ancestral não era solução para todos os problemas de Garret.

Viv não passaria a amá-lo como ele a amava.

Espere aí! Amar? Ela não podia amá-lo mais do que ele a amava.

Que inferno, ele não a amava.

A última noite deixara isto claro. Ele mantivera o controle e resistira à necessidade de chegar ao clímax.

Por pouco.

Esta percepção o seguiu pelo celeiro enquanto ele jogava feno para as três éguas

alojadas nos estábulos. Elas estavam prestes a dar cria e ele queria que elas ficassem confortáveis. Os cavalos se mexeram, totalmente alertas à presença dele, temendo-o. Por enquanto.

Mas depois da noite seguinte as coisas seriam diferentes. Ele poderia ajudar as éguas a parir e começar a adestrar Delilah. Teria a vida de volta. A condição humana. Se ao menos ele quisesse isso com metade da intensidade que queria Viv para si.

Garret passou a meia hora seguinte tentando extirpar tal verdade da mente, e tentando aplinar a energia sexual que lhe tomava o corpo. Mas não conseguia, por mais que fizesse. Ele a queria.

De um jeito que jamais quisera mulher alguma. Ela significava mais para ele do que sexo fácil e um modo de alimentar a fera dentro de si. Mais, muito mais.

Ele não queria acreditar nisso, mas então Viv apareceu na porta do celeiro e Garret pareceu congelar ao ver a imagem dela contornada pelo luar.

Não havia nada de provocante no suéter cor-de-rosa desbotado e nos tênis gastos, mas ele sentiu algo mesmo assim. Os olhos dela emanavam um azul profundo e o coração dele começou a bater forte quando os olhares se encontraram.

Ele a amava, sim, e isto o deixou ainda mais determinado a resistir quando Viv se aproximou. Já lhe dera o coração. Não ia cometer o erro outra vez. Não, ele ia ser cauteloso. Controlado.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, tentando soar indiferente.

— Gostaria de ver onde mora. — Ela olhou ao redor. — É bonito.

— É um celeiro.

— É, bem... — Ela deu de ombros — é um bonito celeiro.

A tensão se amainou por alguns momentos e Garret não foi capaz de evitar que um pequeno sorriso se forçasse no canto da boca.

— Estou muito ocupado. Tenho de fazer muitas coisas antes de viajar amanhã à tarde.

A notícia pareceu espantá-la.

— Aonde vai?

— Chicago.

— Negócios?

— Assunto pessoal.

— Ah. — Ela pareceu surpresa e um pouco magoada, como se suspeitasse que ele estivesse viajando para se encontrar com alguém. Com alguma mulher.

— Tenho um endereço. — Quando ele se deu conta, já havia soltado a frase. Ele sabia o que ela estava pensando e, apesar de supostamente não ser da conta dela, na verdade era. — Amanhã à noite o Vampiro Ancestral já era. — Ele balançou a cabeça. — Estou cansado de viver assim.

Ela ficou tensa.

— É tão ruim assim ser vampiro? — ela finalmente perguntou após uma longa pausa.

— E não é?

— Poderia ser pior. — Ela deu de ombros. — Minha vida como humana não era grande coisa, então acho que não tenho muito como comparar.

— Mas poderia comparar, sabe. — Garret não sabia bem por que dissera aquelas palavras, a não ser por tê-la notado tão triste e sozinha de súbito, e ele não conseguiu resistir ao súbito ímpeto de cessar a dor de Viv. — Você pode achar seu pai e cortar a maldição — ele a lembrou.

— Matando-o? — Ela balançou a cabeça. — Jamais poderia fazê-lo.

— Você não deve nada a ele, Viv. Nem lealdade. Nem respeito. Nada.

— Mas devo a mim. — Ela o olhou nos olhos. — Você não entende? Não posso fazer a ele o que ele fez à minha mãe. Por mais que ele mereça. Se eu o fizer, estarei descendo ao nível dele. Eu sou diferente. Eu não machuco as pessoas. Não de propósito. Eu... — Os olhos azuis queimaram de desespero e de repente ocorreu a Garret que ela queria lhe dizer algo.

Mas então Viv pareceu pensar melhor. Uma expressão de determinação se acendeu naquele rosto, queimando tudo o mais.

— Ainda temos assuntos pendentes — disse ela, e então tirou a blusa. Não estava de sutiã. Os dedos dela tremeram e Garret percebeu que, nem de longe, Viv estava tão segura quanto queria demonstrar.

E a força de vontade de Garret, já tão vacilante, não precisava passar por mais esse teste.

Ah, mas ele bem que queria. Mais um toque. Mais um beijo. Mais uma chance de estar dentro dela.

Ela tirou toda a roupa e se aproximou.

Ajoelhou-se em frente a ele e baixou-lhe o zíper da calça para segurar aquela manifestação de masculinidade.

— Eu queria tanto lhe tocar antes. Queria tanto que não toquei.

Ele gemeu. Uma gota perolada se formou na ponta do membro. Ela se abaixou e o envolveu com os lábios, roçando as presas na parte de baixo e fazendo Garret sentir um jato de eletricidade.

Ele trincou os dentes, lutando contra a sensação que lhe dominava. Tinha de resistir, recuar. Ao mesmo tempo, era difícil se concentrar naquele objetivo enquanto ela o sugava.

Puxe a droga do freio, dizia-lhe a consciência.

Mas ele não conseguia.

Porque aquilo era real.

Ela era real.

Porque ele a amava.

O último resquício que Viv pudesse ter de hesitação desapareceu ao levantar os olhos e se deparar com o desejo profundo que nadava nos olhos de Garret. Ele a estava acompanhando; ele ansiava pelo toque.

Ela continuou mais um pouco, até que baixou completamente a calça jeans. Depois

ela o fez deitar no chão macio de feno, e então montou sobre ele, absorvendo-o totalmente.

Pele com pele, ela se moveu de maneira lasciva e contraiu os músculos internos.

Um gemido saiu da garganta de Garret e ela viu o susto nos olhos gélidos, parecia que ele estava sentindo tudo tão intensamente quanto ela, e parecia estar com medo.

Ele agarrou os quadris de Viv.

— Senti tanto sua falta. — Ele mergulhou os dedos na carne dela, empinando a virilha para cima ao mesmo tempo em que ela fazia pressão para baixo, e foi pura mágica.

Viviana foi envolvida pela sensação que a levou ao limite, e caiu em um doce mergulho. A sensação recuou quando ela o tirou de dentro de si, e depois o atingiu de novo com força, fazendo pressão para baixo outra vez.

Para cima e para baixo.

Sem parar.

De novo, e mais uma vez.

Até que o prazer se abateu sobre ela e o orgasmo mais depravado lhe fluiu por todo o corpo.

Os olhos dele queimaram de paixão e desejo, e de uma luz possessiva que dizia que ele nunca, jamais a deixaria partir outra vez.

Garret lhe apertou as curvas dos quadris com mais força. Os músculos do braço se contraíram, o corpo ficou rijo e um grunhido rouco de prazer lhe escapou.

Os olhos dele ficaram ainda mais quentes e as presas cintilaram ao luar.

Antes que ela pudesse deter-se, jogou a cabeça para trás e ofereceu o pescoço a ele.

A idéia de que Garret ia recusar passou rapidamente pela cabeça de Viv. Se por um lado ela realmente sentia algo forte por ele, por outro não tinha ilusões de ser correspondida além da mera luxúria. Ele não ia querer nenhuma ligação mais estável.

Mas então ele fechou a boca sobre o pescoço e então... Mergulhou as presas.

Viviana achou o orgasmo fenomenal, mas não foi nada em comparação à onda estonteante que se abateu sobre ela no instante seguinte, tomando-lhe o corpo inteiro.

Mas então ele tirou as presas e a sensação desapareceu. Ele a encarou, os olhos ardendo de perplexidade.

O impacto da realidade a envolveu, e ela então se deu conta de que o pior medo se realizara.

Ele bebera do sangue dela, ligara-se a ela, e agora ele conhecia sua cabeça e seu coração.

Ele soube a verdade.

— Você fez isso comigo — ele grunhiu, e o que ela viu nos olhos dele doeu bem mais do que a estaca vista nos pesadelos. — Você.

CAPÍTULO DEZENOVE

Garret não pegou a estaca para punir Viv por transformá-lo em vampiro tantos anos atrás.

Não, o que ele fez foi muito mais doloroso.

Ele se afastou.

— Não podia deixá-lo morrer — disse ela quando ele lhe deu as costas e foi pegar as roupas.

— Foi você — disse ele, e parecia não acreditar. Mas acreditou. Ela viu na rigidez do corpo ao vestir a calça, na tensão nos ombros ao puxar o zíper. Raiva e mágoa travavam uma batalha dentro dele.

— Sinto muito — disse ela, mas ele nem se dignou a lhe dirigir o olhar enquanto calçava as botas e se levantava.

Ela não o culpava. Mentira demais para ele. Garret não podia mesmo acreditar nela agora.

Ela mentira para si.

Mas chega.

Ele sabia da verdade, e ela também.

Ela o amava. Sempre o amara, mas fora ingênua demais para se dar conta. Tinha muita mágoa das pessoas que amara e a fizeram sofrer, de modo que não queria amar a ninguém mais.

Ela não quisera amá-lo.

Mas amara, razão pela qual o deixara partir. Palavras não eram grande consolo para a dor que ela lhe infligira. Pedir desculpas não apagaria o passado. Só havia uma coisa que poderia resolver a situação.

Ela vestiu as roupas e voltou à cidade para confrontar Matt Keller.

Se os instintos de Viv estivessem certos, Cruz e Molly não estariam muito longe.

"Sinto muito."

A voz suave e desesperada de Viv ecoou na cabeça de Garret quando ele deu a partida na moto e pegou a estrada de terra batida que dava para o pasto do norte.

Uma das rodas passou por um sulco na terra e o guidão balançou com força. A motocicleta não fora feita para aquele tipo de estrada e ele sabia muito bem, mas não conseguia parar. Segurou firme e acelerou ao máximo. Precisava deixar aquela voz para trás. Deixar o passado. A verdade. Ela sentia muito.

E ele sabia que era de verdade. Pois ela o amava. Amava agora e amara antes. Ao se dar conta disso, Garret sentiu uma explosão de felicidade, seguido por uma onda de pavor. Acelerou a moto ainda mais, acelerou ao máximo que podia.

Era Viv a vampira que ele, Jake e Dillon estavam à procura por tantos meses. A chave para retomar a condição humana. A resposta para as preces desesperadas.

A Vampira Ancestral.

E ela teria de morrer.

Era o único modo de libertar a todos. A si. Estava cansado de ser escravo da fera dentro de si. Queria ser normal outra vez. Queria rir. Amar. Ser completo.

Pisou nos freios e parou.

Resolvera fazer o que já deveria ter feito: foi para a cidade.

Estava na hora de voltar a ser humano.

— Onde eles estão? — Viv perguntou quando o xerife Matt Keller abriu a porta, logo depois da segunda batida.

— Sabe que horas são? — Ele esfregou o rosto de aparência cansada e a fuzilou com os olhos.

— Cruz e Molly. Você os conhece, não é? — Ela entrou no quarto dele e fechou a porta. O olhar penetrou a escuridão, tocando todos os cantos, pois ela esperava que os dois vampiros pulassem sobre ela.

Ou melhor, tinha esperança de que isso acontecesse. Assim tudo acabaria e seria o fim daquela dor que lhe torcia o coração.

— Você os conduziu a mim em Washington e os está conduzindo a mim agora — disse ela. — Onde eles estão? Diga que eu vou atrás deles. Estou cansada de esperar. Quero acabar logo com isso.

Ele acendeu uma luz próxima. A pequena lâmpada gastou as sombras e revelou uma mochila gasta perto a cama. O distintivo e a arma estavam na mesa de cabeceira, ao lado de uma garrafa de refrigerante pela metade. Ele a olhou.

— Você andou bebendo?

— Sei que você sabe onde eles estão. Diga.

— Não faço a menor idéia do que está dizendo senhora, mas pode ter certeza de que vou adicionar "loucura" à sua ficha.

— Sei que você trabalha para Cruz e Molly. O que você é? Um escravo de sangue? — Isso explicaria por que ela não conseguia ler os pensamentos dele. Os escravos sabiam bloquear os pensamentos.

Mas os olhos dele não cintilavam. Ela observou os olhos verdes aumentando, brilhando mais e mais forte.

— O que você é? — perguntou ela outra vez. Por mais que esperasse que ele fosse um escravo de sangue, o instinto lhe dizia que não era nada disso.

— Eu deveria estar lhe fazendo essa pergunta. — Ele deu um passo à frente. — Sei que você não é humana. Dá para sentir.

Aquele corpo grande se agigantou sobre o dela, e Viv recuou alguns passos.

Loucura, não é? Ela era uma vampira grande e má.

Mas Matt Keller parecia tão perigoso quanto ela. Ele emanava força e um ar cruel, que a fez pensar se ele não queria livrar Cruz e Molly de ter o trabalho de matá-la, e cuidar ele mesmo dessa tarefa.

— Você é como eu, não é? — inquiriu ele. — É sim. Tem de ser. Você é forte demais para ser humana. Diferente demais. — O olhar brilhou ainda mais e ele abriu a boca. Então

ela viu os dentes. Não eram apenas duas presas, mas fileiras delas. Um rosnado vibrou na garganta dele. A verdade surgiu.

— Você é um lobisomem? — Já era difícil demais aceitar a realidade. Tinha de haver outra explicação — Não acredito. Isso não existe.

Ele soltou um uivo estranho e animalesco, que espantou qualquer resquício de dúvida.

— Ah, meu Deus.

— Deus não teve nada a ver com isso. — Ele relaxou a expressão e o ar selvagem foi desaparecendo.

— É genético, ao menos foi o que meu pai me disse. E é raro. E, lamento dizer, mas não uivo para a lua. — Ele lhe lançou um olhar incisivo.

— Não que seus instintos estejam errados. Não sou humana, mas também não sou como você. Sou uma vampira.

Ele olhou para ela como se Viv tivesse acabado de dizer que havia dado à luz um alienígena de três cabeças no Oregon.

— Isso não existe.

E quem estava dizendo que era um lobisomem?

— Escute, meu chapa, se lobisomens podem existir, vampiros também podem.

— Não existem lobisomens. Só um. Eu. — No minuto seguinte, Keller aparentou ser a criatura mais solitária do mundo, e Viv entendeu por que ele viera de Washington. — Sou o único que sobrou depois que meus pais morreram. Por isso estava tão determinado em lhe encontrar. Achei que talvez... Enfim... — Ele balançou a cabeça e a encarou. — Tem certeza de que você não é como eu?

Pode apostar. — Para provar, lhe mostrou as Presas. Contou-lhe a história resumida de sua vida explicou que estava sendo seguida por dois vampiros decididos a acabar com ela. — Achei que você os conhecia. Sinto muito mesmo. — Olhou para os lençóis amarrotados. — Não queria acordá-lo.

— Eu não estava mesmo conseguindo dormir. — Olhou a janela aberta. Ao longe, a lua estava cheia e redonda. — Faz dois dias que a lua está cheia. É quando eu devo acasalar. Ao menos, acho que é. Até porque nunca fiz isso, mesmo porque nunca vi fêmea da minha espécie. Ou seja, acabo ficando com humanas. Não é a mesma coisa. Não que eu saiba na prática, mas sinto isso. — Ele se calou como quem sentia ter falado demais. — Não quero lhe encher os ouvidos. É só que não tenho muita chance de falar sobre esse assunto. E não ache que me interrompeu. Nunca durmo muito mesmo, principalmente nessa época do ano. Já tentei tomar calmantes, leite quente, nada dá jeito.

— Você realmente uiva para a lua?

— Você realmente suga sangue?

— Entendi o recado. — Ela sorriu, ele retribuiu e, a despeito do fato de ele ser um lobisomem e ela ser uma vampira, Viv na verdade sentiu certa camaradagem. Não era a mesma conexão que sentia com Garret, é claro. Com Garret a coisa era mais profunda.

Mas isto... Isto era ótimo.

De repente ela entendeu por que Garret estava tão ansioso para descobrir e matar o

vampiro que lhe transformara.

Ele não estava fazendo aquilo por si.

Estava fazendo pelos amigos.

Ao menos era o que queria fazer. Mas não teria ta oportunidade, pois Cruz e Molly estavam prestes as adiantar a ele.

Viv teve certeza da proximidade dos dois no momento em que sentiu um arrepio na nuca e um frio na espinha. A porta se abriu atrás dela.

Ela se virou a tempo de ver Cruz lhe dar o bote, com uma estaca na mão e o pensamento carregado de morte.

CAPÍTULO VINTE

Viv não se mexeu quando o vampiro deu o bote. Ela apenas fechou os olhos e se encolheu, esperando pela dor.

Mas em vez de sentir o golpe incisivo da estaca, sentiu a mão de Matt Keller no braço.

— Corra — ele disse, empurrando-a para longe. A estaca o atingiu no ombro e um uivo intenso encheu o recinto.

Os olhos dele incandesceram e, quando ele estava quase agarrando Cruz pelo pescoço, Molly entrou correndo.

— Não! — Viv berrou, mas a vampira já havia alcançado Keller e estava com as presas cravadas no pescoço do xerife.

Ela se levantou e correu para socorrê-lo, mas Cruz a pegou pelos cabelos.

— Desta vez você vai morrer — disse ele ao virá-la e jogá-la contra a parede. Ela bateu com a cabeça na placa de reboco. A dor se espalhou pelo crânio e as vísceras trincaram. Raiva e necessidade de sobreviva brotaram dentro de Viviana.

Viva, dizia o canto animalesco dentro dela.

Destrua.

— Vá em frente — arriscou ela. Já era tarde demais para salvar Keller, mas ainda dava tempo de salvar os demais — Vamos lá, vá em frente.

Ele levantou a estaca no ar e ela fechou os olhos.

— Não! — A voz de Garret ultrapassou a batida frenética do coração de Viv, cujos olhos se abriram a tempo de vê-lo pegando a estaca no meio do caminho.

Cruz voltou-se para ele com os olhos vermelhos de fúria.

Viv tentou se aproximar para ajudar, mas Molly a deteve. Viv foi atirada outra vez contra a parede, que soltou pedaços de argamassa.

A visão dela ficou turva devido ao impacto, mas um lamento ruidoso a puxou de volta

ao presente.

Viv ficou de pé no momento em que Garret fincou a estaca no peito do vampiro. Cruz tropeçou para trás com uma expressão de surpresa no rosto. Ele balançou e finalmente desmoronou.

— Molly. — O nome saiu dos lábios dele e então o corpo ficou rijo e sem vida.

— Querido? — Molly caiu no chão junto ao corpo de Cruz e lhe tocou o rosto. — Vamos lá. Abra os olhos — ela implorou. — Não faça isso comigo. Combinamos de ficar juntos para sempre. Lembra-se? — sacudiu a cabeça de maneira frenética e tocou o peito dele, de onde tirou a estaca. — Para sempre.

Quando Viv achou que Molly ia cravar a estaca nela voou em sua direção, mas Garret a segurou, segurando-lhe o pedaço de madeira das mãos. Ele era um vampiro mais velho e, portanto mais forte. Logo a soltou.

— Vou dizer uma vez só. — Jogou-a no chão e ergueu a estaca. — Você pode terminar como seu amigo aqui ou pode cair fora. A escolha é sua, e é melhor escolher rápido. Antes que eu mude de idéia.

— Vá se danar. — Molly deu um bote com todo o ímpeto que possuía.

Viv se jogou sobre ela e ambas foram arremessadas contra a porta. Ela agarrou os cabelos de Molly, segurando-a pelo braço, e a mulher ficou dura.

Molly engasgou e começou a perder sangue pela boca quando ela tentou ir para frente. Viv se desvencilhou de Molly, e foi quando viu o pedaço pontiagudo da porta de madeira cravado entre o ombro e a omoplata.

Garret estava a poucos centímetros, os olhos emanando uma luz protetora e algo além. Algo que acelerou os batimentos cardíacos de Viviana.

— Você está bem?

— Você me salvou — disse ela em tom acusatório.

— Por quê? *Porque eu amo você.* Era o que o olhar dele dizia, mas ela não queria ver.

Precisava escutar aquilo.

Antes que Viv pudesse abrir a boca outra vez, veio um gemido do outro canto. Ela virou e viu que Matt Keller já estava de pé. Ainda lhe saía sangue do pescoço e ele estava terrivelmente pálido, mas o ferimento já começara a fechar.

— Não diga. Lobisomens têm capacidades regenerativas.

—Você sabe. — Ele deu alguns passos cambaleantes para trás e desabou sobre a beira da cama.

— Talvez seja melhor você descansar. — Viv o alcançou num piscar de olhos e o fez se deitar de novo. Deu uma olhada no ferimento e a pele realmente estava se recompondo. — Sei como funciona com os vampiros. Uma soneca e ficamos ótimos.

— Dormir é bom. —Você precisa de alguma coisa?

— Só de paz e sossego. Viv se virou para Garret.

— É melhor tirá-los daqui — disse ela, referindo-se a Molly e Cruz. Eles ainda estavam intactos, mas ao amanhecer os corpos começariam a desintegrar.

Quando terminaram de remover os corpos, Viv se voltou para ele. Já esperara tempo demais pela verdade.

— Você não respondeu à minha pergunta. Por que me ajudou quando Cruz ia me matar? Você devia tê-lo ajudado.

— Jamais lhe deixaria morrer.

— Esta decisão não cabe a você. Meu pai o obrigou a isso.

— Não obrigou, não. Ele lhe tirou a condição humana, mas não lhe tirou a alma, Viv. Você ainda é uma boa pessoa. Você não estava tentando ferir Cruz e Molly. Você os ajudou. Você fez o que eles lhe pediram.

Você nunca pediu. — Teria pedido. Se eu soubesse o que você era, teria pedido. Eu teria implorado pela chance de estar com você outra vez, para tocá-la, beijá-la, conversar com você.

— O que você está dizendo?

— Que eu amo você. Sempre amei você.

— Porque eu era uma vampira.

— Eu a amava naquela época e a amo agora, independentemente de você ser vampira. E não deixarei que se sacrifique. Você não estava disposta a fazer mal a ninguém. Você fez o que achou certo.

— Mas...

— Sem mais nem porquê. — Os olhos de Garret brilharam de amor sincero. — Você deu a todos eles a chance de corrigir seus erros — continuou. — A chance de viver, de amar. Se eles não quiseram isso, se a fome os levou a seguir o caminho errado, é problema deles. Você não deve nada a ninguém.

Mas Garret devia.

Jake. Dillon. Apesar de não tê-los atacado de propósito, eles eram amigos. Eles continuaram amigos apesar de ele tê-los condenado. Estavam ao lado dele, esperando com paciência, procurando pelo Vampiro Ancestral.

Aliás, Vampira Ancestral. Viv.

Mas ele não ia entregá-la.

Ao mesmo tempo, não podia decepcionar os amigos. Ele vivera satisfeito como vampiro até conhecer Jake. Jake o fizera lembrar o homem que fora um dia, e assim ele passou a sentir falta da condição humana, pois Jake sentia falta.

Garret viu a verdade ao olhar para Jake e Nikki.

Eles queriam tanto ficar um com o outro. Queriam ser normais. E dependiam de Garret para que isso acontecesse.

— Mas ele não sacrificaria a mulher que amava. Tinham um vínculo. Ela era dele, agora e para sempre ele a defenderia até o fim.

Não ia sacrificar Viv para que os amigos pudessem voltar a ver a luz do dia.

Nem precisava.

Fora ele quem tirara a condição humana de Jake, e ele mesmo a devolveria.

— Não. — Viv balançou a cabeça. — Você não vai...

— Chega de conversa. Preciso estar dentro de você esta noite.

A última noite dos dois.

Pois Garret estava cansado de viver sob culpa e arrependimento. Devia isto a Jake e estava na hora de pagar.

Ele tomou Viv nos braços e foi para a casa principal.

CAPÍTULO VINTE E UM

Garret a levou para dentro de casa e seguiu para o porão.

O quarto dele. Ela soube ao olhar para a espaçosa área com os abrigos e a cama *king size*.

Garret a pôs de pé, acendeu a luz e virou-se para j ela. O olhar queimava com uma intensidade que fez o j corpo de Viv tremer.

Ela sabia o que ele ia fazer.

Não por ter lido os pensamentos dele. Ainda que estivessem ligados, ela ainda não conseguia enxergar dentro da cabeça dele, que erguera um muro mental para isolá-la.

Não, ela sentiu a verdade no modo urgente como ele a tocou, a beijou, como se quisesse misturar o momento à memória.

Foi com esforço que ela afastou os lábios dos dele

— Você não pode... — ela começou a dizer, mas então ele a beijou outra vez, silenciando-lhe as palavras.

Ela o envolveu com os braços e apertou forte, se recusando a soltar. Nem agora nem nunca.

Viv respirou de forma ruidosa quando ele afastou lábios e deixou uma trilha ígnea do pescoço ao vão entre os seios. Então ele a soltou e as mãos começaram a cuidar dos botões da blusa com movimentos urgentes, de quem não tem um segundo sequer a perder. Depois ele lhe abriu o sutiã e abarcou os seios inchados. Abaixou a cabeça e mergulhou a boca em um dos mamilos para sugar a carne sensível com gula.

Ela correspondeu à impetuosidade de Garret levando as mãos ao cóis da calça jeans. Ouviu o gemido que ressoou da garganta dele quando passou a mão no tecido protuberante. Impaciente, ela baixou o zíper e enfiou as mãos dentro.

Quente e duro, o membro pulsava, e inchou ainda mais quando ela o envolveu com os dedos.

Ele levantou a cabeça e a capturou com o olhar abrasador, atijando o fogo que já começara a crescer dentro dela. Viv beijou a base do pescoço enquanto a mão subia e descia por sobre a manifestação do desejo de Garret. Ela lhe aplicou uma chuva de beijos no peito e lhe lambeu o mamilo.

— Preciso sentir seu calor ao meu redor, suas doces presas em meu pescoço — disse ele, com os lábios vibrando suavemente sobre os dela.

Então a beijou mais uma vez, adentrando-lhe a boca com a língua para explorar e saborear. Ele roçou a ponta de uma das presas e Viv sentiu a pressão entre as pernas. Garret traçou o monte do seio com a língua e ela soltou um gemido quando ele começou a sugar o tnamilo outra vez.

Viv enfiou as mãos nos cabelos dele, trazendo-o mais para junto de si. Ele roçava a pele dela com as presas afiadas, mas não a mordia. Não, ele queria o que ela lhe sonegara na última vez.

Ele sugou e ela sentiu ondas de calor crescerem dentro de si, ascendendo como lava derretida, até sentir-se a ponto de explodir.

Mas não ia explodir. Ainda não. Só quando eles realmente fossem um só.

Em um movimento ágil, Garret abriu o zíper da calça jeans de Viv e puxou para baixo. Então a agarrou com os braços poderosos e a levantou. Ela o envolveu com as pernas enquanto ele a encaixava no membro rígido, e a fricção causou espasmos de eletricidade no corpo delicado.

Ela nem soube quando ele moveu os corpos de ambos. Só sentiu a cama contra as costas, o calor pulsante entre as pernas. Levantou a cintura, segurou as nádegas musculosas e o trouxe mais para dentro, mais fundo, sentindo o desejo tomar conta de tudo.

E ela queria mais. Muito mais.

Chegaram juntos ao ápice em um verdadeiro frenesi primitivo. Eles ardiam de desejo e o desespero era um afrodisíaco potente que lhes aguçava os sentidos e despertava o apetite.

Ela o puxou para baixo ao sentir as primeiras ondas de prazer. Uma fera surgiu dentro de Viv, que desta vez não resistiu. O desejo veio como um jato.

Ela sentia a pulsação dele na língua, implorando a ela que cravasse fundo as presas, mas ela não conseguia beber do sangue dele. Já tirara demais dele.

— Você não me tirou nada. — Ele grunhiu ao pé da orelha de Viv. — Você me deu. Você queria que eu vivesse e me deu de volta a vida que aqueles bandidos me tiraram. Você não me deve nada, meu bem. Sou eu quem lhe devo. — Ele segurou-lhe a nuca, trazendo-a para perto, pressionando as presas dela contra o próprio pescoço até ela cravar fundo.

A doce essência de Garret encheu a boca de Viv, que recebeu uma descarga elétrica de chamear os nervos. — Beba — ele incitou, e ela não se conteve. Viv bebeu dele e saboreou o míssil de calor que se espalhou por ela, bombardeando-a entre as pernas.

Ela sugou mais forte e mais rápido, refestelando-se com o pescoço dele do mesmo jeito que o corpo se refestelava com a ereção dura. Viv arqueou o corpo e o fez entrar ainda mais. Ele gemeu e mergulhou com tudo. Ela se agarrou a ele enquanto Garret se dava inteiro a ela. O sangue. O corpo. A alma.

Ao se dar conta disso, ela se forçou a afastar a boca. Olhou para ele e encontrou olhos queimando de emoção.

Mais ainda, sentiu a emoção no modo com que ele lhe cobriu os lábios e a beijou. De maneira lenta. Com ternura. Ele a amava.

E ela o amava.

E, pelos momentos seguintes, enquanto ela o agarrava com força, foi como se o mundo desaparecesse aos poucos.

— Não vou deixar você ir embora — ela murmurou ao pescoço dele, com voz carregada de convicção.

Ela não teve forças para salvar a mãe tantos anos atrás, mas agora tinha forças. E não ia deixá-lo lhe dar as costas e partir outra vez.

Ela imploraria. E ele ia ouvir. Não ia deixá-la.

Foi o que ele procurou dizer a si. Mas à medida que os minutos foram passando, e o amanhecer foi chegando, Viv sentiu um aperto no coração e, quando deu por si, ele já havia ido.

Garret estava dormindo um sono pesado.

Viv ficou parada ao lado dele na cama, olhando o corpo musculoso espalhado nos lençóis brancos. Estava deitado de bruços, o braço ainda esticado ao longo do corpo, cobrindo a marca feita pelo corpo dela.

Ele não se mexera quando ela saiu da cama, apesar de ainda estar escuro; ele devia estar no ápice da força agora, principalmente depois do sexo.

Mas, por mais energia que ele tivesse dado, ela também recebera ao beber do sangue dele, de modo que Garret estava destruído. Ele precisava de ao menos umas duas horas de sono para retomar as forças.

Então ele levantaria da cama e faria o impensável. Isso se ela não tomasse uma atitude antes.

Viv tocou a pele firme do ombro dele, pegou a bolsa e foi salvar Garret Sawyer de si.

Eram quase cinco da manhã e tudo na cidade já havia fechado há muito tempo. As ruas estavam escuras e sombrias quando Viv seguiu de carro até a Skull Creek Motos. O pequeno sinal de neon cintilava na vitrine. Os sentidos dela foram sobrecarregados por estar tão perto dos outros dois vampiros que estavam no interior da loja.

Ela entrou no estacionamento, desligou o motor e desceu do veículo. A porta estava trancada e ela bateu. Esperou alguém atender, sentindo a dúvida galgando-lhe a espinha. Quase desistiu.

Quase.

Mas ela amava Garret demais para deixar que se sacrificasse tanto por ela. Sabia que ele estava tentando salvá-la e não ia permitir. De novo, não.

Estava farta de só receber de Garret. Estava na hora de retribuir.

A porta se abriu e ela se deparou com um vampiro alto e belo. Tinha longos cabelos negros, olhos azuis e expressão perplexa.

— Jake McCann? — perguntou ela, e ele fez que sim. — Meu nome é Viviana Darland. Tenho algo que você quer, e preciso devolver. — Então ela entrou na loja, abriu o jogo sobre o passado, o futuro e o que estava para acontecer caso ele não lhe cravasse uma estaca no coração imediatamente.

Então ela esperou que Jake tirasse a decisão das mãos de Garret e livrasse a todos

da desgraça.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Garret estacionou a picape perto do portão do pasto ao leste e desceu do veículo. Deu um pulo rápido e parou do outro lado da cerca onde mantinha os cavalos de corrida. Estavam espalhados. Um estava mastigando feno ao longe. Outros vieram galopando ao ouvir o barulho da picape. Só Delilah estava por perto, mastigando o que restava do bloco de feno que ele jogara por lá na semana anterior.

— Calma, garota. Não estou aqui para lhe incomodar. — Garret levantou as mãos. — Desta vez, não.

Ela recuou alguns passos e arregalou os olhos, com medo, demonstrando não confiar nele.

Não confiava nem jamais confiaria, mas isso não tinha mais importância, pois Viviana Darland o amava.

A verdade invadiu sua mente e ele relaxou os musculosos tensos. Ela o amara como homem e o amava como vampiro, e esta emoção preenchia o vazio que lhe assombrara por tanto tempo.

Ele se deu conta então de que todas as tentativas desesperadas de retomar a condição humana na verdade não tinham nada a ver com saudade do que ele já fora... Mas sim por odiar o que se tornara. Inquieto. Solitário. Vazio. Queria muito mais sentir-se completo do que virar humano de novo.

E ele ficara tão completo naquelas poucas semanas que passara com Viv.

Mas então ela se foi.

Foi isso que o destruiu. Não foi perder a condição humana, mas perder Viv. Não passara um século inteiro se lamentando por ter se tornado vampiro. Tirando o fato de não poder se despedir da família, na verdade gostava de ser vampiro. Claro que não morria de amores pela transformação anual, mas aprendeu a controlar a situação, exceto no que dizia respeito a Jake e Dillon. E se por um lado ele se arrependia de tê-los mordido, por outro lado não se arrependia do elo que formaram.

Eles eram amigos.

Eram a família.

Não, Garret começara a apreciar as vantagens de ser vampiro. Gostava de ser forte. De ler pensamentos. De ser ótimo na cama.

Até que viu Jake se apaixonar por Nikki. Então se lembrou de como era estar apaixonado, apaixonado de verdade, e sentiu falta.

Ele sentira saudades de Viv.

Ela agora voltara para ele e lhe dera o mais precioso dos presentes: amor. E ele estava em dívida com ela.

Amor.

Proteção.

Ele já eliminara os vampiros que lhe ameaçavam a existência. Menos um.

Jake já lutara demais para simplesmente desistir de voltar a ser humano, ainda mais com Nikki sendo humana. Claro que eles podiam procurar pelo pai de Viv, mas ele podia estar em qualquer lugar do mundo. Não tinham a menor pista. E, mesmo se conseguissem localizá-lo, Viv jamais permitiria que o destruíssem. Ela se sacrificaria para salvar a todos, nem que fosse para provar que não era como o homem que transformara a infância dela em um inferno.

Podia ser vampira, mas jamais faria mal a ninguém de propósito.

Ele agora sabia disso. Agora a conhecia.

Conhecia a cabeça de Viv.

O coração dela.

Ele também sabia que seria capaz de fazer qualquer coisa que estivesse ao alcance para mantê-la em segurança.

Eliminara dois vampiros que a ameaçaram, e agora estava na hora de tomar cuidado com a ameaça final.

Garret caminhou vários passos até alcançar a árvore que ficava perto do fim do pasto. Era a mesma árvore na qual acampara naquela noite tanto tempo atrás, quando fora atacado e deixado à morte.

Viv o salvara, e agora era a vez de ele retribuir o favor. Ele devolveria a condição humana de Jake e Dillon, e a busca pelo Vampiro Ancestral terminaria. Sentou-se e recostou-se à árvore com as pernas esticadas.

Então começou a olhar fixo para o horizonte ao leste e esperou o sol nascer.

"Garret". o nome veio sussurrado pelo vento e Garret chegou a achar que fosse imaginação. Até sentir um cutucão na perna.

Abriu os olhos e viu Jake de pé, bem em frente. O horizonte detrás dele tinha tons de laranja e uma fumaça fraca sussurrava ao redor. Agora estava quase na hora. Ele podia sentir pela calma nos músculos e pelo cansaço nas pálpebras que se fecharam outra vez. Então sentiu o bico de uma bota contra a perna.

— Seu idiota, filho da mãe! — Era a voz de Jake outra vez, puxando-o da exaustão e do sonho que estava tendo.

Ele e Viv estavam juntos. Ela o amava e ele a amava, e tudo estava certo no mundo.

— Vamos! Levante! — A voz de Jake ficou mais forte, obrigando Garret a abandonar o falso otimismo.

Nada estava certo e não haveria "felizes para sempre" algum. Não para ele.

Mas tudo bem. Ela estaria em segurança. Viva.

— Deixe-me em paz — disse ele quando Jake o cutucou de novo.

— E deixar você fritar por causa de uma mulher? Que diabos está havendo com

você?

Ele abriu os olhos e encarou o amigo.

— Ela é a Vampira Ancestral. É o único jeito.

— Você a ama?

— O que isso tem a ver?

— Ama?

— Sempre amei.

— Então se esqueça dessa bobagem de auto-sacrifício, levante daí e faça alguma coisa.

— Mas você e Dillon...

— ... não vamos durar nem dois dias sem você para nos encher o saco. — Jake se acocorou em frente a Garret. — Precisamos de você, cara.

— Você precisa voltar a ser humano.

— Sempre achei isso. Achava que, se pudesse voltar e apagar os últimos cento e poucos anos, me sentiria diferente. Voltaria a ter esperanças, otimismo, liberdade. Passei tanto tempo como escravo da fome que só queria me libertar. Então conheci Nikki.

— E passou a querer ainda mais.

— Só porque achei que ela quisesse isso! Mas ela me ama, mesmo que eu jamais me torne humano outra vez. Ela me ama do jeito que sou. E vai continuar me amando, por toda a vida ou pela eternidade. Meg sente o mesmo por Dillon. E Viv sente o mesmo por você. Ela o ama, cara. Não estrague isso. — Levantou-se. — Levante o traseiro daí que vou levá-lo para casa.

Mas Garret não podia, pois já sabia o que Jake estava pensando, ou seja, em correr atrás do vampiro que transformou Viv.

— Eu sei do pai dela — disse Jake, como se lesse os pensamentos de Garret. — Ela me contou.

— Você conversou com ela?

— Ela veio a mim e se ofereceu. Queria tomar a decisão longe de você. Então me disse quem ela era e me pediu para matá-la. — Antes que Garret pudesse se mexer, Jake levantou a mão. — Calma. Não toquei nela.

— Por que não?

— Pela mesma razão pela qual você está sentado aqui agora, pronto para fritar. Somos amigos, Garret. Agora e sempre. Se você a ama, para mim já basta.

— E para mim também. — Dillon apareceu por detrás de Jake.

— Idem para mim — acrescentou Meg ao aparecer ao lado de Dillon.

— Mas para mim não basta. — A voz doce de Viv lhe deslizou ouvidos adentro e ele a observou se aproximar.

Ele então se levantou, apesar da fadiga. Mas, de repente, ele não estava mais sentindo nem metade do cansaço de minutos atrás. Viv estava lá. Agora. Ela alimentava a força dele de um jeito que ultrapassava o sangue e o sexo. Ela lhe alimentava a alma. Com

seus sorrisos e gargalhadas.

— Quero mais do que o seu amor — disse ela ao parar a poucos centímetros de Garret, transparecendo determinação nos belos traços do rosto. — Eu quero você. Em todos os momentos do dia. Todo dia, a partir de hoje, e para sempre. — Ela roçou os dedos no maxilar de Garret, cujos olhos cintilaram de emoção.

— Por favor, não faça isso.

Garret suspirou. Pelo jeito, não tinha escolha, mesmo que quisesse. E não queria ter escolha.

— Então vamos combinar que isso pára por aqui.

— Ele olhou o pequeno grupo. — Nada mais de procurar pelo Vampiro Ancestral. Essa história acaba aqui e agora.

— Aqui mesmo — acrescentou Jake.

— Agora mesmo — concordou Dillon, solene.

— Além do que, ouvi falar que ter dentes de vampiro é o último grito da moda — disse Nikki.

— Os melhores de Skull Creek já têm — disse Meg.

Garret sorriu e voltou-se para Viv. A expressão dele se desfez ao olhar para a mulher que amava. A vampira que sempre amara.

— Vamos dar o fora daqui — murmurou ele. E então ele a tomou nos braços e a abraçou com força.

EPÍLOGO

Estava com uma dor de cabeça desgraçada.

O xerife Matt Keller se forçou a abrir os olhos diante do sol ofuscante que penetrava pelas persianas, e fez uma careta de dor.

Sentia-se como se tivesse bebido a noite inteira e desmaiado em um beco qualquer. O corpo inteiro estava duro, os músculos tensos. Um berro se formou na garganta dele quando se sentou.

Piscou e olhou ao redor.

Então piscou de novo, pois estava tudo diferente de quando ele entrara debaixo das cobertas na noite passada.

A porta pendia de uma das dobradiças e todos os móveis do recinto estavam destruídos. Havia uma enorme marca em uma das paredes e resíduos de uma placa de reboco no chão. Parecia que Godzilla tinha encontrado King Kong, e que nenhum dos dois vencera.

Que diabos...?

Ele fechou os olhos e tentou se lembrar. Dera outra conferida no estacionamento

para ver se encontrava o carro de Viv Darland, depois foi para a cama, ligou a televisão para passar o tempo e esperar pela chegada dela. Queria conversar com ela. Fazê-la confessar.

E foi exatamente o que ele fizera, mas só depois que ela bateu à porta. Lembrava-se das acusações, da revelação. Do ataque.

Grande porcaria.

Ele fora mordido por um vampiro.

Como seja não tivesse problemas demais.

Levou a mão ao pescoço, mas o ferimento já fechara graças ao DNA de lobisomem. As únicas lembranças da noite anterior eram as imagens bastante reais no pensamento e o solo de guitarra do Metallica que lhe martelava a cabeça.

Ah, e aquela velhinha à porta. Toalhas lhe engoliam os braços e ela tinha uma expressão de desaprovação.

Ela olhou a bagunça e arqueou uma sobrancelha.

— Espero que saiba que isso significa que não vai receber seu depósito de volta.

Ele deu de ombros.

— Já imaginava.

Ela olhou ao redor de novo e depois voltou a fitá-lo.

— Sempre dorme nu?

— Gosto de ficar confortável.

— Eu também. Sabe, você não é nada feio. Se quiser um encontro romântico, posso lhe ajudar.

— Obrigado, não.

— Se mudar de idéia, me avise. Há muitas meninas lindas por aqui.

O corpo dele pareceu reviver só de pensar. Sentiu o membro se manifestar, de modo que abraçou um travesseiro entre as pernas antes que a velha percebesse.

— Estou muito ocupado a trabalho. Quem sabe da próxima vez.

— Como desejar. — Ela deu de ombros e saiu batendo os sapatos ortopédicos.

Ele tirou o travesseiro e olhou para baixo. O que antes era um membro agora se transformara em um monstro. Jamais fora desprovido de equipamento. Afinal, era um lobisomem: macho alfa primitivo, líder da matilha.

Mas isto...

Isto dava outro sentido à palavra "enorme" e o fazia imaginar que tipo de mudanças nada pequenas estariam à espera agora que fora mordido por uma vampira.

Só o tempo diria.

~~~~~